SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Daniela Pereira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zeccin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega
Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

APOLÓNIO DE RODES

ARGONÁUTICA,
LIVROS I E II.
ESTUDO INTRODUTÓRIO,
TRADUÇÃO E NOTAS

TRADUZIDO POR

ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO TITLE

Apolónio de Rodes. *Argonáutica*, Livros I e II. Estudo Introdutório, Tradução e Notas
Argonautica. Books I and II. Literary Study, Translation and Notes.

TRADUZIDO POR TRANSLATION FROM THE GREEK

Ana Alexandra Alves de Sousa

<https://orcid.org/0000-0001-6515-1668>

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto CONTACT

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Jorge Neves

Projeto CECH-UC:

UIDB/00196/2020 – Centro de
Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-2135-7

ISBN Digital

978-989-26-2136-4

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2136-4>

Depósito Legal Legal Deposit

© março 2021

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Unversitatis
Conimbrigensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

APOLÓNIO DE RODES

Argonáutica, Livros I e II. Estudo Introdutório, Tradução e Notas

TRADUZIDO POR TRANSLATION FROM THE GREEK
Ana Alexandra Alves de Sousa

FILIAÇÃO AFFILIATION

Professora Auxiliar da Universidade de Lisboa

RESUMO

Esta tradução colmata uma falta grave no panorama literário e tem a particularidade de permitir ao leitor identificar linhas de leitura. De facto, o poeta constrói com os lemas da *Argonáutica*, quase tanto quantos os da *Odisseia*, sentidos que facilmente passam despercebidos ao leitor atual, afastado do original pela barreira linguística.

Assim, a tradução que apresentamos é a primeira feita com a preocupação de manter os lemas identificáveis. Pretendemos que o leitor contemporâneo reconheça como o leitor alexandrino, os paralelismos com outros episódios dentro do poema, as evocações subteis de personagens e de momentos.

Nas notas esclarecemos o hermetismo de alguns passos, típico da poesia alexandrina, e também quisemos que se identificasse algum do trabalho feito com as fontes, sobretudo a homérica.

A introdução integra o poeta na sua época e oferece uma perspetiva de análise própria de alguns passos do poema, nomeadamente da invocação e da éfrase do manto de Jasão. Todos os lugares da viagem de ida mereceram também comentário, pois deles partem diversos caminhos que levam à diegese, à estética literária alexandrina e à própria época ptolemaica.

PALAVRAS-CHAVE

Época ptolemaica, poesia alexandrina, éfrase, invocação, lemas, viagem de ida, Argonautas, sentidos velados

ABSTRACT

This translation fills a serious lack in the literary panorama and has the particularity of allowing the reader to identify lines of reading. In fact, the poet builds with *Argonautica*'s lemmas, almost as many as those of *Odyssey*, meanings that easily go unnoticed by the current reader, secluded from the original by the linguistic barrier.

This translation is the first one done with the concern of keeping the lemmas recognizable. We want the contemporary reader to identify, as the Alexandrian reader, the parallels with other episodes within the poem, the subtle evocations of characters and moments.

In the notes we clarify the most difficult passages and we also identify some of the work done with the sources, especially the Homeric.

In the introduction we integrate the poet in his time and we analyse the invocation and the ecphrasis of Jason's mantle. All the places on the outward journey also deserve comment, since from them there are several paths leading to the story, to Alexandrian literary aesthetics and to the History itself.

KEYWORDS

Ptolemaic era, *Argonautica*, Apollonius of Rhodes, Argonauts, lemmas, invocation, ecphrasis, hiding meanings, outward journey

AUTORA

Ana Alexandra Alves de Sousa tem Doutoramento em Estudos Clássicos. É Professora Auxiliar da Universidade de Lisboa, onde ensina atualmente Grego Antigo, Cultura Grega e Literatura Grega. As suas áreas de investigação são a época helenística e, em particular, Apolónio de Rodes, o *corpus* hipocrático e o teatro ático do século V aC. Dos seus trabalhos mais recentes destacam-se: em 2021 “Limiares ou Mudanças Anunciadas, em Apolónio de Rodes”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 23, 199-223; em 2020, “Lemnos e Drépane: a voz política das mulheres em Apolónio de Rodes”, in: F. Rebelo, M. M. Miranda (coords.), *O mundo clássico e a universalidade dos seus valores: da Antiguidade ao nosso tempo*. Vol. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 135-148; em 2019, “O surgimento da crítica textual na época alexandrina”, in: A. Silva (ed.), *Inscrições da Tradição Clássica e Oriental na Contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 10-19.

AUTHOR

Ana Alexandra Alves de Sousa has a PhD in Classical Studies. At the University of Lisbon currently she teaches Ancient Greek, Greek Culture and Greek Literature. Her research areas are Hellenistic period and, in particular, Apollonius of Rhodes, the Hippocratic *corpus*. Some of her most recent works are: in 2021, “Limiares ou Mudanças Anunciadas, em Apolónio de Rodes”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 23, 199-223; in 2020, “Lemnos e Drépane: a voz política das mulheres em Apolónio de Rodes”, in: F. Rebelo, M. M. Miranda (coords.), *O mundo clássico e a universalidade dos seus valores: da Antiguidade ao nosso tempo*. Vol. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 135-148; in 2019, “O surgimento da crítica textual na época alexandrina”, in: A. Silva (ed.), *Inscrições da Tradição Clássica e Oriental na Contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 10-19.

ÍNDICE

Prefácio	11
Introdução	15
Bibliografia	51
APOLÓNIO DE RODES	
<i>Argonáutica</i> , Livros I e II. Estudo Introdutório, Tradução e Notas	57
Livro I	59
Livro II	123

PREFÁCIO

Era imprescindível traduzir em língua portuguesa a epopeia helenística de Apolónio de Rodes, pois remonta ao século XIX a sua última tradução, feita a partir do original grego por José Maria da Costa e Silva, com o título *Os Argonautas. Poema de Apollonio Rhodio*, e publicada em 1852 pela Imprensa Nacional. Trata-se de uma tradução em verso isossilábico, o que, inevitavelmente, obriga a omissões de termos e a outras alterações do original¹.

Mas não foi apenas a falta de uma tradução no panorama literário português que nos motivou. O convívio com a *Argonáutica* levou-nos a uma perceção clara da existência de linhas de leitura veladas num poema que se constrói em constante diálogo consigo mesmo. Desta forma impôs-se que procurássemos uma tradução que permitisse ao leitor perceber o que o texto diz em toda a sua amplitude semântica. Para um leitor alexandrino, conhecedor da língua homérica, a descoberta destas linhas de leitura seria um desafio facilmente superável, mas o mesmo não se pode esperar do leitor dos nossos dias, afastado do original pela barreira linguística. Assim, a tradução que apresentamos é a primeira feita numa língua moderna com a preocupação de manter os lemas identificáveis. É nosso

¹ Ferreira 1974 analisou com cuidado as opções filológicas desta tradução. Na sua opinião, apesar de o autor não ter seguido uma edição concreta, apresenta muitas vezes soluções coincidentes com Fränkel, discutindo as várias lições em nota; no entanto, também perde epítetos e outras expressões.

intento que o leitor contemporâneo, ao ler em tradução a *Argonáutica*, reconheça, como o leitor alexandrino, os paralelismos com outros episódios dentro do poema, as evocações subtis de personagens e momentos, que derivam de uma criteriosa escolha de lemas, de que apresentamos alguns exemplos: “brandura” / “brando”, “denso de sentido”, aplicados ao discurso; “deletério”, “ousado”, “ousadia”, “insustentável”, que tanto remetem para as palavras como para as ações. Mas, uma vez que a complexidade da narrativa alexandrina também obriga a dar atenção ao trabalho feito com as fontes, sobretudo a homérica, em cuja esteira Apolónio se coloca, cerca de seiscentos anos depois do que terá sido o primeiro registo escrito dos Poemas Homéricos, introduzimos diversas notas que remetem para o uso de alguns lemas, destacando semelhanças e dissemelhanças.

Outras notas, de um total de mais de 200 para os dois cantos, ajudam a ultrapassar o hermetismo de alguns passos, inerente ao enciclopedismo dos poetas alexandrinos. Para facilitar a localização de passos e agilizar a leitura, criámos uma espécie de subtítulos em negrito que informam o leitor dos acontecimentos e ajudam a visualizar de forma rápida a sequência dos episódios da diegese.

A edição que usámos foi a de Vian 2002, que apresenta uma tradução de um dos grandes especialistas de Apolónio, do início do século passado, Delage, cujo *Magnum Opus*, a sua dissertação de Doutoramento, não poderia deixar de ser citada num trabalho como este. No entanto, houve dois passos em que nos desviámos da edição de Vian, preferindo as escolhas filológicas de Fränkel: em 1.1012 (κέλευθος em vez de ἄεθλος) e em 1.1092 (ρίον em vez de ἱερόν). A opção por uma lição diferente, a partir do aparato crítico, aconteceu em 1.802 (μῆτις em vez de μῆνις). Estas escolhas filológicas estão sempre assinaladas em nota.

Todos os comentários lexicais que apresentamos resultam da consulta da plataforma TLG *A digital Library of Greek Literature*, da Universidade da Califórnia (Irvine), um projeto dirigido por Maria Pantelia, com um banco de dados com mais de 12000 registos bibliográficos, regularmente ampliados. Os dados estão atualizados à data de março de 2021.

Por fim, temos ainda de acrescentar que este volume é o primeiro de dois, prevendo-se para muito breve a publicação dos restantes dois livros da *Argonáutica* de Apolónio de Rodes.

Gostaríamos que esta nossa tradução fosse o mais importante fruto de cerca dos nossos já dez anos de estudo sobre a epopeia helenística – em que continuamos a trabalhar –, os quais, até à data, se materializaram, desde 2012, em diversas palestras, cursos de Mestrado e Doutoramento em Universidades estrangeiras, seminários, artigos e capítulos de livros.

INTRODUÇÃO

Quando o Império de Alexandre foi dividido pelos diádocos, o Egito coube a Ptolemeu Sóter, general de Alexandre. A Dinastia Ptolemaica, também designada Lágida, foi uma dinastia de macedónios que se estendeu de 303 a 30 aC, ou seja, começou vinte anos depois da morte de Alexandre Magno e terminou com a conquista romana e a morte de Cleópatra VII¹. Apolónio de Rodes (c.295-c.215 aC) viveu na época dos primeiros Ptolemeus, no século III aC, e desconhece-se ao certo porque é chamado “de Rodes”. Grande parte da sua vida foi passada na Alexandria ptolemaica e é possível que Rodes tenha sido o local onde nasceu ou para onde se retirou quando deixou a capital do Império². O seu poema épico, intitulado *Argonáutica*, terá, assim, sido escrito na Alexandria dos Ptolemeus, talvez na época do Filadelfo ou do Evérgeta³.

Apolónio deve ter sido bibliotecário da famosa Biblioteca, fundada ou por Ptolemeu I Sóter (c.367-c.283 aC) ou pelo seu

¹ Os três primeiros parágrafos desta introdução retomam, com ligeiras alterações textuais e mais algumas notas, o nosso estudo sobre a crítica textual na época alexandrina, publicado em Sousa 2019.

² Os estudiosos explicam diferentemente a associação do poeta a Rodes, bem como a sua relação com Calímaco, devido à pouca informação, toda ela indireta, que as duas *Vitae*, o *P. Oxy.* 1241 e *Suda* α 3419 proporcionam. Sobre este tema, ver, e.g., Hunter & Fantuzzi 2002; Lefkowitz 2001.

³ Sobre a datação do poema, cf. e.g. Carreira 2014: 22; Murray 2014.

filho Ptolemeu II Filadelfo (309-246 aC)⁴, sob o qual se viveu a Idade de Ouro de Alexandria. O projeto remonta a Alexandre, que morreu deixando por cumprir o seu intento de tornar Alexandria um centro de conhecimento. O *Museum* era um centro de aprendizagem e investigação⁵. Estrabão, que o visita em 25 dC, descreve-o com um passeio coberto, uma arcada, assentos e um edifício maior com uma entrada comum, onde os seus membros comiam (Str.17.1.8). A ele pertencia a famosa Biblioteca de Alexandria, que seriam duas⁶. Não se sabe onde estas estavam situadas nem temos delas nenhuma descrição. É provável que a maior, o *Brucheion*, estivesse localizada a uma pequena distância do porto. Embora não seja desconhecido o número de volumes que conteria, é garantido que reuniria um notável acervo. Por ela passaram alguns dos mais importantes cientistas, matemáticos, geógrafos, médicos, filólogos.

Lembremos que os primórdios da crítica textual começam precisamente na biblioteca com Eratóstenes, Aristófanos de Bizâncio e Aristarco, entre outros, desenvolvendo-se áreas como a catalogação, a lexicologia, os estudos métricos e a edição crítica⁷. O próprio Apolónio de Rhodes foi autor de monografias

⁴ Grube 1995: 123 defende a data de 285 aC.; Montana 2015: 78 fala da influência de Demétrio de Falero na política cultural de Ptolemeu I e coloca a hipótese de o discípulo de Teofrasto o ter inspirado a fundar esta instituição cultural, que tomou como modelos a Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles.

⁵ Montana 2015: 79 pensa que estaria incorporado fisicamente no palácio, como propriedade dos Ptolemeus.

⁶ A mais pequena, designada “filha” ou “exterior”, poderia estar localizada no templo de Serápis, tendo sido construída por Ptolemeu I e reconstruída apenas por Ptolemeu III; cf. Montana 2015: 83.

⁷ Filetas de Cós (c.340-c.285-3) foi autor de um glossário de palavras poéticas incomuns, os ἄτακτα ou ἄτακτοι γλῶσσαι, ou simplesmente γλῶσσαι (Ateneu, *Deipnosophistae* 11). Zenódoto de Éfeso

sobre Homero, Hesíodo, Arquíloco; defendeu a autenticidade do escudo de Héracles⁸ e rejeitou a atribuição a Hesíodo da *Ornitomancia*. Além disso, graças aos *scholia uetera*, sabemos que terá feito uma reflexão filológica sobre os Poemas Homéricos, num tratado intitulado *Πρὸς Ζηνόδοτον*⁹.

Apolónio terá escrito diversas obras literárias, tais como epigramas e poemas sobre as fundações míticas de cidades, como

(c.325-c.234 aC) escreveu conjecturas sobre os poemas de Píndaro e Anacreonte, classificou os poetas épicos e compôs um glossário homérico. Alexandre Etolo (c.315-270 aC) classificou os dramas trágicos e satíricos, e talvez por isso seja designado γραμματικός (Suda). Licofronte de Cálcis organizou os poetas cómicos e escreveu os primeiros tratados sobre comédia, talvez em onze livros. Calímaco de Cirene escreveu os Πίνακες, um catálogo da biblioteca que foi a primeira história da literatura grega, em cento e vinte volumes, com oito secções (poetas dramáticos apresentados por ordem cronológica, poetas épicos e líricos, legisladores, filósofos, historiadores, oradores, teorizadores de retórica, escritores variados, sendo estes elencados por ordem alfabética). Eratóstenes de Éfeso (c.276-195 aC) redigiu uma obra em doze livros sobre a Comédia Ática Antiga, intitulada περὶ τῆς ἀρχαίας κωμωδίας. Aristófanes de Bizâncio (c.257-c. 180 aC) compôs introduções aos textos dramáticos de Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes, que sobreviveram sob a forma de argumentos (ὑποθέσεις); dividiu as odes de Píndaro em dezasseis livros (oito relativos ao homem, εἰς ἀνθρώπους; oito respeitantes aos deuses, εἰς θεούς); dividiu a obra de Platão em trilogias (I. *República, Timeu, Crítias*; II. *Sofistas, Político, Crátilo*; III. *Leis, Minos, Epínomis*; IV. *Teeteto, Êutifron, Apologia*; V. *Crítion, Fédon, Cartas*). Publicaram edições dos Poemas Homéricos Zenódoto de Éfeso, Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia (c.220-c.145 aC). Designava-se διόρθωσις o processo de emendar os textos de forma que estes se aproximassem do original o mais possível; cf. e.g. Sandys 1967: 105-143; Pfeiffer 1968: 87-115; 127-134; 156-9, 178-80, 214-6; Montana 2015; Sousa 2019.

⁸ Cf. Pfeiffer 1968: 144; Mason 2016: 2.

⁹ Rengakos 2001: 204 defende que este tratado pode refletir uma visão crítica própria de Apolónio sobre os manuscritos do texto homérico.

era comum entre os poetas alexandrinos¹⁰. Destas chegaram somente alguns fragmentos, que perfazem um total 238 palavras, e o poema épico, *Argonáutica*, que sobreviveu completo. Nos seus 5836 versos conta-se a viagem dos Argonautas à Cólquida, em busca do velo de ouro do carneiro que transportara Frixo e Hele. O velo era a pele do carneiro que tinha salvado do sacrifício o filho de Átamas, Frixo. O animal havia sido sacrificado por este, conforme as ordens recebidas, e Hermes transformara o velo em ouro. Há ao longo do poema várias alusões a esta história, mas são os quatro filhos de Frixo que contam aos Argonautas que o seu pai havia recebido em casamento Calcíope, filha de Eetes, rei da Cólquida, e que à hora da morte lhes havia pedido que fossem a Orcómeno reclamar a herança (2.1143-53). Depois do naufrágio que destrói a sua embarcação junto da ilha de Ares, os netos de Eetes, recolhidos na ilha de Ares, passam a integrar a expedição e ajudam os Argonautas na sua missão, avisando-os da crueldade do rei.

Os dois primeiros livros contam a viagem até Ea, capital do reino governado pelo irascível Eetes. No livro III dá-se o enamoramento da filha mais nova do rei, Medeia, por Jasão e narram-se as provas que Eetes impõe como condição para a entrega do velo. Estamos ainda cronologicamente distantes do atroz filicídio perpetrado em resposta ao abandono de Jasão; a história épica situa-se cronologicamente muito antes, numa altura em que Medeia teria uns quinze anos e, inflamada de paixão pela seta de Eros, ajuda o Esónida, por ser “conhecedora de muitas drogas”, πολυφάρμακος (3.27; 4.1677). O livro IV começa com a conquista astuciosa do velo, na qual Medeia tem um papel fundamental, e continua com a longa e atribulada

¹⁰ Cf., e.g., Hunter 1989: 9-12.

viagem de regresso, em que os heróis se desviam da rota de ida, ao entrarem na corrente do Istro. Enquanto, na viagem de ida, a nau Argo passa pelo atual Egeu, Dardanelos, Helesponto, Mar de Mármara e Mar Negro até chegar à Geórgia, a viagem de regresso leva a nau pelos atuais mares Adriático, Tirreno, Jónico, Mediterrâneo, e culmina no Egeu e na Tessália.

A concisão caracteriza esta epopeia, que se insere de forma muito particular na tradição homérica. Com efeito, apesar de ter cerca de metade dos versos da *Odisseia* (uma diferença de cerca de 6200 versos), a *Argonáutica* apresenta quase o mesmo número de lemas que o poema sobre o *nostos* de Ulisses: apenas menos 353 lemas. Da principal fonte literária, a *Iliada* e a *Odisseia*, provêm palavras, metro, a mistura dialetal que define a língua homérica – o que é, no século III aC, um refinado artificialismo –, algumas estruturas linguísticas, pontos de articulação diegéticos, motivos épicos e cenas épicas¹¹.

Como pontos de articulação diegéticos na *Argonáutica*, temos a presença de personagens homéricas, que contactam ou avistam os Argonautas, como: Aquiles, que, longe de ser o herói de pés rápidos, é ainda uma criança de colo e vê a nau afastar-se na margem, nos braços da mulher do centauro Quíron, que o criou (1.557-ss); Circe, que purifica Jasão e Medeia do assassinio de Absirto, que queria resgatar a irmã (4.662-3); as Sereias, que Orfeu vence com o seu canto (4.904-ss); Cila e Caríbdis (4.922-3); os reis de Drépane, Alcínoo e Arete (4.995-ss), evocativos de Ptolomeu Filadelfo e Arsínoe pelo

¹¹ Designamos como motivos épicos as cenas recorrentes, que, no texto homérico, são uma marca de oralidade, por exemplo os banquetes, as tempestades, os sonhos, os concílios dos deuses e dos homens, os combates. Diferenciamo-los de cenas específicas de ocorrência única, que as epopeias, mais tarde, vão evocar, como os catálogos dos heróis ou a descrição das armas do herói.

laço de parentesco que os une¹². Há também personagens que evocam as homéricas: Hipsípila, por exemplo, recorda Nausícaa, embora sem a castidade desta. A sua ligação amorosa com o herói lembra a que na *Odisseia* é enganadoramente prometida à princesa dos feaces por Atena.

Não obstante esta forte ligação ao texto homérico, o poeta banuiu as repetições dos versos considerados formulares¹³ e rejeitou quase totalmente a repetição de hemistíquios homéricos¹⁴.

¹² Na versão homérica aparecem como sobrinha e tio (*Od.* 7.53-68), mas, segundo um escoliasta alexandrino de Hesíodo, seriam irmãos. O casamento entre irmãos é a união perfeita, pois emula o enlace do par divino, Zeus e Hera, e tem vantagens dinásticas; além disso, insere-se na tradição dos casamentos reais dos Faraós; cf. Hunter 1993: 161-2; Mori 2008: 96-7; Buraselis 2008: 298. Teócrito 17.128-134 vê os reis Ptolemeu II e Arsínoe II como imagem de Zeus e Hera.

¹³ Os poucos versos completamente coincidentes não são os formulares (na época, lembremos que se acreditava que teria existido efetivamente um poeta de nome Homero, pensando-se nos poemas como um todo). Nestes dois cantos há dois versos que se repetem dentro da epopeia: 1.317 igual a 3.887; e 1.526-7, τό ρ' ἀνὰ μέσσην στεῖραν Ἀθηναίη Δωδωνίδος ἤρμωσε φηγοῦ, de novo presente em 4.582-3. Note-se que nenhum deles se encontra em Homero, embora todos os lemas neles contidos se leiam na *Iliada* e na *Odisseia*.

¹⁴ O caso mais interessante, dada a sua significativa presença, é o das expressões homéricas sempre colocadas em início de verso, em Homero como em Apolónio: Βῆ δ' ἵμεναι, βῆ ρ' ἵμεναι, Βῆ ρ' ἵμεν ε βαῖν δ' ἵμεν. As duas primeiras expressões, Βῆ δ' ἵμεναι e βῆ ρ' ἵμεναι (cf. e.g. *Od.* 2.297, 393; 6.49; 8.286, 302; 14.531; 16.340; 17.603; 21.7, 57; 22.108, 145), servem na *Argonáutica* para criar um paralelo entre Jasão, comparado a uma estrela quando entra em Lemnos (1.774), e Apolo, avistado pelos Argonautas em Tínia (2.684); é o caráter divino e apolíneo do herói que se sublinha. Se, no singular, o sintagma ocorre duas vezes e nos dois primeiros livros, no plural, βαῖν δ' ἵμεν, com cinco ocorrências nos Poemas Homéricos (*Il.* 13.788; 14.133; 19.240; *Od.* 8.108; 22.178), ocorre duas vezes, nos dois últimos livros da *Argonáutica*: para mencionar a partida dos dois Argonautas que vão buscar os dentes de dragão a Jasão (3.1176) e para explicar que os heróis perdidos no

Não existem fórmulas para as transições temporais (o nascer do dia, por exemplo) ou para a introdução dos discursos, embora estejam presentes cenas e motivos que se tornaram apanágio da epopeia, como veremos. Os epítetos são escassos e poucos resultam do processo de composição¹⁵; são simples adjeti-

deserto se foram deitar (4.1293). O terceiro sintagma, Βῆ ρ' ἴμεν, com dez ocorrências nos Poemas Homéricos (*Il.* 12.298; 14.187; 16.220; 20.318; *Od.* 1.440; 2.9; 5.474; 8.272, 276; 13.159), ocorre quatro vezes na *Argonáutica*: quando Hipsípila recolhe à cidade, deixando partir Jasão (1.843); quando Hércules vai à floresta recolher madeira para construir um remo (1.1188); quando Cípris procura o filho (3.113); quando Tétis é surpreendida por Peleu enquanto tenta tornar Aquiles imortal (4.878). Diríamos que esta é uma distribuição perfeitamente equilibrada, se bipartirmos um poema em cantos I e II, por um lado, e cantos III e IV, por outro.

¹⁵ A mais importante exceção, pelo número de ocorrências, é o epíteto homérico na *Argonáutica* atribuído três vezes ao deus Apolo, ἐκηβόλος, “que acerta ao longe” (1.88, 420, 769; cf. *Il.* 1.14, 21, 96, 110, 373, 438; 16.513; 22.302), com a forma abreviada ἑκατος sempre em genitivo em -οιο e em posição final de verso (1.958; 2.518; 4.1747), como na *Iliada* (1.385; 7.83; 20.71, 295). Hércules, como representante do herói homérico, recebe um epíteto composto, κρατερόφρων, “de ânimo possante” (1.122), que a *Iliada* já lhe atribui também (*Il.* 14.324), e que, na *Odisseia*, Menelau usa para designar Ulisses (*Od.* 4.333). Semelhante a um composto, embora seja um sintagma constituído por um advérbio e um adjetivo no grau superlativo, μέγα φέρτατος, com três ocorrências nos Poemas Homéricos em verso formular, a qualificar Aquiles (*Il.* 16.20; 19.215; *Od.* 11.477), na *Argonáutica* ocorre duas vezes para referir os Argonautas (4.1031, 1383). Os compostos homéricos com prefixo εὐ- são ainda os mais presentes no poema alexandrino. Assim, com uma única ocorrência, temos o epíteto εὐπλόκαμος, “de belas tranças”, apanágio de heroínas e deusas homéricas (e.g. Hecamede, *Il.* 11.624; 14.6; as troianas, *Il.* 6.380, 385; a Aurora, *Od.* 5.390; Calipso, *Od.* 7.255), o qual serve a Apolónio para qualificar a bela e desditosa Clite (1.976). Tem duas ocorrências o epíteto εὐμμελής, “de bela lança de freixo”, qualificando os Argonautas Falero (1.96) e Télamon (1.1043; cf. *Il.* 4.47, 165; 6.449; 17.9, 23, 59; *Od.* 3.400). As pregadeiras do peplo que Medeia usa quando vai ao encontro do Esónida são εὐγναμπτοί,

vos¹⁶ e nem sempre remontam aos Poemas Homéricos¹⁷. A preferência pela hipotaxe destrona a parataxe homérica,

“de bela curvatura” (3.833), como as do peplo que se encontra entre os presentes de Antínoo (*Od.* 18.294). Apolônio, neste caso, vai buscar um qualificativo de relevância diminuta e com uma única ocorrência nos Poemas Homéricos, como forma de destacar a independência em relação à sua principal fonte literária, mostrando ao mesmo tempo o cuidado com que a trabalha.

¹⁶ Destacamos, em primeiro lugar, dois epítetos que, apesar de serem homéricos, não são específicos de nenhum herói em particular e não qualificam apenas figuras humanas ou divinas (cidades, armas, muralhas também podem merecer estas qualidades). São estes δῖος, “divino”, e ἁρήϊος, “herói de Ares”, com sete e cinco ocorrências respetivamente, como qualificativos de homens ou deuses. O epíteto “divino”, apanágio de, por exemplo, Aquiles (e.g. *Il.* 1.7, 121, 292), Ulisses (e.g. *Il.* 1.45), Nestor (e.g. *Il.* 2.57), Agamémnon (e.g. *Il.* 2.221; 3.120), qualifica na *Argonáutica* o rio Enipeu (1.38); Elara (1.762), mãe do gigante Tício; Eussoro (1.949), avô materno de Cízico; Eleu (2.1037), Argonauta ferido por um pássaro ao chegarem perto da ilha de Ares; Corónis (4.617), mãe de Asclépio; e Tétis (4.713, 932). O segundo, ἁρήϊος, que na *Iliada* tantas vezes caracteriza Menelau (e.g. *Il.* 3.339; 4.98, 115, 205), entre outros heróis homéricos (e.g. Protesilau, 2.698, 708; Idomeneu 11.501; os aqueus em geral 4.114), na *Argonáutica* qualifica o grupo dos Argonautas (1.1000), Jasão (1.349; 2.122) e o companheiro Bute (1.95), além dos colcos (2.397). Em segundo lugar, destacamos ἀγαθός que é com muita frequência atribuído, nos Poemas Homéricos, a Menelau (e.g. *Il.* 4.181, 220; 13.581; 17.237, 651; *Od.* 15.14) e a outros heróis (Heitor, *Il.* 15.671; Diomedes, *Il.* 2.563, 567); na *Argonáutica* aplica-se a Teleonte (1.96) e Deucalião (3.1087), além de Eetes, nas palavras do próprio (3.421). Por fim, realçamos, com uma única presença, o epíteto homérico ἀμύμων, que na *Iliada*, por exemplo, qualifica Belerofonte (e.g. *Il.* 5.155, 216), Glauco (e.g. *Il.* 2.876), Teucro (e.g. *Il.* 8.273, 292), Polidamante (e.g. *Il.* 11.57), mas que, no poema de Apolônio, é atribuído apenas a Frixo (3.190). A nau, no poema helenístico, recebe os epítetos homéricos de θοή, “veloz” (e.g. *Il.* 1.12, 300, 308; 2.168, etc), e de κοίλη, “côncava” (e.g. *Il.* 1.26, 89, etc), que tem uma única ocorrência na *Argonáutica* (1.1328); já “veloz”, um atributo fundamental para chegar ao destino, surge quatro vezes

sendo recorrente o discurso indireto¹⁸. Os símiles, muito concisos, criam paralelismos nem sempre fáceis de interpre-

na viagem de ida (1.110; 2.532, 894, 1045, com mais uma ocorrência num símile em que se fala de nau de forma genérica, em 2.70), e duas na de regresso (4.100, 856). Estes dois qualificativos não são, todavia, exclusivos da nau Argo: côncavo é também, por exemplo, o esquife em que Hipsípila enviara o pai (1.622), as grutas (2.568), o mar (2.595); “velozes” são os pés de Eufemo (1.183), as setas (1.483), o arauto Etáides (1.641), o escudo de Ares (1.743).

¹⁷ Como exemplo de epítetos não homéricos temos o qualificativo de Juno como ζυγίη, “conjugal” (4.96), sintagma que não se encontra nem nos Poemas Homéricos nem nos autores do século V aC. Outros epítetos, tanto quanto hoje sabemos, podem provir de fontes não homéricas, mas igualmente antigas; assim, por exemplo, εὐτρόχαλος (não conseguimos uma tradução única para este qualificativo, dada a variedade de nomes a que se associa) não provém dos Poemas Homéricos, mas remonta a Hesíodo (*Op.* 599, 806), e em Apolónio qualifica carros (1.845; 3.889), braços (2.46), uma bola (1.135) e um canto (4.907). Também o qualificativo καλλίναος, “de bela corrente”, atribuído à fonte onde habita a ninfa que rapta Hilas (1.1228), não sendo homérico, tem uma única ocorrência no séc. V aC, também para qualificar águas, neste caso as do lago Bébica e do rio Cefiso (E. *Alc.* 835, 589). De realçar, o hápax εὐστειρος, “de bela quilha” (1.404).

¹⁸ O recurso ao discurso indireto também pode levar a repetições de versos, como em 3.409-410 e 3.495-6: “Eu crio na planície de Ares dois touros / de pés de bronze, que sopram chamas pela boca”, e “Disse que criava na planície de Ares dois touros / de pés de bronze, que sopram chamas pela boca”; cf., e.g., 4.1325-9 e 4.1351-6. Por vezes não se trata de discurso indireto, mas de ecos de palavras de uma personagem na fala de outra; assim as palavras de Hipsípila a Ifínoe em 1.703-7 (“Levanta-te, Ifínoe, e vai implorar a esse homem / que guia a equipagem, que venha ter connosco, para eu lhe / transmitir a decisão do povo que regozijará o seu coração; / exorta também os outros, se quiserem, a vir, com ousadia / e bem intencionados, à nossa terra e à nossa cidade”) ecoam no discurso de Ifínoe aos Argonautas: “Foi a filha de Toas, Hipsípila, que me impôs que viesse / convidar o líder da nau, quem quer que ele seja, para lhe / transmitir a decisão do povo que regozijará o seu coração / e exorta-vos também agora, neste

tar¹⁹. Do ponto de vista linguístico a variedade lexical levou a uma combinação de palavras homéricas com outras usadas apenas a partir da época alexandrina²⁰, às quais se juntam os *hápax*²¹.

O trabalho do poeta a nível lexical é especialmente rico, porque não se trata apenas de ampliar o vocabulário épico; com os lemas que escolhe, Apolónio constituiu linhas de leitura que podemos designar “horizontais” e “verticais”, se considerarmos que o horizontal é o poema, ou seja, o texto em si mesmo, e o vertical, o extra texto, que é o modelo homérico. Criar paralelos entre os livros I e II, por um lado, e os livros III e IV, é uma constante da epopeia de Apolónio, que recorre ao léxico²² e também às raríssimas repetições de versos²³ para direccionar o

momento, se quiserdes, / a virdes, bem intencionados, à nossa terra e à nossa cidade” (1.712-6).

¹⁹ Um dos mais herméticos é aquele em que se compara Jasão, depois da conquista do velo, a uma donzela; veja-se a nossa interpretação em Sousa 2020: 144.

²⁰ Por exemplo, λαιμοτομέω, “degolar” (2.840; 4.1061); cf. Str. 7.2.3; Str. Chr. 7.11; Plu. Oth. 2.3.

²¹ Nestes dois livros temos, por exemplo, os verbos συνεδριάζομαι, “sentar-se” (1.328), προπροβιάζομαι, “forçar a avançar” (1.386), συγκτερεῖζω, “participar das honras fúnebres” (2.838), ὑπεξαφύομαι, “ser escoado” (2.983).

²² O episódio em Lemnos, que evoca o do país dos feaces da *Odisseia*, também remete para o segundo par amoroso do poema: Jasão e Medeia, no livro III. Vejam-se as semelhanças dos versos 1.699 e 3.1078, 1.784 e 3.1022, 1.799 e 3.1008.

²³ Assim, o verso mencionado na nota 14, Αὐτὰρ ἐπεὶ ῥα πόληος ἐνδμήτους λίπ’ ἀγνιάς, “Quando deixou as ruas bem construídas da cidade” (1.317; 3.887), permite criar um paralelo entre Medeia e Jasão: no primeiro, Jasão está a afastar-se de Iolco para embarcar na nau Argo; no segundo, Medeia vai encontrar-se pela primeira vez com o Esónida, no templo, fora da cidade de Ea. Este paralelismo é mais uma forma de anunciar a metamorfose de Medeia em Argonauta, como defendemos em Sousa 2013a. Por sua vez, a oração relativa τό ῥ’ ἀνὰ μέσσην /

leitor para novas linhas interpretativas. Os vários lemas criam, portanto, reminiscências, como os *leitmotiven* wagnerianos, que no *Anel* são cerca de quarenta, enquanto na *Argonautica* são quase tão numerosos quantos os lemas²⁴. Esta forma subtil e velada de criar significados paralelos à narrativa confere uma riqueza literária especial à epopeia, única, aliás, nesta opção estética²⁵.

O próprio uso que Apolónio faz do que consideramos serem os “motivos épicos”, deixa claro que não há nenhum revivalismo nostálgico da epopeia antiga, mas um uso das duas maiores obras da literatura, a *Iliada* e a *Odisseia*, para fazer

στεῖραν Ἀθηναίη Δωδωνίδος ἤρμοσε φηγοῦ (1.526-7; 4.582-3), “que Atena tirara / de um carvalho de Dodona para ajustar à estrutura da quilha”, permite relacionar a presença de Atena na construção da nau (prenúncio do êxito da expedição) com o único momento em que os Argonautas correm realmente risco de falhar, devido à cólera de Zeus desencadeada pelo assassinio de Absirto. Além disso, permite perceber a importância da trave: ela é um arauto dos deuses. No livro I refere-se uma característica da nau, cuja importância só no livro IV fica clara, quando a nau explica o pensamento de Zeus.

²⁴ Este esmero estético é fruto do rigoroso olhar filológico com que os estudiosos alexandrinos trabalhavam os textos. Ver Montana 2015: 69: “The alliance between Hellenistic scholarship and poetry can ultimately be described as a metapoietic or self-reflecting procedure that radiated bidirectionally. Intellectual activity involving the application of philological means to poetry not infrequently coexisted with the incorporation of philology within poetry, so that critical interpretation and poetry tended to merge”.

²⁵ Em Sousa 2013b analisámos o sentido da invocação do livro IV, tendo em conta os termos nela presentes; em Sousa 2021 trabalhámos o lema “limiar” como lugar de mudança diegética; em breve virá a lume um estudo sobre a conotação política dos epítetos que qualificam o discurso dos heróis e dos povos com que contactam. A análise da relevância política da mulher na epopeia de Apolónio, em Sousa 2020, também nos levou a destacar alguns lemas, pelos quais se estabelecem hábeis nexos de sentido.

algo novo e arrojado através da apresentação subtil de ideias que refletem um olhar atento sobre o reinado dos Ptolemeus.

O motivo do combate encontra-se nos dois primeiros cantos, em Cízico e na Bebrícia. Breves, brutais e desnecessárias são os qualificativos que merecem estas batalhas. Entre os bébrices inospitais governados por um rei arrogante, os combates advêm de um duelo que corre mal para o soberano que o provocara. No país dos dolíones, sendo Cízico e o seu povo hospitaleiros, é impensável um combate. A falta de luz noturna, que não deixa os heróis perceber que tinham voltado ao ponto de partida, é uma metáfora para falar da cegueira da guerra. O ato em si é impiíssimo, porque é uma gravíssima violação da θέμις²⁶. A guerra é o pior dos equívocos, pois levou a quebrar os laços de φιλία criados pela ξενία, cujas obrigações estavam no mundo grego do séc. V aC muito próximas do parentesco²⁷.

Evocam-se duas cenas homéricas nos dois primeiros cantos da *Argonáutica*: o catálogo das naus e a descrição das armas do herói. O primeiro transforma-se numa enumeração dos nomes dos heróis, da sua ascendência e proveniência geográfica, da aptidão que distingue cada um e de eventuais peripécias associadas ao embarque na nau que os fará receber a designação

²⁶ O texto homérico insere a ξενία na θέμις, lei sagrada: ξεινιά τ' εὖ παρέθηκεν, ἃ τε ξείνοις θέμις ἐστίν, “proporcionou a hospitalidade que é lei sagrada para hóspedes e anfitriões” (*Il.* 11.777; cf. *Od.* 9.267, 24.285; *Pi. O.* 8.21; *N.* 11.7). Apolónio faz eco desta ideia quando fala da hospitalidade que Frixo recebeu de Eetes: ὅτις μάλα κύντατος ἀνδρῶν / Ξεινίου αἰδεῖται Ζηνὸς θέμιν ἥδ' ἀλεγίζει, “até o mais danado dos homens / respeita a lei sagrada de Zeus Hospitaleiro e dá-lhe atenção” (3.191-2).

²⁷ Herman 1987 fala da ξενία como “ritualised friendship”, em vez de “guest-friendship”.

de Argonautas²⁸. A descrição das armas de Aquiles é evocada na écfrase das cenas bordadas no manto de Jasão. Descrever as armas deste, não faz sentido, apesar de ele as possuir, pois vemo-lo a combater em Cízico e na Bebrícia. O fulgor apolíneo do manto de Jasão é mais adequado do que as armas e mais consentâneo com a escolha da via diplomática da conversação²⁹. O esplendor que lhe é conferido pelo manto coloca-o na magnificência ptolemaica³⁰.

Neste poema de raízes homéricas, é uma nova estética que se preconiza e uma nova mensagem que se transmite: já não é a defesa da glória pessoal do herói, mas a apologia de um coletivo (o grupo de heróis constituído pelos Argonautas), em que o líder assume uma posição democrática de diálogo com os seus pares, como fica claro nas palavras de Jasão no momento em que exprime as suas preocupações com o grupo, em diálogo com Tífis (2.634-637). Assistimos nesta cena à passagem de testemunho do velho herói, que se afirma pela força colossal, para o novo herói, que duvida, hesita, pergunta, concilia, dialoga e se adapta às circunstâncias, sempre de forma o mais pacífica possível.

Destes dois livros, escolhemos dois trechos para uma análise de maior pormenor: a invocação do livro I e a écfrase do manto de Jasão. Por fim, comentaremos de forma sucinta os lugares desta viagem de ida.

²⁸ Sobre o catálogo dos heróis na *Argonáutica*, remetemos para o recente estudo de Harder 2019.

²⁹ O estudo dos epítetos que qualificam o discurso dos Argonautas e dos reis, gregos e não gregos, com quem estes contactam, sublinha a apologia da opção diplomática como estratégia política.

³⁰ Sobre a imagem solar do Império Ptolemaico, remetemos para o comentário que, em seguida, fazemos à invocação do livro I.

I. INVOCACÃO (1.1-4)

Ἀρχόμενος σέο Φοῖβε παλαιγενέων κλέα φωτῶν
μνήσομαι οἱ Πόντοιο κατὰ στόμα καὶ διὰ πέτρας
Κυανέας βασιλῆος ἐφημοσύνη Πελῖαιο
χρύσειον μετὰ κῶας ἐύζυγον ἤλασαν Ἀργῶ.

Começo por ti, Febo, para lembrar as glórias
dos mortais há muito nascidos que, pela foz do Ponto
e atravessando as Rochas Ciâneas, por ordem do rei Pélias,
conduziram até ao velo de ouro a nau Argo de belos bancos.

A invocação / proposição dos quatro primeiros versos do poema apresenta treze lemas, excluindo nomes próprios. Apesar de todos estes constarem dos Poemas Homéricos, a escolha das palavras e a sua posição nos versos anunciam uma epopeia diferente da homérica. Do ponto de vista lexical e de estrutura sintática, o que de mais semelhante conhecemos é-nos dado pelo Hino Homérico à Lua, no qual se usam as mesmas duas palavras com que se abre e se fecha o primeiro verso de Apolónio, numa sintaxe coincidente: **σέο δ' ἀρχόμενος κλέα φωτῶν / ἔσομαι ἡμιθέων**, “começando por ti cantarei as glórias / dos mortais semideuses”. A escolha deste hino como fonte pode advir da relevância da sacerdotisa de Hécate, Medeia, na *Argonáutica* (3.251-2)³¹. Mas o acusativo κλέα para definir o tema

³¹ Vian 2002a: 50, n. 1 refere também as semelhanças entre este início e a expressão σέο δ' ἄρξομαι, “começarei por ti”, dita por Nestor a Agamémnon, quando o persuade a desagrar a ofensa que fizera a Aquiles (*Il.* 9.97); e κλέα ἀνδρῶν, “glórias de homens”, o tema do canto de Aquiles (9.189). Parecem-nos pouco significativos estes passos, pois em nenhum deles se invoca a divindade. De facto, no primeiro caso, o interlocutor é Agamémnon, e não Febo Apolo; no segundo, a semelhança restringe-se a uma palavra, “glórias”.

e o genitivo *παλαιγενέων φωτῶν* para circunscrever a posse do conceito cantado levam-nos à *Iliada*, ao sintagma “a cólera mortífera de Aquiles o Pelida”. No entanto, enquanto na *Iliada* se define o tema, colocando-se a palavra “cólera” no princípio do verso e deixando-se o genitivo em posição final de verso (repare-se, todavia, que o objeto direto de ᾄδειδε não deixa de estar encaixado no genitivo, porque o sintagma que o constitui completa-se com a primeira palavra do segundo verso), na *Argonáutica* a solução é mais económica, pois a apresentação do tema não transita para o segundo verso, e mantém-se o objeto direto dentro do genitivo, dando-se lugar de destaque a todo o segundo hemístiquio, “as glórias dos mortais há muito nascidos”. Numa maior economia, apresenta-se o essencial do tema apenas no primeiro verso.

Falar de κλέος, “glória”, é particularmente expressivo, pois os heróis homéricos buscam-na. Mas o dativo causal do terceiro verso, ἐφημοσύνη, “por ordem”, permite saber que se trata de uma imposição e não de uma escolha motivada pela busca de glória, nem na sequência de uma errância³². É κλέος que advém do desejo de ajudar Jasão; não se trata de ajudar para obter κλέος.

A escolha do termo φῶτες, “mortais”, para indicar a quem pertencem as glórias que se irão recordar, permite perceber que o herói é coletivo: não é a cólera específica de um herói nem as deambulações de regresso específicas de outro; são as glórias dos mortais. O lema ἡμίθεοι, “semideuses”, do hino é substituído por um substantivo que designa o sexo masculino de forma

³² Clare 2002: 23 sublinha a diferença destes heróis, que têm um objetivo fixo para a sua viagem, e o errante Ulisses, vítima de diversas circunstâncias que o obrigam à errância.

genérica³³, numa etimologia obscura. No entanto, o epíteto ἡμίθεος está presente na *Argonáutica*, com duas ocorrências e sempre como qualificativo dos Argonautas: primeiro, antes de transporem o Promontório de Tiseu (1.548); depois, no episódio em que se confrontam com o gigante Talos (4.1642). O adjetivo permite sublinhar a bipartição do poema e criar uma estrutura em anel, pois surge no princípio e no fim da viagem. O epíteto escolhido na apresentação do tema, παλαιγενής, “há muito nascido”, insere os heróis numa geração anterior à homérica³⁴. Este lema tem particular relevo por também ser atribuído à nau Argo (2.848), que, na verdade, é igual em peso e em estatuto aos heróis que nela embarcam: semidivina, com um dom especial, que, neste caso, é a trave dotada de fala, e de uma resistência extraordinária. Esta importância explica que os quatro versos iniciais incluam a nomeação da nau, em posição final de verso, como φωτῶν. O epíteto εὖζυγος, “de belos bancos”, atribuído a Argo, insere o leitor no universo homérico, pois na *Odisseia* recebe este qualificativo a nau em que os feaces transportam Ulisses para Ítaca (*Od.* 13.116).

A divindade é a terceira palavra do verso, tal como a palavra “deusa” na *Iliáda*. Mas ao contrário da *Iliáda* e da *Odisseia*, o poeta escolhe o deus, optando por aquele que melhor satisfaz

³³ Com uma aceção que não remete necessariamente para o herói, mas para o homem por oposição à mulher, encontramos o termo, e.g., em *Il.* 6.188; 9.195; 13.483; *Od.* 4.530, 778; 11.749. Chantraine 1999: 1258 considera inadequado associar semanticamente o termo a φάος, φωῶς.

³⁴ A sua presença nos Poemas Homéricos é pouco expressiva, qualificando sempre, nos três passos em que ocorre, alguém idoso ou com essa aparência (*Il.* 3.386; 17.561; *Od.* 22.395); de todas as ocorrências anteriores a Apolónio de Rodas, destacamos a do Hino a Ceres 113, porque qualifica ἄνθρωποι.

a imagem da dinastia ptolemaica, que desenvolveu largamente a iconografia solar, símbolo do poder supremo e eterno³⁵: Febo Apolo³⁶. Mas também a postura é distinta: em vez de um vocativo, que daria à divindade a iniciativa de uma ação de que o poeta é veículo, o uso da primeira pessoa do singular em *μνήσομαι* confere realce ao narrador, cuja importância fica implícita na escolha do particípio que com ele concorda, *ἀρχόμενος*, que se encontra no lugar da *μῆνιν* ou do *ἄνδρα* homéricos³⁷. As musas não deixam, todavia, de ser mencionadas, uns versos depois, como aquelas que o poeta deseja que

³⁵ Cf., e.g., Strootman 2014: 51: “The religious association of the king with the sun (and the moon) has a long tradition in Egypt and the Ancient Near East, but in the Hellenistic empires the sun became an emblem of kingship more profoundly than in any of the preceding monarchies”. Na *Argonáutica*, o par Jasão e Medeia representa o binómio Apolo, a quem o herói é comparado logo no início do poema, mal sai de casa e se dirige à nau (1.307), e Lua, sendo Medeia sacerdotisa de Hécate (3.251-2).

³⁶ Apolo é aquele a quem os Argonautas constantemente constroem altares (e.g. 1.359-60, 403-4, 966), chegando até a avistá-lo (2.674). Mas, para além da constante alusão ao deus, são inúmeras as evocações do sol e as imagens solares: fala-se da queda de Faetonte com o carro do pai (4.598); Absirto é conhecido entre os colcos pelo nome de Faetonte (3.245); são filhos do Sol Eetes (2.1204; 3.309, 598) e o Argonauta Augias (1.172; 3.362); a imagem de Jasão a sair de casa em direção à nau para o embarque no porto de Págasas é semelhante a Apolo a sair do templo (1.307); o brilho do manto de Jasão ofusca mais do que o próprio sol (1.725-6).

³⁷ Apontámos a relevância do narrador em Sousa 2013b: 133, 137. Carreira 2014: 24-5 também refere o papel ativo assumido pelo narrador. Clare 2002: 21 analisa magistralmente este “começo”, considerando-o duplo: “it is indubitably a power exercise in self-reflexivity; the beginning of this particular narrative straightaway draws attention to itself both in the fact of beginning, and as an act of beginning”.

inspirem o seu canto (1.22), cumprindo-se, assim, o tópico da invocação à divindade inspiradora.

A enumeração dos lugares na invocação do livro I refere-se apenas à viagem de ida, havendo, de facto, outras duas invocações na segunda metade do poema, uma nos cinco primeiros versos do livro III e outra nos cinco primeiros do livro IV, nas quais encontraremos expostos os temas dos respetivos cantos. Nos quatro versos do livro I, o poeta menciona o ponto de partida da viagem e o ponto de chegada, que, todavia, não é referido por um topónimo, mas pelo móbil da viagem: o vela. De novo sobressai a economia da narrativa, que exprime, num único sintagma, duas ideias³⁸. Mencionam-se as Rochas Ciâneas, também designadas Simplégades, como um ponto intermédio entre a partida de Págasas e a chegada à Cólquida. Na verdade, este obstáculo situa-se, se excluirmos as paragens, precisamente a meio da viagem de ida³⁹. A menção feita às rochas deixa adivinhar as dificuldades do trajeto.

³⁸ O mesmo se faz com a omissão do lugar de partida, detetável apenas pela alusão ao rei Pélias. O seu nome, em vez do topónimo, explica a viagem e indica o ponto de partida.

³⁹ Assim, até às Simplégades, a narração da viagem ocupa 246 versos: 1.522 a 1.585 (63 versos), até Áfetas; 1.589 a 1.608 (19 versos), até Lemnos; 1.910 a 1.914 (4 versos), até à Samotrácia (Atlântide Electra); 1.922 a 1.946 (24 versos), até ao país dos dolíones; 1.1153 a 1.1172 (19 versos), até Cio; 1274 a 1362 (88 versos), até ao país dos bébrices; 2.164 a 2.177 (13 versos), até Tínia; 2.533 a 2.549 (16 versos), altura em que aparecem as Rochas. Depois da travessia bem-sucedida, temos de novo outros 246 versos: 2.619 a 2.672 (53 versos), até à ilha de Tínia; 2.720 a 2.751 (31 versos), até ao país dos mariandinos; 2.899 a 2.923 (24 versos), até à foz do rio Calícoro, com breve paragem para apaziguar a alma de Esténelo; 2.930 a 2.945 (15 versos), até Sinope; 2.961 a 2.1030 (69 versos), até à ilha de Ares; e 2.1228 a 2.1277 (49 versos), até à Cólquida, com mais 5 versos (2.1281 a 2.1285), sobre a manobra do pântano.

II. Ο ΜΑΝΤΟ DE JASÁO (1.721-767)

Αὐτὰρ ὅγ' ἄμφ' ὤμοισι, θεᾶς Ἰτωνίδος ἔργον,
 δίπλακα πορφυρέην περονήσατο, τήν οἱ ὄπασσε
 Παλλὰς, ὅτε πρῶτον δρυόχους ἐπεβάλλετο νηὸς
 Ἀργοῦς, καὶ κανόνεσσι δάε ζυγὰ μετρήσασθαι.
 τῆς μὲν ῥήϊτερόν κεν ἐς ἠέλιον ἀνιόντα
 ὅσσε βάλοις ἢ κεῖνο μεταβλέψειας ἔρευθος·
 δὴ γάρ τοι μέσση μὲν ἐρευθήεσσα τέτυκτο·
 ἄκρα δὲ πορφυρέη πάντη πέλεν, ἐν δ' ἄρ' ἐκάστω
 τέρματι δαίδαλα πολλὰ διακριδὸν εὖ ἐπέπαστο.
 Ἐν μὲν ἔσαν Κύκλωπες ἐπ' ἀφθίτῳ ἡμμένοι ἔργῳ,
 Ζηνὶ κεραυνὸν ἄνακτι πονεύμενοι· ὃς τόσον ἦδη
 παμφαίνων ἐτέτυκτο, μιῆς δ' ἔτι δεύετο μούνον
 ἀκτίνος· τὴν οἶγε σιδηρεΐης ἐλάασκον
 σφύρησιν, μαλεροῖο πυρὸς ζείουσαν αὐτμήν.
 Ἐν δ' ἔσαν Ἀντιόπης Ἀσωπίδος υἱέε δοιῶ,
 Ἀμφίων καὶ Ζῆθος, ἀπύργωτος δ' ἔτι Θῆβη
 κεῖτο πέλας· τῆς οἶγε νέον βάλλοντο δομαίους
 ἰέμενοι· Ζῆθος μὲν ἐπωμαδὸν ἠέρταζεν
 οὖρεος ἡλιβάτοιο κάρη, μογέοντι ἐοικώς·
 Ἀμφίων δ' ἐπὶ οἷ χρυσέῃ φόρμιγγι λιγαίνων
 ἦε, δις τόσση δὲ μετ' ἵχνια νίσσετο πέτρη.
 Ἐξεΐης δ' ἥσκητο βαθυπλόκαμος Κυθήρεια
 Ἄρεος ὀχμάζουσα θεὸν σάκος, ἐκ δὲ οἱ ὤμου
 πῆχυν ἔπι σκαιὸν ξυνοχὴ κεχάλαστο χιτῶνος
 νέρθε παρὲκ μαζοῖο· τὸ δ' ἀντίον ἀτρεκὲς αὐτῶς
 χαλκείῃ δείκηνον ἐν ἀσπίδι φαίνεται ἰδέσθαι.
 Ἐν δὲ βοῶν ἔσκεν λάσιος νομός, ἀμφὶ δὲ τῆσιν
 Τηλεβόαι μάρναντο καὶ υἱέες Ἥλεκτρύωνος,
 οἱ μὲν ἀμυνόμενοι, ἀτὰρ οἷγ' ἐθέλοντες ἀμέρσαι,
 ληισταὶ Τάφιοι· τῶν δ' αἵματι δεύετο λειμών

έρσηεις, πολέες δ' ὀλίγους βιώνοντο νομῆας.
Ἐν δὲ δῶυ δίφροι πεπονήατο δηριόωντε·
καὶ τοῦ μὲν προπάροιθε Πέλοψ ἴθυνε τινάσσων
ήνία, σὺν δέ οἱ ἔσκε παραιβάτις Ἴπποδάμεια·
τοῦ δὲ μεταδρομάδην ἐπὶ Μυρτίλος ἤλαεν ἵππους,
σὺν τῷ δ' Οἰνόμαος, προτενὲς δόρυ χειρὶ μεμαρπῶς,
ἄξονος ἐν πλήμνησι παρακλιδὸν ἀγνυμένοιο
πῖπτεν, ἐπεσσύμενος Πελοπήια νῶτα δαΐξαι.
Ἐν καὶ Ἀπόλλων Φοῖβος οἰστεύων ἐτέτυκτο,
βούπαις, οὐπω πολλός, ἐὴν ἐρύοντα καλύπτρης
μητέρα θαρσαλέως Τιτυὸν μέγαν, ὃν ῥ' ἔτεκέν γε
δῖ' Ἑλάρη, θρέψεν δὲ καὶ ἄψ' ἐλοχεύσατο Γαῖα.
Ἐν καὶ Φρίξος ἦν Μινυήιος, ὥς ἐτεόν περ
εἰσαῖων κριοῦ, ὁ δ' ἄρ' ἐξενέποντι ἐοικώς.
κείνους κ' εἰσορόων ἀκέοις ψεύδοιό τε θυμόν,
ἐλπόμενος πυκινὴν τιν' ἀπὸ σφείων ἐσακοῦσαι
βάξιν, ὃ καὶ δηρὸν περιπορπίδα θήησαιο.

Então Jasão ajustou aos ombros um manto purpúreo de dobra dupla, labor da deusa Palas Itónia, que lho oferecera logo que ela dispusera as estruturas de madeira da nau Argo e o ensinara a medir as traves com um esquadro.

Seria mais fácil olhares para o nascer do sol do que contemplares o rubro deste manto: a parte central era rubra e a cercadura era, toda ela, purpúrea. Em cada orla estavam bordados com pormenor extraordinário muitos motivos variegados.

Aí estavam os Ciclopes junto da sua inexaurível obra, ocupados com o relâmpago para o soberano Zeus, o qual estava quase construído com todo o seu brilho, faltava-lhe apenas um raio, bafo fervilhante do fogo devastador, que os retumbantes martelos de ferro percutiam.

Aí estavam os dois filhos de Antíope a Asópide, Anfíon e Zeto. Tebas estava perto deles, ainda sem muralhas. Eles acabavam de lhe lançar os alicerces, com exaltação. Zeto levantava sobre os seus ombros o cimo de uma íngreme montanha, parecendo esgotado; Anfíon ia atrás dele, tangendo a sua fórminx de ouro, e uma rocha duas vezes tão grande seguia no seu rasto.

A seguir estava representada Citereia de fartas tranças a segurar o veloz escudo de Ares. Do seu ombro soltara-se a prega da túnica que deslizara sobre o braço esquerdo, um pouco abaixo do seio. Em frente dela, rigorosamente refletida, a sua imagem aparecia visível no escudo de bronze.

Aí estava uma luxuriante pastagem de bois, pelos quais os téléboas e os filhos de Eléctrion haviam lutado: estes defendiam-se e, por sua vez, aqueles, os piratas de Tafos, queriam pilhá-los. O sangue empapava a pradaria orvalhada, e eram muitos os que usavam a força contra os escassos boieiros.

Aí dois carros ocupavam-se da competição. Pélops à frente conduzia um deles, sacudindo as rédeas; acompanhava-o Hipodamia como companheira. Mírtilo instigara os seus cavalos a correr mesmo atrás dele; acompanhava-o Enómao, que, com a espada em riste na mão, caiu de lado quando o eixo da roda se quebrou ao meio, ao lançar-se, pressuroso, para trespassar o dorso de Pélops.

Aí estava também bordado Febo Apolo a arremessar setas, era ainda jovem, pouca idade tinha, e desferia contra aquele que com ousadia tirava o véu à sua mãe, o enorme Tício, que a divina Elara havia gerado e a Terra tinha alimentado e dado à luz.

Aí estava também o Mínia Frixo, como se deveras
escutasse o carneiro, que lhe parecia falar. Ao vê-los
ficarias em silêncio e iludir-se-ia o espírito,
esperando ouvir deles uma notícia densa de sentido,
e, nesta expectativa, ficarias muito tempo a contemplá-los.

A éfrase, tão ao gosto da literatura alexandrina, encontra-se num passo em que se substitui a descrição das armas de Aquiles (18.483-603) pela descrição do manto, cuja fulgência dá a Jasão, que o enverga, um ar apolíneo. É, sem dúvida, desafiadora dos cânones épicos esta substituição do brilho do metal bélico pela resplendência do tecido: o que o herói enverga como oferenda divina (Tétis na *Iliada*, Atena na *Argonáutica*) confirma a sua excelência heróica pela simples ostentação do manto. A guerra fica, portanto, fora da *arete* heróica⁴⁰.

Repare-se na estrutura em anel, com uma interpelação ao leitor no início e a previsão da sua reação final, havendo um cuidado com o realismo da descrição de imagens, que até podiam ser efetivamente decorativas⁴¹, patente no uso do termo

⁴⁰ O escoliasta encontra no caráter antibélico de Jasão (ἀπόλεμον αὐτὸν ἐκάλει) e no facto de a cidade de Lemnos estar apenas habitada por mulheres as explicações para este “adornar-se com uma veste”. Não há dúvida de que esta éfrase evoca a forma como Aquiles surge, antes da batalha com Heitor, às portas de Tróia, refulgente com o bronze da sua couraça (*Il.* 22.25-32). Jasão está também às portas de Mirina, mas em paz, e com um manto, em vez de couraça. Clauss 1993: 121-2 interpreta este paralelismo, de forma oposta à nossa, como semelhança entre os dois heróis, em vez de diferença profunda.

⁴¹ Hunter 1993: 57. Também é possível ver a composição em anel na

ἀτρεκές (1.745) ou na expressão ἐξενέποντι εἰκῶς (1.764)⁴². A estética literária da época terá por certo descrito outros mantos, mas também terá havido homens eminentes e excêntricos que terão usado peças de vestuário assim cintilantes⁴³.

Na análise desta écfrase importa considerar as eventuais fontes e a relação entre as cenas do manto e a própria narrativa⁴⁴. As sete cenas descritas são: a construção do relâmpago de Zeus pelos Ciclopes⁴⁵; Anfíon e Zetes a construir Tebas; Afrodite a contemplar-se no escudo de Ares; a batalha entre os teléboas e os filhos de Eléctrion, que defendem o seu gado, que aqueles vinham reclamar como parte da sua herança; a corrida de carros entre Pélops e Enómao, que valeu ao primeiro

primeira e penúltima cena: os Ciclopes e o gigante Tício são filhos da Terra; cf. Hunter 1993: 52, n.26.

⁴² Aquilo que Hunter 1993: 57 designa como “the representability of the images”, vendo nesta preocupação também o interesse coevo “in the science of optics”. Sobre o interesse da arte pela representação realista do corpo humano, cf. Shapiro 1980: 272-4, que defende a possibilidade de uma influência direta da arte pictórica contemporânea em algumas das cenas descritas.

⁴³ Hunter 1993: 56 comenta as ilações dos estudiosos sobre os poemas de que restam fragmentos e que poderiam conter descrições análogas às de Apolónio; também refere personalidades como Alcibíades ou Demétrio Poliorcetes, conhecidas por causar fascínio com indumentária pouco discreta. A semelhança com o general ateniense leva Hunter a afirmar graciosamente que “in Alcibiades, as in Jason, erotic and political power are fatefully combined”. Shapiro 1980: 269 refere os esplêndidos têxteis da Alexandria ptolemaica, desde as tapeçarias adornadas da tenda de Ptolemeu Filadelfo às ἐφαπτίδες, mantos militares com motivos de reis e mitos.

⁴⁴ Vários estudiosos têm interpretado esta écfrase, assumindo posições diversas; entre outros, ver Lawall 1966; Shapiro 1980; Bulloch 1985: 594-5; Hunter 1993: 52-59; Clauss 1993; Koopman (2014): 273-303; Júnior 2019.

⁴⁵ Hunter 1993: 52, n. 25 admite relação entre esta cena da construção do relâmpago e Lemnos.

a mão de Hipodamia; a morte de Tício, perpetrada por Apolo em resposta à tentativa de violação de Leto; Frixo e o carneiro.

A descrição das armas de Aquiles evocada pode ter influenciado a escolha de algumas destas cenas⁴⁶. Assim, temos em ambos os textos tópicos comuns⁴⁷ – a construção de uma cidade, a guerra, nomeadamente a luta pelo gado, a música, implícita na dança representada por Hefesto no escudo – e a própria progressão de uma cosmologia⁴⁸ para o universo dos homens. Mas, na éfrase do manto, o narrador, depois de referir o mundo das cidades – a construção de Tebas –, não se detém no universo humano, pois seguem-se duas cenas com a presença de deuses: uma com Afrodite e outra com Apolo. Em nossa opinião, há no trecho alexandrino uma alternância, ausente no texto homérico, entre o mundo humano e o divino, frequente na propaganda da Alexandria ptolemaica, por exemplo nas moedas⁴⁹.

De regresso às fontes, recordemos um outro manto, mencionado na *Odisseia*, também ele de dobra dupla (19.225-235). Este parece ter influenciado o que podemos considerar como

⁴⁶ Júnior 2019 estudou a influência da descrição das armas de Aquiles na *Iliáda* sobre esta éfrase.

⁴⁷ Mas, enquanto em Apolónio todas as figuras e locais estão identificados, no texto homérico as cenas apresentam figuras anónimas; cf. Koopman 2014: 289.

⁴⁸ Um escoliasta atribui um sentido alegórico a toda a éfrase, vendo nela a τὴν κοσμικὴν τάξιν καὶ τὰς τῶν ἀνθρώπων πράξεις, “a ordem cósmica e as ações dos homens”.

⁴⁹ Shapiro 1980: 269 comenta esta combinação de mitologia e história como veículo de propaganda dos Ptolemeus, e na p. 276 considera casual a sequência das cenas. Além de não concordarmos com a ideia de uma sequência casual, recordamos a alternância entre divino e humano.

introdução das sete cenas, pois em ambos temos: a dobra dupla (διπλῆν, 1.226)⁵⁰, a púrpura (πορφυρέην, 1.225), o variegado dos bordados (δαίδαλον, 1.227) e a ideia de um brilho solar (λαμπρὸς δ' ἦν ἡέλιος ὥς, 1.234). A própria admiração suscitada entre as cretenses (πολλαί γ' αὐτὸν ἐθηήσαντο γυναῖκες, 1.235) pela personagem fictícia que envergaria o manto descrito por Ulisses (trata-se de numa narrativa ardilosa em que Ulisses explica a Penélope que havia encontrado o marido dela em Creta), corresponde à reação das mulheres de Lemnos ao verem Jasão entrar na sua cidade assim trajado e à que se espera de qualquer leitora⁵¹.

As fontes desta versão não se cingem ao texto homérico. O *Escudo*, de Hesíodo, que, como vimos, suscitou o interesse de Apolónio, é outra fonte provável⁵², dada a alusão a Tebas (2, 13, 49, 80, 105), aos teléboas e aos táfios (ἀνδρῶν ἡρώων Ταφίων ἰδὲ Τηλεβοάων, 19), a uma corrida de carros (305-313) e sobretudo a ideia, referida no *Escudo*, de que Anfitríão teve de vingar a morte dos irmãos de Alcmena, a sequência da disputa entre os teléboas e os Eléctridas representada no manto.

⁵⁰ Há outros mantos purpúreos de dobra dupla na *Iliada*, um bordado por Helena (*Il.* 3.125), outro por Andrómaca (*Il.* 22.440-1).

⁵¹ Bulloch 1985: 594 advoga a influência do catálogo das mulheres que Ulisses vê ao contactar com as almas dos mortos (*Od.* 11.225-332) e atribui à sequência das cenas a intenção de realçar a infelicidade das relações amorosas: “the incidents referred to on the cloak seem more ominous than heroic, for they all concern miserable relationships between men and women in which suspicion and betrayal play a dominant part”. Temos reservas a tal interpretação, pois a traição não é a nota dominante nem nos episódios nem na trama da *Argonáutica*.

⁵² Cf., e.g., Mason 2016, sobre a influência quer do *Escudo* quer da *Iliada* e da *Odisseia* nesta écfrase.

Esta diversidade de influências leva Apolônio a construir uma écfrase particular. Embora haja quem o tenha feito⁵³, entendemos que, em relação a Jasão, o principal propósito destas não é didático. Preferimos realçar a sua articulação velada com a narrativa e com a época ptolemaica. Assim, a primeira cena começa pela conclusão da construção do mundo, que Orfeu havia cantado há pouco⁵⁴: a atribuição do relâmpago a Zeus, a cena mais fulgurante do manto, pela intensidade da cor. Esta “construção” completa-se com o surgimento das cidades, que representam a criação de uma ordem dominadora do caos. A segunda cena do manto explica que a ordem civilizacional resulta da conjugação da força bruta e da cultura, pois são fundadores de Tebas o possante Zeto e o musical Anfíon⁵⁵. Tal dualidade leva-nos a dois tipos de heróis: Héracles, cuja força é tão definidora da personagem que serve para o nomear como se fosse um epíteto⁵⁶; e um Argonauta como Orfeu, que usa o poder civilizador do canto⁵⁷ para a criação da ordem (1.26-31).

⁵³ Ver Lawall 1966.

⁵⁴ Kopmann 2014: 282-3 explora a relação da cena inicial com o canto de Orfeu.

⁵⁵ Um escólio interpreta a cena como ἡ τὴν τῆς μουσικῆς καὶ τὴν τῆς εὐπαιδευσίας ἀρετὴν ὡς πρὸς τὴν ἄλογον ἀνδρίαν, “a excelência da música e da cultura *versus* a virilidade irracional”; cf. Shapiro 1980: 280. Koopman 2014: 286 equaciona esta dualidade em termos de “vida prática” *versus* “vida contemplativa”.

⁵⁶ É a força de Héracles que se junta à expedição (1.122) e é ela que se senta no banco do meio (1.531). Sobre a figura de Héracles, cf. Júnior 2018 e Sousa 2020: 138. Na segunda parte do poema, o grande opositor às ações dos Argonautas é Idas, que os vitupera fortemente pela estratégia que adotam em Ea (3.558-63).

⁵⁷ Júnior 2019: 154 chama a atenção para o poder de sedução atribuído ao canto, na *Argonáutica*, com o verbo θέλω (θέλξει ἐνοπιῇ, 1.27; θελγομένης φόρμιγγι, 1.31), faculdade que Afrodite também detém (θέλγεις ἀδμήτας παρθενικάς, 3.4-5).

Sem desprezo pela robustez física⁵⁸, é na cultura, característica desta época, que o homem encontra o complemento necessário à edificação de uma cidade, como comprova a própria Alexandria, capital de um Império e centro do conhecimento.

Se Anfíon nos leva a Orfeu e Zeto a Héracles, Tebas, a cidade fundada, confirma o desejo de evocar Héracles, pois estamos no local do seu nascimento. A relação das cenas do manto com este herói ressurgem na quarta cena: o conflito entre os teléboas e os irmãos de Alcmena, que, terminando com a chacina destes últimos, irá levar Anfitrião a vingar-se para conseguir desposar Alcmena, como conta o escoliasta *ad* 1.747-51a, remetendo para a versão do *Escudo*, de Hesíodo. O conflito referido no manto está, assim, na origem, da concepção de Héracles.

A terceira cena, que retrata Afrodite a olhar-se no escudo de Ares, evoca o binómio guerra vs. amor, que será objeto de discussão entre os Argonautas ao chegarem a Ea e que define o novo herói⁵⁹. As cenas seguintes, dos teléboas e dos Elétridas, por um lado, e de Pélops e Hipodamia, por outro, ilustram

⁵⁸ Héracles tem um papel fundamental na partida de Lemnos, onde a estadia se teria prolongado sem a sua intervenção (1.863), e na condução da nau antes de chegarem a Cio (1.1161-8).

⁵⁹ Repare-se que Afrodite usa o escudo de Ares como instrumento de toilette, um espelho, numa subversão do tópico épico da valorização das armas, como escreve Dubel 2010: 16: “La pièce d’armement est détournée en objet de toilette; son épisème, en place d’un terrifiant gorgonéion, présente le visage de la déesse de la beauté: le motif héroïque a été systématiquement détourné en motif érotique, et ce ‘bouclier de bronze’ n’est plus ni bouclier ni bronze. L’objet qui servait de support à l’ecphrasis archaïque est ici devenu l’ornement d’un nouveau support, un manteau, où il continue d’ailleurs à générer des images, en l’occurrence le reflet d’Aphrodite – un joli symbole du travail de réécriture opéré par Apollonios”. Jasão é um “love-hero” que se serve do amor, em vez da guerra, para atingir os seus fins; cf. Shapiro

cada um destes dois temas, estando a brutalidade do conflito bem patente na imagem da planície empapada de sangue⁶⁰.

A introdução de dois temas na terceira cena leva o poeta a criar não uma, mas duas cenas humanas. Podemos dizer que, enquanto a segunda é complementar da primeira, a terceira é ilustrada pelas duas seguintes. De facto, como vimos, a criação do universo, que Orfeu começa a cantar e se conclui com a construção do relâmpago de Zeus, completa-se com a fundação de Tebas, símbolo das demais cidades. Depois, a cena seguinte mostra os dois recursos usados pelos homens para dominar o mundo: o sexo e as armas. O uso das armas estará patente nos dois conflitos que os Argonautas têm de travar, os quais teria sido possível evitar com o bom senso dos bêbices e com a existência de luz na noite fatídica. Por sua vez, o recurso ao amor remete para o par Jasão e Medeia, fundamental na superação das provas impostas por Eetes. Este binómio amor vs. guerra evoca, no reino ptolemaico, os três estratégicos casamentos de Arsínoe II⁶¹ e a inevitabilidade dos conflitos territoriais⁶².

1980: 282. Sobre a provável influência de um quadro helenístico a representar Tétis na oficina de Hefesto, cf. Shapiro 1980: 279.

⁶⁰ O escólio *ad* 1.763-64a fala da representação de “violência e combates” na história dos teléboas e dos Eléctridas e de “provas de competição e casamento” na cena de Pélops (ἡ δὲ βία καὶ αἱ μάχαι διὰ τῆς τῶν Ταφίων ἱστορίας, ἀγῶνάς τε καὶ γάμους διὰ τῶν τοῦ Πέλοπος ἄθλων).

⁶¹ Sobre o casamento político e estratégico desta com Ptolemy Cerauno, cf. e.g. Hammond e Walbank 1988: 247-249.

⁶² Lembremos as Guerras Sírias, que se iniciam com Ptolemy II em 274 aC e se prolongam até 168 aC. Para Strootman 2014: 54, “The Hellenistic empires were notoriously warlike. They were in essence tribute-taking military organizations whose rulers were burdened with the obligation to pursue territorial expansion and military glory”. Os desfiles triunfais de Ptolemy II, de uma grandiosidade extraordinária,

A cena da corrida de carros com Pélops e Enómao e Hipodamia⁶³ associa-se de diversas formas à narrativa. Por um lado, remete para a oposição paterna de Eetes ao amor de Medeia pelo Esónida, que, tal como o de Hipodamia, sairá vitorioso, embora sem a morte do rei. Por outro lado, o assassinio de Mirtilo, o cocheiro de Enómao, lembra-nos Absirto, igualmente assassinado e auriga também ele (3.1235-6). Segundo o escoliasta, a morte de Mirtilo implica o uso de um ardil por parte de Hipodamia, desejosa de casar com Pélops, o que faz pensar no uso de estratégias por parte de Medeia, tanto ao planear a morte do irmão, para continuar ao lado de Jasão⁶⁴, como ao maquinar a forma de vencer os touros, de adormecer a serpente ou de prostrar Talos, para secundar a missão dos Argonautas. O feminino combina amor e ardil, o que poderá conter uma mensagem subliminar para as rainhas ptolemaicas.

A cena de Tício e de Apolo⁶⁵ reintroduz o tema do divino, representando o primeiro os velhos deuses nascidos da Terra,

refletem aquilo que Eckstein 2006: 209 designa como “the royal obsession with victory ideology”.

⁶³ Sobre a presença do tema da corrida de Pélops e Enómao na cerâmica grega e em Paus. 5.17.7, cf. Shapiro 1980: 283; Koopman 2014: 294.

⁶⁴ A participação neste dolo faz parte da sua metamorfose; no entanto, não há protagonismo de Medeia, mas participação em plano de igualdade com Jasão, de que é símbolo a mancha de sangue que lhe suja a veste no momento do golpe fatal; cf. Sousa 2013a: 3.

⁶⁵ Shapiro 1980: 284 estuda a presença deste tema na arte grega. O escólio *ad* 1.763-64 interpreta a cena como representação da “impiedade e da vingança por parte dos poderosos”, ἀσεβείας τε καὶ τιμωρίας πρὸς τῶν κρείττωνων. Destes dois temas, destacaríamos o primeiro, porque a impiedade é o reverso da θεοῦδεια, que no poema é apanágio não apenas de Frixo (3.586) e dos Argonautas (2.849, 1180), mas também do soberano modelo, Alcínoo (4.1123), ideia que desenvolvemos em estudo a sair brevemente.

como os Ciclopes, enquanto Apoio é aquele que destrona a velha geração. Esta narrativa permite dois paralelos com os Argonautas. Primeiro, a luta com o gigante de bronze, em que os Argonautas vencem o derradeiro sobrevivente da raça do bronze nascida do freixo, anterior à dos semideuses (4.1641-2). Em segundo lugar, também esta “nova” geração de heróis “destrona” a anterior, a homérica, numa inversão cronológica irônica (eles são os pais da geração homérica).

A menção a Frixo e ao carneiro faz o leitor regressar à narrativa e ao episódio que está na origem da viagem. Sugere, além disso, que tudo o que está representado tem essa mesma articulação, que acabámos de estabelecer. O que o carneiro diz a Frixo tem tido dupla interpretação: como incentivo a não desistir de chegar ao país de Eetes, não obstante a morte da irmã Hele (1.256-8)⁶⁶, ou como ordem para o sacrificar (2.1146-7)⁶⁷. A cena do manto localizar-se-ia, assim, ou nas águas do Helesponto ou em terra colca.

⁶⁶ O escólio *ad* 1.256-9 comenta o momento em que o carneiro animou Frixo a prosseguir viagem: τῆς Ἑλλης καταπεσοῦσης ἀγωνιῶντι τῷ Φρίξῳ κατὰ Διὸς βούλησιν ἐφθέγγετο θαρσύνων αὐτὸν ὁ κριὸς διασῶσειν αὐτὸν εἰς τὴν Σκυθίαν, “depois da queda de Hele, o carneiro, cumprindo a vontade de Zeus, falou com Frixo, que se angustiava, e exortou-o a salvar-se chegando à Cítia”.

⁶⁷ A questão é controversa. Segundo Fränkel 1968: 294-5, o carneiro não fala a não ser no momento mencionado pelo escoliasta *ad* 1.256-9; Koopman 2014: 297 comenta as posições tomadas por alguns estudiosos a respeito de o carneiro falar ou não na versão de Apolônio. Quando se alude ao sacrifício do carneiro realizado por Frixo em 2.1146, o possessivo que explica a proveniência da ordem suscita dificuldades interpretativas; cf. Vian 2002a: 283. Para Campbell 1971: 413 há uma inconsistência entre as versões apresentadas em 2.1146 e 4.120-1.

III. Os Lugares

Do ponto de vista geográfico, apesar de não ser fácil localizar todos os lugares mencionados no poema, pela falta de informação ou por discrepâncias em relação a outras fontes, é notável o conhecimento geográfico de um homem que provavelmente nunca viajou pelos sítios que menciona. Tê-los-á estudado de forma rigorosa nas obras dos geógrafos à sua disposição na biblioteca, da maior parte das quais resta apenas notícia. Entre o século IV e III aC, sabemos da existência de uma *Descrição da Grécia*, de Dicearco (c.360-c.285 aC); uns *Indica*, de Megástenes (c.350-c.290 aC); uns *Heraclea Pontica*, em treze livros, de Nínfis (c.310-c.246aC); um *Périplo*, de Pseudo CílaX, que descreveria lugares do Mediterrâneo e do Mar Negro; e um *Périplo*, de Píteas, sobre navegação no mar da Britânia. Outros nomes associados a descrições geográficas são o mitógrafo Herodoro (séc. IV aC), Autólico de Pítane (c.360-c. 290 aC), Deímaco (séc. III aC), Timóstenes, de Rodes (n.c.280 aC) e Eratóstenes, de Cirene (c. 276-194 aC).

Porque os Argonautas regressam por um caminho diferente, temos duas viagens distintas, com diferentes desafios e sentidos próprios. O percurso de ida ocupa os dois primeiros livros, enquanto o de regresso se encontra, todo ele, no livro IV, o mais extenso do poema. Olhando para os dois primeiros livros, há que considerar os lugares em terra e no mar: em terra, os lugares onde os Argonautas fazem escala, quase se esquecendo de partir em alguns deles⁶⁸, e outros que avistam e onde não param; no mar, as Rochas Simplégades ou Ciâneas, cuja rele-

⁶⁸ Por desânimo ou entusiasmo, este esquecimento acontece, na viagem de ida, em Lemnos (1.609-910), e no país dos mariandinos, depois das mortes de Ídmon e Tífis (1.863).

vância é tão grande que, apesar de breve, a invocação do início do poema se lhes refere e cuja ultrapassagem é interpretada como a vitória da ordem sobre o caos⁶⁹. Elas são um obstáculo que podemos dizer equivalente ao das Sirenes na viagem de regresso (4.892-ss), pois umas e outras surgem em pleno pélago⁷⁰.

Dos lugares apenas avistados sobressaem as terras dos cálibes (2.1002-8), dos tibarenos (2.1009-14) e dos mossinecos (2.1015-29), motivo para o poeta descrever os costumes destes povos. Na verdade, trata-se de apresentar uma imagem que inverta o mundo civilizado, com a substituição da agricultura e da pastorícia pela existência brutal e sombria, presa nas profundezas da terra, própria do caos primordial (cálibes); a inversão do género masculino e feminino na essência do ser, ou seja, no modo como se dá a concepção do homem (tibarenos); e, por fim, a subversão das noções de privado e de público e de hierarquia do povo em relação ao rei (mossinecos). Em poucos versos, o leitor observa um mundo às avessas.

Há dois tipos de locais em que os Argonautas fazem escala nesta viagem de ida: uns, os que são habitados por outros povos, com os quais os jovens gregos contactam; outros, os ermos ou aqueles em que não chegam a aparecer os povos locais. No segundo caso, temos sete localidades: 1. a ilha da

⁶⁹ E.g. Fantuzzi e Hunter 2004: 100 falam da imposição da ordem (as rochas que passam a ser fixas) sobre “the previously unknown and ungovernable”.

⁷⁰ Preferimos considerar que o episódio de Talos (4.1638-ss), embora decorra também no mar, tem como paralelo, na viagem de ida, o episódio das aves de Ares. Fundamentamo-nos na proximidade com uma ilha (ilha de Ares num caso, Creta no outro) e no facto de ambos os episódios serem o derradeiro obstáculo significativo, antes do destino – Ea, na viagem de ida; as costas de Págasas, no regresso.

Samotrácia, habitada pelos Cabiros, divindades em cujos mistérios Orfeu os inicia (1.915-921); 2. Áfetos, onde honram Dólops (1.585-9); 3. a ilha de Tínia, onde lhes parece Apolo (2.672-721); 4. a paragem num promontório ermo junto da foz do rio Calícoro e da gruta Aulo, para aplacar a alma de Esténelo, um companheiro de Héracles na guerra contra as Amazonas (2.924-30); 5. o desembarque na região onde mais tarde surgirá a rica colónia de nome Sinope e onde recolhem Deílio, Autólico e Flógio, que ali tinham ficado desde a guerra acima referida (2.946-961); 6. a escala perto dos Montes Amazónios, junto da foz do Termodonte, onde não chegam a aparecer as Amazonas (2.971-994); 7. o desembarque na Ilha de Ares, onde recolhem os quatro filhos de Frixo, que aí haviam ido dar na sequência de um naufrágio (2.1080-1229).

Estas paragens servem para provar que a reverência aos deuses é apanágio dos heróis, pois em quase todas há edificação de um altar, sacrifícios e libações aos deuses. O epíteto que define esta qualidade dos Argonautas é *θεουδής*, mencionado numa alusão genérica em que os podemos incluir (2.1180), e como epíteto de Ídmon (2.849). O deus que mais reverenciam é Apolo, que até chegam a avistar, comprovando-se que a viagem tem uma imagem solar semelhante à do Império Ptolemaico. Na ilha que designam Apolo Matinal, também honram a Concorórdia, erigindo-lhe um santuário (2.717-9), pois esta representa uma virtude essencial destes heróis⁷¹.

Estas pequenas escalas têm também a função de ampliar o número de Argonautas que chegam à Cólquida: crescem os três antigos companheiros de Héracles: Deílio, Autólico, Flógio; e mais os quatro filhos de Frixo: Citissoro, Frôntis,

⁷¹ Cf. Mori 2005: 227-8.

Melas e Argo⁷². Contraria-se não só a ideia homérica do herói individualizado, mas também se apresenta um herói coletivo “em constante construção” (e desconstrução, com os que se perdem e os que morrem) e em “constante crescimento”⁷³, um herói vindo de várias partes do mundo, tão cosmopolita quanto os homens no mundo grego da época helenística.

Estilisticamente, estes episódios servem para incluir no poema explicações mitológicas, geográficas e etiológicas ao gosto da literatura da época. Assim, o mito de Sinope explica a fundação da colónia, pois Deílio, Autólico e Flógio são considerados os fundadores de Sinope, que, todavia, não chega a ser referida. A alusão à ilha de Ares antes da chegada à Cólquida prima pelo rigor geográfico⁷⁴, não obstante o carácter fantástico do episódio aí situado: os pássaros, que são os mesmos que atormentaram Héracles na Arcádia, no lago Estinfalo.

Por fim, uma vez mais, podemos confirmar como a diegese se mistura com a realidade contemporânea. De facto, a Samotrácia, local onde Orfeu terá iniciado os companheiros

⁷² A estes se junta ainda Dásilo, o filho de Lico, que, no regresso, fica na Paflagónia (4.298).

⁷³ A altercação entre Télamon e Jasão, que termina com o arrependimento do primeiro, exemplifica bem esta ideia do herói em formação, por nós defendida em “As Palavras do Mundo Heróico na Epopeia Alexandrina”, que virá a lume brevemente; Mori 2005 comenta esta reconciliação, explicando-a à luz do interesse da época helenística pelo conceito de utilidade moral da épica.

⁷⁴ Delage 1930: 178-9. O geógrafo Hamilton 1842: 262 descreve assim esta ilha: “The rock is a black volcanic breccia, with imbedded fragments of trap, and is covered in many places with broken oystershells brought by gulls and sea-birds, to which Apollonius alludes (...). It is overgrown with weeds and brambles, which almost conceal the remains of the surrounding wall. A large tower with embrasures and windows stands near its southern extremity, but showing no traces of Hellenic origin”.

nos mistérios dos Cabiros, que os desviariam dos perigos da navegação⁷⁵, tinha um santuário muito importante na época helenística. A jovem Arsínoe, que viria a ser mulher de Ptolemeu Filadelfo, refugiou-se nesta ilha depois da morte de dois dos seus filhos, perpetrada pelo seu segundo marido, Ptolemeu Cerauno, rei da Macedónia⁷⁶.

Os lugares onde os Argonautas contactam com outros povos são: Lemnos (1.609-909), onde resolvem o problema de descendência às habitantes; o país dos dolíones (1.955-1152), governados por Cízico, mortos em absurdo combate; a terra dos mísios (1.1177-1272), com a paragem em Cio, onde são deixados inadvertidamente Héracles, Hilas e Polifemo; o país dos bébrices (1.1360-2.166), governados por Âmico, que desafia o melhor dos Argonautas a competir com ele no pugilato; Tínia (2.177-553), onde habita Fineu, libertado da maldição das Harpias pelos Boréadas; a terra dos mariandinos (2.751-899), governados por Lico, que lhes entrega o filho Dásilo para os ajudar nas relações com os povos da zona.

Também nestes locais os Argonautas cumprem, como seria de esperar, rituais sagrados e fazem libações aos deuses: no país dos dolíones aplacam Reia-Cíbele (1.1078-1152); em Cio fazem sacrifícios a Apolo (1.1186); na Bebrícia, aos deuses em geral (2.156); em Tínia, a Apolo (2.493-4) e aos doze bem-aventurados (2.531-3); na terra de Lico, substituem as honras aos deuses pelas que são devidas aos mortos, Ídmon (2.837-8) e Tífis, o primeiro fatalmente atingido por um javali (2.818-834) e o segundo prostrado por doença súbita (2.856).

Sabendo que qualquer uma destas extensas paragens oferece múltiplas possibilidades interpretativas e merece uma

⁷⁵ DS 4.43.1-2.

⁷⁶ Sousa 2020: 137-8; cf. Delage 1930: 85-6.

análise mais pormenorizada, de forma sucinta diríamos que Lemnos representa a participação da mulher na esfera política⁷⁷; os dolíones, o absurdo da guerra; Cio, a prevalência do novo mundo sobre o velho, que Héracles, o herói esquecido, encarna; Âmico, a hostilidade que o diálogo não consegue contornar, que é também a instabilidade internacional; Fineu e as Harpias trazem, de novo, o tema da vitória do novo mundo sobre o velho, com os semideuses a rechaçarem os deuses originais; e, por fim, a terra dos mariandinos realça a fragilidade do homem, com as mortes não heróicas (à luz da épica homérica) dos dois Argonautas.

O mundo grego ptolemaico marcado pelo cosmopolitismo e pela investigação científica, em diálogo constante com os textos da Antiguidade, que eram recolhidos, estudados e editados, inspirou uma epopeia que, subvertendo a tradição na qual se enraíza, reflete a nova forma de o homem se posicionar no mundo.

⁷⁷ Sousa 2020.

BIBLIOGRAFIA

Edições:

Fränkel, H. (1988), *Apollonii Rhodii Argonautica*. Oxford: Classical Texts.

Hunter, R. (1989), *Apollonius of Rhodes. Argonautica. Book III*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hunter, R. (2015), *Apollonius of Rhodes. Argonautica. Book IV*. Cambridge: Cambridge University Press.

Vian, F., Delage, E. (2002a³), *Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chants I-II*. Texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Tome I. Paris: Les Belles Lettres.

Vian, F., Delage, E. (2009³), *Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chant III*. Texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Tome II. Paris: Les Belles Lettres.

Vian, F., Delage, E. (2002b²), *Apollonios de Rhodes. Argonautiques. Chant IV*. Texte établi et commenté par Francis Vian et traduit par Émile Delage. Tome III. Paris: Les Belles Lettres.

Dicionários:

Bailly, A. (1963²⁶), *Dictionnaire Grec-français*. Paris: Hachette.

Chantraine, P. (1999), *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck.

Obras antigas:

Costa, J. M. (1852), *Os Argonautas. Poema de Apollonio Rhodio*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa-da-Moeda. Consultado em:

<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=94438> (consultado em março de 2021)

Hamilton, G. (1842), *Researches in Asia Minor, Pontus, and Armenia: with some account of their antiquities and geology* (facsimile de 1984, Hildesheim, New York: G. Olms). London. Consultado em: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/hamilton1842bd1> (consultado em março de 2021)

Estudos:

Bulloch, A. W. (1985), “Hellenistic Poetry”, in: P.E. Easterling & B.M.W. Knox (eds), *Cambridge History of Classical Literature. I: Greek Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 586-598.

Buraselis, K. (2008), “The Problem of the Ptolemaic Marriage. A case of dynastic acculturation?”, in P. McKechnie, P. Guillaume (eds.), *Ptolemy II. Philadelphus and his world*. Leiden-Boston: Brill, 291-302.

Campbell, M. (1971), “Further notes on Apollonios Rhodios”, *The Classical Quarterly* 21 402-423.

Carreira, P. (2014), *As Argonáuticas de Apolónio de Rodes. A Arquitetura de um poema helenístico*. Lisboa: Esfera do Caos.

Clare, R.J. (2002), *The Path of the Argo. Language, imagery and narrative in the Argonautica of Apollonius Rhodius*. Cambridge: Cambridge University Press.

Clauss, J.J. (1993), *The best of the Argonauts. The redefinition of the epic hero in book 1 of Apollonius' Argonautica*. Berkeley: University of California Press.

Delage, E. (1930), *La Géographie dans les Argonautiques d'Apollonios de Rhodes*. Bordeaux: Feret et Fils, éditeurs, Paris: Kincksieck, De Boccard.

- Dubel, S. (2010), “Aphrodite se mirant au bouclier d’Arès: Transpositions homériques et jeux de matière dans l’épos hellénistique”, in: E. Prioux & A. Rouveret (eds.), *Métamorphoses du Regard Ancien*. Paris: Presses Universitaires de Paris Ouest, 13-28.
- Eckstein, A. M. (2006), *Mediterranean Anarchy, Interstate War, and the Rise of Rome*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.
- Fantuzzi, M., Hunter, R. (2002), “Apollonius Rhodius”, in: H. Cancik, H. Schneider (eds.), *Brill’s Encyclopaedia of the Ancient World: New Pauly, vol. I (Antiquity)*. Leiden/Boston: Brill, cols. 868-874.
- Fantuzzi, M., Hunter, R. (2004), *Tradition and Innovation in Hellenistic Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press (trad. inglesa de *Muse e modelli: la poesia ellenistica da Alessandro Magno ad Augusto*. Roma: Bari, 2002).
- Ferreira, J.R. (1974), “Uma tradução portuguesa dos Argonautas de Apolônio de Rodes”, *Humanitas* 25/6 185-215
- Fränkel, H. (1968), *Noten zu den Argonautika des Apollonios*. München: Beck.
- Grube, G.M.A. (1995), *The Greek and Roman Critics*. Cambridge, Indianapolis: Hackett Publishing Company.
- Hammond, N.G., Walbank, F.W. (1988), *A History of Macedonia vol. III: 336-167 B.C.* Oxford: Oxford Clarendon Press.
- Harder, A. (2019), “Sons and fathers in the catalogue of Argonauts in Apollonius Argonautica 1.23-233”, *Eugesta* 9 1-25.
- Herman, G. (1987), *Ritualised Friendship and the Greek City*. Cambridge, New York: Cambridge University Press.
- Hunter, R. (1993), *The Argonautica of Apollonius. Literary Studies*. Cambridge: University Press.
- Júnior, F.R. (2018), “Héracles e o heroísmo nas Argonáuticas de Apolônio de Rodes”, *Cadernos Letras da UFF* 28.56 203-221.

- Júnior, F.R. (2019), “A ΕΚΦΡΑΣΙΣ do manto de Jasão nas Argonáuticas e seu modelo iliádico”, *Classica, Revista Brasileira de Estudos Clássicos* 32.1 147-164.
- Koopman, N. (2014), *Ancient Greek ekphrasis: between description and narration*. PhDiss. Universidade de Amsterdão. Consultado em: https://www.academia.edu/9657721/Ancient_Greek_ekphrasis_Between_description_and_narration (consultado em março de 2021).
- Lawall, G. (1966), “Apollonius’ Argonautica. Jason as anti-hero”, *Yale Classical Studies* 19 119-169.
- Lefkowitz, M. R. (2001), “Myth and History in the biography of Apollonius”, in: Th. D. Papanghelis & A. Rengakos (eds.), *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden: Brill, 51-71.
- Mason, H.C. (2016), “Jason’s cloak and the Shield of Heracles”, *Mnemosyne* 69.2 183-201. Consultado em: https://www.academia.edu/15270736/Jasons_Cloak_and_the_Shield_of_Heracles (consultado em março de 2021).
- Mori, A. (2005), “Jason’s Reconciliation with Telamon. A Moral Exemplar in Apollonius’ ‘Argonautica’”, *The American Journal of Philology* 126 209-236.
- Mori, A. (2008), *The Politics of Apollonius Rhodius’ Argonautica*. Cambridge: University Press.
- Montana, F. (2015), “Hellenistic Scholarship”, in: F. Montanari, St. Matthaios & A. Rengakos (eds.), *Brill’s Companion to Ancient Greek Scholarship* (2 Vols.). Leiden: Brill, 60-183.
- Murray, J. (2014), “Anchored in Time: the Date in Apollonius’ Argonautica”, in: M.A. Harder, R.F. Regtuit, G.C. Wakker (eds.), *Hellenistic Poetry in Context*. Leuven, Paris, Walpole: Peeters, 247-277.
- Pfeiffer, R. (1968). *History of Classical Scholarship from the beginnings to the end of the Hellenistic Age*. Oxford: Oxford Clarendon Press.

- Rengakos, A. (2001), “Apollonius Rhodius as a Homeric Scholar”, in: Th. Papanghelis & A. Rengakos (eds.), *A Companion to Apollonius Rhodius*. Leiden, Boston, Köln: Brill, 193-216.
- Sandys, J. E. (1967). *A History of Classical Scholarship. Vol. 1. From the Sixth century B.C. to the end of the middle ages*. New York, London: Hafner Publishing Company.
- Shapiro, H.A. (1980), “Jason’s cloak”, *Transactions of the American Philological Association* 110 263-86.
- Sousa, A.A.A. (2012), “Le sourire des Amants et la Fusion de l’Amour (A.R. 3.1008-1024)”, *Euphrosyne* 40 321-326.
- Sousa, A.A.A. (2013a), “A Metamorfose de Medeia na Argonáutica de Apolónio de Rodes”, *Aletria: Revista de Estudos de Literatura* 23/1 73-82.
- Sousa, A.A.A. (2013b), “Apolónio de Rodes 4.1-5: uma teia de sentidos”, in: M. C. Pimentel e P. F. Alberto (eds), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 133-141.
- Sousa, A.A.A. (2019), “O surgimento da crítica textual na época alexandrina”, in: A. C. Silva (ed.), *Inscrições da Tradição Clássica e Oriental na Contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado, 10-19.
- Sousa, A.A.A. (2020), “Lemnos e Drépane: a voz política das mulheres em Apolónio de Rodes”, in: F. Rebelo, M. M. Miranda (coords.), *O mundo clássico e a universalidade dos seus valores: da Antiguidade ao nosso tempo*. Vol.1. Coimbra: Imprensa da Universidade, 135-148.
- Sousa, A.A.A. (2021). “Limiares ou Mudanças Anunciadas, em Apolónio de Rodes”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 23 199-223.
- Strootman, R. (2014), “Hellenistic Imperialism and the Ideal of World Unity”, in: C. Rapp, H. A. Drake (eds), *The City in the Classical and Post-classical World: Changing Contexts of Power and Identity*. New York: Cambridge University Press, 38-61.

Apolónio de Rodes

Argonáutica,
Livros I e II.
Estudo Introdutório,
Tradução e Notas

Traduzido por ANA ALEXANDRA ALVES DE SOUSA

LIVRO I

- Começo por ti, Febo, para lembrar as glórias
dos mortais há muito nascidos que, pela foz do Ponto
e atravessando as Rochas Ciâneas, por ordem do rei Pélias,
conduziram até ao velo de ouro a nau Argo de belos bancos.
5 Eis a profecia que Pélias ouviu: no futuro esperá-lo-ia
um destino odioso, pois publicamente se submeteria à
influência
de um homem que veria chegar com uma só sandália.
Não muito tempo depois, de acordo com o teu oráculo,
Jasão, atravessando a pé a corrente do Anauro engrossada
10 pela borrasca, salvou da lama uma sandália, ficando a outra
para trás, presa ali mesmo nas profundezas da foz do rio.
Chegou sem delongas junto de Pélias, ao festim
celebrado em honra do pai Posídon e dos outros
deuses; só Hera pelasga eles não veneravam¹.
15 Logo que viu Jasão, pôs-se a conjeturar e desafiou-o
com uma navegação plena de aflições, para lhe gorar
o regresso, fosse no mar fosse entre homens de outras terras.

Catálogo dos heróis

- A propósito da nau, os aedos de outrora cantam ainda
que Argo se afadigou a construí-la sob os conselhos de Atena.
20 Eu agora falarei da raça e dos nomes dos heróis,

¹ Deusa protetora de Jasão e tradicionalmente adorada na Tessália.

dos seus longos caminhos pelo mar e de quanto alcançaram na sua errância. Sejam as Musas as inspiradoras do meu canto.

25 Lembrarei, em primeiro lugar, Orfeu, que, outrora, segundo se diz, a própria Calíope gerou, ao unir-se ao trácio Eagro perto dos cumes de Pimpleia².

Conta-se que havia enfeitiçado, nas montanhas, as obstinadas rochas e o curso dos rios com a sonoridade da sua voz. Os carvalhos selvagens ainda agora dão sinais daqueles cantos: sobre a costa trácia de Zona, frondosos, 30 avançam em densas filas sucessivas; foi ele que os conduziu da bem distante Piéria, enfeitiçando-os com a sua fórminx. Tal era o Orfeu que, para lhe prestar auxílio nas provas, o Esónida recebeu no grupo, obedecendo às ordens de Quíron, Orfeu que governava a Piéria da Bistónia.

35 Sem delongas veio também Astérion, gerado por Cometes; habitava junto das águas do Apídano, que redemoinha perto do Monte Fileu³, em Pirésias, onde confluem o imenso Apídano e o divino Enipeu⁴, que vêm de longe, ambos para o mesmo lugar.

40 Tendo deixado Larissa, veio, além destes, Polifemo o Elácida⁵, que, dantes, entre os robustos Lápidas, quando os Lápidas se armaram contra os Centauros, era o mais novo no combate. Agora já sentia os membros

² Localidade perto da Piéria ou, segundo outros, um monte da Trácia.

³ Segundo os escólios *ad* 1.35a e b, Fileu era uma montanha da Magnésia, e Pirésias, uma cidade que ficava perto. A referência mais antiga que temos ao orónimo remonta a Apolónio.

⁴ Rios da Tessália.

⁵ Explica o escólio *ad* 1.1241a que “segundo alguns Polifemo era filho de Élatos, segundo outros de Posídon; era casado com Laónome, irmã de Héracles e filha de Anfitrião e Alcmena”.

mais pesados, mas o seu ânimo pertencia a Ares como outrora.

45 Íficlo não ficara muito tempo em Fílace.

Ele era tio materno do Esónida, pois Éson tomou a irmã deste como esposa, Alcímede, filha de Fílaco. A glória familiar e esta relação de parentesco impeliram-no a juntar-se ao grupo.

O soberano Admeto também não ficou em Feras
50 de abundantes ovelhas, sob o cume do Monte Calcodónio⁶.

Em Álope também não ficaram os dois filhos de Hermes, ricos em searas e peritos em dolos, Érito e Equíon.

Além destes, o terceiro irmão, Etálides, foi ter com eles quando partiram. Fora gerado perto da corrente do Anfisso
55 por Eupolemeia, a filha de Mirmidão, de Ftia; os outros dois haviam sido gerados por Ancianira, filha de Menetes.

Veio também Corono o Cenida, que deixara o opulento Gírton: era um herói notável, mas não melhor do que o pai. Ceneu mantinha-se vivo, muito embora os aedos celebrem
60 a sua morte entre os Centauros. Foi quando ele, sozinho, os rechaçou, afastando-os dos outros heróis. De novo fizeram uma arremetida, sem o derrubarem nem o trespassarem. Mas inquebrável mergulhou, hirtó, lá em baixo, na terra, derrubado por uma avalanche de resistentes pinheiros.

65 Veio ainda o Titarésio Mopso, a quem entre todos o filho de Leto ensinara os vaticínios das aves.

Veio Eurídamas, filho de Ctímeno; perto do lago Xínias habitava em Ctímene, no país dos dólopes.

E Actor instigou a que viesse de Opunte
70 o seu filho Menécio, para que partisse com os heróis.

Seguiam-no ainda Eurícion e o vigoroso Eribotes,

⁶ Segundo o escólio *ad* 1.50, este monte situava-se acima de Feras. A única menção que temos ao orónimo encontra-se neste verso e no respetivo escólio.

filhos, um de Teleonte e o outro de Iro o Actórida.

De facto, o glorioso Eribotes era filho de Teleonte e Eurícion de Iro. Com eles chegou também um terceiro herói,
75 Eleu, superior em pujança viril e perito em acoessar pelas costas, quando se esgueirava pelas falanges dos inimigos.

Da Eubeia chegou, conforme almejava,

Canto, que Caneto o Abanciáde havia enviado.

Não estava destinado a regressar a Cerinto. Cabia-lhe,

80 como ao próprio Mopso, conhecedor da ciência profética, ser morto nos confins da Líbia, quando por aí vagueassem.

Os homens não escapam ao flagelo da morte, por muito longe que estejam. Aqueles, por exemplo, foram enterrados na Líbia, longe dos colcos, a uma distância tal qual a que separa

85 o lugar onde o sol se põe do lugar onde o sol nasce⁷.

Reuniram-se a ele ainda Clício e Ífito,

guardiões de Ecália, filhos do cruel Êurito, Êurito a quem o deus que acerta ao longe ofereceu um arco; mas não

aproveitou a oferenda, pois preferiu ripostar com o benfeitor⁸.

90 Chegaram também os Eácidas, mas não os dois juntos, nem do mesmo lugar. Haviam fugido para se estabelecerem longe de Egina, depois de terem matado o irmão Foco por descuido⁹. Télamon habitava na ilha ática¹⁰, enquanto Peleu habitava na sua morada em Ftia, longe dele.

⁷ Nesta concepção geográfica, a Líbia ficava no extremo oeste do mundo e a Cólquida no extremo este.

⁸ Apolónio segue a versão homérica em que Êurito é morto por Apolo na sequência de o ter desafiado com o arco (*Od.* 8.226-8).

⁹ Na versão apresentada por Apolónio, Peleu e Télamon são inocentes. Na versão mais conhecida, a morte é premeditada e executada por ambos. O termo que os inocenta *ἀφραδίη*, “descuido”, surge no poema, por duas vezes para caracterizar a conduta da juventude (2.327, 481).

¹⁰ A ilha de Salamina.

- 95 Além destes veio de Cecrópia Butes, herói de Ares,
 filho do bravo Teleonte, e Falero de boa lança de freixo.
 Fora Álcon, pai deste, que o enviara; não tinha outros filhos
 que velassem pela sua velhice nem pela sua vida;
 mas, embora fosse o seu dileto e único filho,
 100 enviara-o, para que se distinguisse entre os audaciosos heróis.
 A Teseu, que excedia todos os Erectidas, cadeias impercetíveis
 retinham-no sob a terra do Ténaro, pois seguia Pirítoos
 numa viagem vã¹¹. Por certo que estes dois teriam tornado
 mais fácil para todos o desfecho da tribulação.
- 105 Tífis, o filho de Hágnias, deixara o demo téspio
 de Sifas: ele era notável a prever o encrespar das vagas
 do vasto mar, notável a prever as tempestades de vento
 e a calcular a rota pelo sol e pelas estrelas.
 A própria Tritónia Atena o impeliu a juntar-se
 110 ao grupo dos heróis, que ansiavam por esta chegada.
 Ela afadigou-se a preparar a veloz nau: com ela
 Argo o Arestórída construiu-a sob os seus conselhos.
 Assim Argo excedia todas as outras naus
 que haviam experimentado o mar pela força dos remos¹².
- 115 Além destes, chegou a seguir Flias de Aretírea¹³,
 onde habitava de forma opulenta por causa de Dioniso,

¹¹ Nesta versão, Teseu acompanha Pirítoos ao reino de Hades e a deusa Perséfone, que eles pretendiam trazer, prende-os, fazendo-os sentar-se sobre uma rocha, de onde não se podiam levantar, segundo o escólio *ad* 1.101-4a. Héracles liberta Teseu, deixando Pirítoos para trás.

¹² Para Apolónio Argo não é o primeiro barco. No poema, os filhos de Frixo, que encontram os Argonautas, sofrem um naufrágio (2.1095-ss) e Jasão refere claramente que Ariadne havia embarcado com Teseu quando deixara a terra paterna (3.1000-1).

¹³ Cidade da Argólida, mais tarde designada Fliunte. É referida no catálogo das naus (*Il.* 2.571) como uma terra aprazível. Era célebre pelas suas vinhas.

seu pai, junto da hospitaleira nascente do Asopo.

De Argos vieram Tálao e Areio, filhos de Bias,
e chegou o denodado Leódoco, todos três gerados
120 por Péro a Nelida; por ela o Eólida Melampo
esgotara-se num pesado sofrimento nos estábulos de Íficlo¹⁴.

De forma nenhuma fomos informados de que a força
de Héracles de ânimo possante¹⁵ gorasse as expectativas de
Jasão.

Pelo contrário, quando ouviu a notícia de que os heróis se
reuniam,
125 acabando de percorrer o caminho da Arcádia para Argos
Lirceia¹⁶,

pelo qual transportou, ainda vivo, o javali que se alimentava
nos vales de Lampia, no grande sapal do Erimanto¹⁷,
sacudiu das suas amplas espáduas, à entrada do palácio
de Micenas, o animal atado com cadeias e partiu
130 por vontade própria, ao arrepio do que Euristeu pensasse.
Com ele ia Hilas, notável parceiro de armas, no viço
da juventude, portador das suas setas e guarda do seu arco.

Além deste, chegou um descendente do divino Dánao,
Náuplio. Ele era filho de Clitoneu o Naubólida,
135 e chegou Náubolo, filho de Lerno. Sabemos que Lerno

¹⁴ Neleu decidira que só daria a sua filha Péro em casamento àquele que conseguisse conduzir de Fílaca para Pilo o gado de Íficlo. O adivinho Melampo compromete-se a fazê-lo, mas o poderoso Íficlo e os boieiros prendem-no. Quando finalmente é libertado por Íficlo, como recompensa de lhe ter revelado os oráculos, recebe a donzela, que entrega ao irmão para ser sua esposa (*Od.* 11.289-297; 15.226-239).

¹⁵ O epíteto κρατερόφρων, “de ânimo possante”, é atribuído a Héracles em *Il.* 14.324; cf. introdução p. 21, n.15.

¹⁶ O adjetivo Λυρκήτιον provém do nome Lirceu, que fora rei de Argos.

¹⁷ O Erimanto é um rio e o monte onde se situa a foz desse rio.

era filho de Preto o Nauplíada; unindo-se a Posídon,
a jovem danaide, Amimone, gerara outrora Náuplio,
que sobressaía entre todos em matéria de navegação.

Ídmon fora o último a chegar dos que habitavam
140 em Argos; ainda que pelas aves tivesse ficado a conhecer
qual seria o seu destino, veio, não fosse o povo denegrir-lhe
a glória. Não era filho verdadeiro de Abas, mas o próprio filho
de Leto o gerara, colocando-o no número dos gloriosos
Eólidas; aquele ensinara-o a vaticinar, a dar atenção
145 às aves e a ler os sinais das vítimas calcinadas.

E mais ainda: o possante Polideuces e Castor, perito a
conduzir
cavalos de pés velozes, foram impelidos por Leda de Etólia
a vir de Esparta. Ela dera-os à luz na morada de Tíndaro,
numa só dor de parto, a eles, os seus diletos. Não deixou de
ouvir
150 as suas súplicas, pois preparava-lhes algo digno dos rebentos
de Zeus.

Linceu e o colossal Idas, filhos de Afareu, vieram
de Arene, ambos ousadíssimos pelo seu grande vigor.
Linceu sobressaía pelos olhos muito argutos,
se é verdadeira a glória que este homem tinha de ver,
155 com nitidez e facilidade, as profundezas da terra.

Também Periclímeno o Nelida se apressou a partir,
ele, o mais velho dos filhos do divino Peleu,
que nasceram em Pilos. Posídon dera-lhes
um vigor sem fim e a possibilidade de se transformarem
160 no que desejassem ao lutarem na refrega da guerra.

E mais ainda: Anfídamas e Cefeu vieram da Arcádia:
habitavam em Tégea, no lote de terra de Afidas,
ambos filhos de Áleo. Um terceiro herói,
Anceu, seguiu-os, enviado por seu pai Licurgo,

- 165 irmão mais velho de Anfídamas e de Cefeu. Licurgo,
como estava a envelhecer, ficou na cidade para zelar
por Áleo e entregou o filho aos seus irmãos.
Este chegou coberto com a pele do urso do Ménalo
e brandindo um enorme machado de dois gumes na mão
direita¹⁸.
- 170 O avô paterno¹⁹ escondera-lhe as armas nos recônditos
do celeiro, a ver se de alguma maneira o impedia de partir.
Chegou também Augias, que se contava que era filho
de Hélio. Orgulhoso da sua riqueza, reinava sobre o povo
de Élis e desejava muito ver a terra da Cólquida
175 e o próprio Eetes, senhor dos colcos.
Astérion e Anfíon, filhos de Hiperásio,
chegaram de Pelene, da Acaia, cidade que um dia
Peles, o seu avô paterno, fundara nos píncaros do Egíalo.
Além destes, deixando o Ténaro, chegou Eufemo,
180 de pés mais velozes do que qualquer outro, gerado
pela filha do pujante Tício, Europa, que se uniu a Posídon.
Este homem corria veloz sobre as ondas do mar glauco
e não se molhava; apenas se lhe humedecia a ponta
dos pés, deixando um rasto pelo caminho líquido.
185 Chegaram também os dois outros filhos de Posídon:
um, Érgino, havia abandonado a cidadela da nobre Mileto;

¹⁸ A pele de urso do Ménalo, envergada por Anceu, torna esta personagem um duplo de Héracles, que também se cobria com uma pele: a do leão da Nemeia. O machado de dois gumes evoca a clava de ferro de Areítoo, despojo de Licurgo, que o mata num desfiladeiro por dolo. Esta história é contada por Nestor aos argivos, quando exprime vontade de ser mais novo e de ter a pujança de Ereutálion, o escudeiro a quem Licurgo, depois de envelhecer, dera as armas de Areítoo (*Il.* 7.132-149). O facto de ser um duplo de Héracles explica que a tripulação lhe dê, como a Héracles, um banco específico para remar (1.396-8).

¹⁹ Áleo.

o outro, o colossal Anceu, abandonara Parténia²⁰,
morada de Hera do Ímbraso. Ambos se ufanavam
de conhecer igualmente a navegação e a guerra.

190 Além destes, o filho de Eneu, o valente Meleagro,
partindo de Cálidon, chegou com Laocoonte.
Laocoonte era irmão de Eneu, mas não da mesma mãe;
uma serviçal que trabalhava à jorna dera-o à luz. Ele
já era velho e Eneu mandara-o ir para instruir o filho,
195 que, ainda um menino, entrava no ousadíssimo
grupo de heróis. Penso que não teria chegado outro
que o suplantasse, excluindo Héracles, tivesse ele ficado
a ser criado pelos Etólios apenas um ano mais.

Também o tio materno deste percorreria idêntico caminho;
200 bem instruído quer no dardo quer no combate a pé,
Íficlo o Testíada acompanhara-o quando aquele partiu.

Com ele veio Palemónio, filho de Lerno de Óleno
– de Lerno nominalmente, de Hefesto pelo sangue.
Por isso também era coxo dos dois pés. Ainda assim, ninguém
205 ousaria desdenhar do seu corpo, nem da sua pujança viril.
Veio para o número dos heróis, aumentando a fama de Jasão.

Do país dos Fócios veio Ífito, filho de Náubolo,
filho de Órnito. Outrora havia dado hospitalidade a Jasão,
quando este fora a Pito para interrogar o deus que vaticinou
210 sobre a navegação; Ífito recebera-o ali na sua morada.

Além destes, chegaram Zetes e Calais, filhos de Bóreas,
eles que a Erectida Oritia havia gerado, certo dia, com Bóreas,
nos confins da invernosa Trácia. Fora dali precisamente,

²⁰ Antigo nome de Samos. Segundo uma tradição, Hera nasceu, passou a sua infância e uniu-se pela primeira vez a Zeus nesta ilha. Pausânias 7.4.4 explica que o santuário de Hera em Samos fora erigido pelos Argonautas.

da Cecrópia, que o trácio Bóreas a raptara quando,
215 em frente do Ilisso, ela dançava rodopiando.
Levando-a para longe dali, num lugar chamado
Rocha de Sarpédon, junto da corrente do rio Ergino,
envolveu-a em sombrias nuvens e possuiu-a.
Ambos ergueram as ondeantes asas escuras que tinham
220 de cada lado das têmporas e dos pés, enorme maravilha de se
ver,
esplendentes com a plumagem dourada. Sobre o dorso,
do cimo da sua cabeça, de um lado e do outro do pescoço,
os seus cabelos escuros esvoaçavam com a brisa do vento.
Nem o filho do denodado Pélias,
225 Acasto, ansiou ficar no palácio do seu pai;
nem Argo, que havia prestado serviço à deusa Atena.
Os dois estavam destinados a juntar-se ao grupo.
E foram estes os que se reuniram para assistir Jasão.
Os habitantes das redondezas chamavam Mínias a todos
230 estes heróis, pois a maior parte deles e os melhores
ufanavam-se de serem do sangue das filhas de Mínias.
O próprio Jasão fora concebido pela mãe
Alcímede, filha da Miníade Clímene.

Os heróis preparam-se para partir

Logo que os servos prepararam tudo aquilo
235 com que se deve equipar o interior de uma nau provida de
remos,
sempre que os homens têm de navegar pelo mar fora,
os heróis atravessaram a cidade em direção à nau, que estava

nas chamadas Costas Págasas da Magnésia²¹. Em volta deles
uma turba de gente corria, acompanhando o seu afã.

240 Eles distinguiram-se como estrelas brilhantes entre as nuvens.
E cada um dizia, ao vê-los luminosos com as suas armas:

“Zeus soberano, qual é a ideia de Pélias? Para onde mandou
ele este grupo de homens, ao expulsá-los da terra aqueia?

Quando Eetes se recusar a entregar de bom grado o velo,
245 são bem capazes de lhe devastar a casa pelo deletério fogo.
Da viagem não podem fugir e a tarefa é bem difícil de realizar.”

Assim falavam, aqui e ali, na cidade. As mulheres
erguiam, fervorosas, as mãos aos céus, pedindo aos imortais
que concedessem aos heróis o regresso que regozija o coração²²;
250 e lamentavam-se entre si derramando lágrimas:

“Desditosa Alcímede, também para ti chegou o infortúnio,
embora algum tempo mais tarde, pois não terminaste a vida
em glória.

Quão grande é a infelicidade de Jasão! Teria sido melhor
para ele que outrora o tivessem envolvido numa mortalha
255 e jazesse debaixo da terra, íncio das funestas provas.

Pudesse também a vaga negra ter engolido Frixo,
juntamente com o carneiro, quando morreu a donzela Hele.
Em vez disso, o funesto prodígio de ouro emitiu uma voz

humana²³,

²¹ Cidade da Magnésia, na Tessália, de cujo golfo parte a nau Argo para, no final do poema, aí de novo regressar (4.1781).

²² Na segunda parte do poema encontramos um verso muito parecido na prece que Jasão dirige a Tritão, depois de este desaparecer com o tripé de Apolo, que os heróis lhe oferecem (4.1600).

²³ O adjetivo ἀνδρόμεος, “humano”, que qualifica a voz do carneiro, é o mesmo que qualifica a voz da nau Argo (4.581). Através de um epíteto estabelece-se, de forma subtil, uma relação entre a nau e o carneiro, por causa de cujo velo os Argonautas partem; sobre o facto de

para, mais tarde, causar a Alcímede tristezas e miríades de dores.”

260 Assim eram as suas palavras quando eles chegaram ao porto.

Estavam já reunidos muitos servos e servas e a mãe de Jasão, que o estreitava. Uma angústia lancinante dilacerava cada um. Com eles lamentava-se o pai, sob o jugo da deletéria velhice, cobrindo-se no leito com um pano que lhe moldava o corpo.

265 Então Jasão acalmou-lhes a angústia, animando-os, e aos servos disse que lhe levassem as armas de Ares²⁴; estes, em silêncio e cabisbaixos, levaram-lhas.

A mãe, que logo lançou os braços em volta do filho, retinha-o com um choro profuso. Como uma jovem que, sozinha, no amparo do abraço da ama de cabelos grisalhos, rompe em choro abafado, pois não tem quem cuide dela, vergada pelo peso de uma vida sob o jugo de uma madrastra que acaba de a maltratar com inúmeros ultrajes, deixando-lhe o coração preso ao dilacerante pranto,

275 sem conseguir soltar tantos soluços quantos engolia; assim também Alcímede em seu choro profuso, envolvia nos braços o filho e em cuidados disse o seguinte:

“Quisessem os deuses que aquele dia em que eu, desditosa, ouvi o rei Pélias pronunciar a funesta ordem, tivesse logo entregado a minha alma, esquecida de cuidados, para ser enterrada pelas tuas mãos queridas, meu filho!

280 De ti só me restaria esperar ainda isso, pois há muito que me dás toda a proteção.

Mas eis que eu agora, amada outrora pelas mulheres aqueias,

o carneiro falar habitualmente ou ter sido apenas neste momento, cf. introdução p. 18, n. 66 e 67.

²⁴ As armas são referidas com o nome do deus da guerra (“as armas de Ares), que serve também para construir epítetos que caracterizam personagens (e.g. 1.95, 349, 1000) e povos (e.g. 2.397).

285 ficarei abandonada numa casa vazia, como uma serva,
 onde, infeliz, definharei com saudades de ti, tu que és aquele
 cuja glória e fama respeitei antes de mais, o único por quem
 desatei a faixa da minha cintura pela primeira e derradeira vez,
 pois a deusa Ilitia recusou-me a graça de ter muitos partos.
 290 Que ruína a minha! Nem mesmo em sonhos teria pensado
 que me seria tão funesto que Frixo escapasse com vida.”

Assim ela se lamuriava, gemendo, e as escravas
 em volta faziam o mesmo. Jasão, por sua vez,
 encorajava-a com palavras brandas, dizendo-lhe:

295 “Mãe, não te entregues de forma tão excessiva
 à deplorável tristeza, porque não te desviarás da desgraça
 com lágrimas, só conseguirás dores e mais dores.
 Os deuses distribuem pelos mortais tormentos impercetíveis.
 Ousa suportar o destino que te cabe, embora te condoas
 300 de mim no teu íntimo. Coragem! Confia no pacto²⁵ com Atena
 e nos vaticínios, porque o oráculo de Febo é bastante favorável,
 e depois confia também na cooperação destes heróis.
 Fica agora aqui em casa, tranquila, na companhia das escravas,
 e não sejas uma deplorável ave agourenta para a nau.
 305 Acompanhar-me-ão os que me são próximos e os meus servos.”

Disse e saiu de casa com pressa de partir.
 Tal como Apolo, que, saindo do seu fragrante templo,

²⁵ O termo *συνημοσύνη*, “pacto”, surge apenas uma vez mais, quando Medeia explica a diferença entre os habitantes da Hélade e os da Cólquida (3.1105). Eis mais um termo que só tem duas ocorrências e que permite bipartir o poema. Podemos, assim, concluir que há dois tipos de pactos nesta epopeia: os que os mortais (ou semideuses) estabelecem com os deuses (1.300) e os que os homens estabelecem entre si, dos quais os helenos têm fama de ser respeitadores (3.1105). Estabelecer uma relação entre estes dois passos permite dizer que os habitantes da Hélade são como deuses na procura de uma atuação política fundada em pactos.

chega à sagrada Delos ou a Claro, a Pito
ou à vasta Lícia, junto da corrente do Xanto;
310 assim caminhava Jasão por entre o povo. A turba
levantava em uníssonos brados de exortação. Ao encontro
dele vinha a venerável Ífias, sacerdotisa de Ártemis,
protetora da cidade, e beijou-lhe a mão direita, mas não
conseguiu
falar-lhe, embora desejasse, pois o grupo corria em redor.
315 A venerável Ífias ficou para trás, ali mesmo, depois de os mais
novos
a terem voltado noutra direção, e ele, afastando-se, desviou-se
para longe.

Quando deixou as ruas bem construídas da cidade²⁶,
chegou à costa de Págasas, onde os companheiros
que por ele esperavam junto da nau Argo o receberam.
320 Deteve-se no porto e eles estavam reunidos à sua frente.
Aperceberam-se de que Acasto e Argo desciam da cidade
e ficaram atónitos ao vê-los caminharem na sua direção, os dois,
sem demora, em linha reta, ao arrepio do que Pélias pensava.
Um, Argo o Arestórida, cobrira os ombros com uma pele
325 de touro de pêlos negros que o tapava até aos pés; o outro
trazia um belo manto duplo, oferecido por sua irmã Pelopeia.
No entanto, conteve-se de os questionar sobre pormenores;
apenas os exortou a sentarem-se com eles na assembleia.
E ali mesmo sobre o velame enrolado e o mastro
330 inclinado se sentaram todos, uns atrás dos outros.
O filho de Éson dirigiu-se-lhes, bem intencionado:

²⁶ Este verso é dos pouquíssimos que se repete no poema, voltando a surgir quando Medeia sai de casa para ir ao encontro de Jasão no templo (3.887). Esta repetição sugere um paralelismo entre Jasão e Medeia; cf. introdução p. 24-5, n. 23.

A escolha do chefe da expedição

“Aparelhada com tudo aquilo que convém,
a nossa nau está bem equipada e em ordem para a partida.
Por isso não temos razão para adiar por mais tempo
335 a navegação, já que os ventos sopram favoráveis.
Amigos, porque no futuro regressaremos juntos à Hélade
e agora viajaremos juntos ao país de Eetes,
escolhei, sem outro cuidado, o melhor chefe
dentre vós, a quem caberá ocupar-se de cada assunto,
340 litigar e estabelecer acordos com os povos estrangeiros.”

Assim falou. Os jovens fitaram o audacioso Héracles,
que estava sentado no meio deles. E todos, com um só brado,
incentivaram-no a tomar o comando. Mas este, do lugar
onde estava sentado, levantou a mão direita e disse:

345 “Que ninguém me conceda essa distinção. Eu não
aceitarei e dissuadirei qualquer outro de se levantar.
Será aquele que nos reuniu que comandará a nossa hoste.”

Disse Héracles, o de altivos pensamentos, e todos
aprovaram o seu incitamento. Jasão, herói de Ares, levantou-se
350 satisfeito e tomou a palavra em resposta à expectativa deles:

“Se me confiais esta distinção de me ocupar de vós,
nada impede, como dantes, a nossa viagem.
Agora consigamos o favor de Apolo com sacrifícios
e preparemos já um festim. Enquanto chegam os meus servos
355 encarregados dos estábulos, que tinham a incumbência de
trazer

bois para aqui, escolhendo-os da manada, puxemos a nau
para o mar; e, depois de colocarmos toda a mastreação,

tiremos à sorte os remos distribuídos pelos toletes²⁷.

Entretanto erijamos no litoral um altar a Apolo,
360 o deus do Embarque, que no seu oráculo me prometeu
sinalizar e mostrar os caminhos do mar, se comesse
as provas devidas ao rei com sacrifícios em sua honra”.

A nau entra na água

Disse e foi o primeiro a entregar-se à empresa. Os outros,
deixando-se persuadir, levantaram-se e empilharam as vestes,
365 umas sobre as outras, em cima de uma pedra lisa que o mar
nunca
atingira com as ondas, mas que o vagalhão da borrasca um
dia lavou.

Sob os conselhos de Argo passaram em volta da nau
um cabo retorcido, que a prendeu vigorosamente, esticado
de cada um dos lados, para que as traves ficassem bem ajustadas
370 com cavilhas e tivessem força para enfrentar o furor das águas.
Puseram-se sem demora a escavar o lugar em volta,
numa extensão igual à que a nau, puxada pela força
dos braços, haveria de percorrer, da proa até entrar no mar.
À medida que avançavam, iam cavando sempre mais fundo,
375 sob a estrutura da quilha. Espalharam barrotes cilíndricos
polidos
num trilho e inclinaram a nau sobre os primeiros barrotes,
para a levarem a deslizar sobre eles até à água.

Viraram para cima os remos de um lado e do outro,

²⁷ Cavilha de madeira colocada na borda dos bancos dos remadores para apoiar os remos.

- projetando-os um côvado, e prenderam-nos aos toletes.
- 380 Posicionaram-se, uns a seguir aos outros, dos dois lados, pressionando contra a nau o peito e as mãos. Tífis embarcara para instigar os jovens a empurrar no momento certo. Exortou-os com um brado enorme e prontamente eles, numa só arremetida²⁸, com toda a força, usando o seu peso,
- 385 dos dois lados, empurraram-na do lugar. E, movendo os pés, forçavam-na a avançar. A Argo do Pélion deslizava bem rápida. Dos dois lados clamavam a cada arremetida. Por baixo da resistente quilha os barrotes cilíndricos gemiam com a fricção e sob o peso levantava-se um fumo denso em volta.
- 390 Deslizava para o mar e, ali mesmo, prestes a seguraram com os cabos para que não avançasse mais. Reajustaram os remos aos toletes de ambos os lados e, no interior, colocaram o mastro, o velame bem acabado²⁹ e os víveres.
- Logo que habilmente deram atenção a cada pormenor,
- 395 começaram por tirar sortes para distribuir os bancos, dispondo dois homens por banco. Para o do meio haviam escolhido, dentre os demais heróis, Hércules e Anceu, que habitava na cidade de Tégea; apenas para estes não tiraram sortes, reservando-lhes
- 400 o banco do meio³⁰. E voltaram-se para Tífis, aprovando que assumisse o leme da nau de bela quilha.

²⁸ O termo ἐρῶή, “arremetida”, volta a aparecer apenas uma vez mais, no livro IV, nas recomendações que Medeia dá aos Argonautas antes de prostrar Talos (4.1657).

²⁹ O adjetivo εὐποίητος, “bem acabado”, encontra-se mais uma vez, no livro III, como qualificativo das rédeas que Medeia segura quando regressa do encontro com Jasão (3.871).

³⁰ A escolha é estratégica, tendo em conta a corpulência destes

Altar em honra de Apolo, libações e profecias de Ídmon

- E ali mesmo empilharam seixos subtraídos, por assim dizer,
ao mar, erguendo na costa um altar em honra de Apolo,
designado deus do Litoral e do Embarque. Imediatamente
405 espalharam por cima gravetos de oliveira ressequida.
Entretanto os boieiros do Esónida haviam retirado
dois bois da manada e chegavam com eles. Os mais novos
dos companheiros puxavam-nos para perto do altar. Outros
traziam uma bacia com água lustral e grãos de cevada.
410 Em seguida, Jasão fez uma prece em que invocou Apolo Pátrio:
“Ouve, habitante soberano de Págasas e de Esónida,
cidade designada com o nome de meu pai, tu que me
prometeste,
quando consultei o oráculo em Pito, que cumpriria o propósito
e me sinalizarias os caminhos, pois estás na origem das provas,
415 tu, agora, leva a nau e os meus companheiros são e salvos
até lá e trá-los também de regresso para a Hélade. No futuro,
quantos regressarmos, tantos serão os touros que, em glorioso
sacrifício, te voltaremos a consagrar no teu altar. Muitas
oferendas
te levarei em Pito, muitas em Ortígia – o seu número será
sem fim³¹.
420 Mas agora vem, ó deus que acerta ao longe, recebe este
sacrifício

Argonautas.. Evita o desequilíbrio da nau; sobre o facto de Anceu ser uma espécie de duplo de Héracles, cf. n. 18.

³¹ Jasão faz uma promessa semelhante a Apolo, em termos idênticos, na viagem de regresso, quando deixam Creta e surge uma noite sem luz (4.1704-5).

em contrapartida de um feliz embarque, primeiro sinal da nossa gratidão. Deus soberano, que me inspire a habilidade de soltar as amarras para um destino seguro e sobre um vento brando que nos leve na tranquilidade do mar.”

425 Disse. Enquanto fazia a prece, arremessava grãos de cevada. Junto dos bois, dois heróis se armaram: o colossal Anceu e Héracles.

Este com a sua maça atingiu um boi precisamente na parte
frontal

da cabeça; o animal caiu ali mesmo, estatelando-se o corpo na terra. Anceu bateu no largo cachaço do outro

430 com um machado de bronze e rasgou-lhe os possantes
músculos;

o boi deixou descair a cabeça e tombou em cima dos cornos.

Os companheiros degolaram-nos de imediato e esfolaram-nos, cortaram-nos em pedaços e separaram as coxas sagradas.

Envolveram tudo com uma espessa camada de gordura

435 e queimaram-nos sobre toros, enquanto o Esónida vertia libações de vinho puro³². Ídmon estava satisfeito a contemplar as labaredas do sacrifício, que faiscavam por todo o lado, e o
fumo,

que desenhava auspiciosas volutas irrequietas de cor purpúrea.

Sem demora nem rodeios, explicou o pensamento do filho de
Leto:

440 “O destino e a incumbência que os deuses vos dão é voltar aqui com o velo, mas entretanto imensas
hão de ser as provas, tanto na ida como no regresso.

³² O termo *σχίζα*, “toro”, volta a surgir no sacrifício oferecido por Jasão, antes de iniciar as provas (3.1208), tal como a expressão *χέε λοιβάς*, “vertia libações”, também colocada em posição final de verso (3.1210).

O odioso destino que, segundo a divindade, me cabe, é morrer bem longe daqui, algures na terra da Ásia.

445 Outrora as funestas aves instruíram-me da minha fortuna e ainda assim deixei a pátria para embarcar e para preservar a glória da minha casa com este embarque.”

Assim falou. Os jovens ouviram, satisfeitos, os vaticínios sobre o regresso, mas angustiaram-se com o destino de Ídmon.

Reação de Jasão e altercação entre Ídmon e Idas

450 À hora em que o dia no seu auge faz declinar o sol e a sombra dos rochedos acaba de cobrir os campos, quando o sol, em declínio, mergulha na penumbra da noite, a essa hora já todos tinham espalhado copiosa folhagem na areia, ao longo da praia cinzenta, onde se reclinaram

455 em filas sucessivas. Junto deles estavam miríades de alimentos e delicioso vinho, que os escanções serviam em vasos próprios. Em seguida, alternadamente, iam trocando aquelas muitas palavras com que os jovens se comprazem durante os festins, longe da insaciável insolência.

460 Então o Esónida, numa sensação de impotência, ponderava consigo mesmo cada pormenor, com um ar cabisbaixo. Idas, apercebendo-se, admoestou-o com voz forte³³:

“Esónida, que estratégia enovela o teu coração?
Exprime o teu pensamento entre nós. Ou será que te

³³ A expressão *μεγάλη ὀπί*, “com uma voz forte”, encontra-se de novo na segunda parte do poema, quando Jasão invoca Apolo, depois de saírem de Creta (4.1702).

465 prostra o sobressalto que desnorteia os homens timoratos³⁴?
 Juro pela impetuosa lança com que sobrepujo os outros,
 juro pela minha extraordinária fama na guerra – nem Zeus
 pode tanto quanto a minha lança – : não haverá para ti
 tormento mortífero, nem provas improfícuas, se Idas te
 470 acompanhar, mesmo que um deus se coloque no caminho;
 tal é o homem de Arene que levas como teu protetor!”

Disse e, segurando numa taça plena com ambas as mãos,
 bebeu o delicioso vinho sem mistura, molhando
 os lábios e a barba escura. Então todos, ao mesmo tempo,
 475 se alvoroçaram e Ídmon tomou abertamente a palavra:

“Homem surpreendente, tens há muito esses pensamentos
 deletérios ou é o vinho puro que, por desvario, te faz inchar
 no peito um coração audacioso e te incita a não respeitar os
 deuses?

Há outras palavras de encorajamento com que um homem
 pode

480 animar um companheiro. Proferiste palavras bem pérfidias.
 Conta-se que foi assim que outrora os bem-aventurados
 foram injuriados pelos filhos de Aloeus³⁵, cuja pujança viril
 não consegues igualar; porém, não obstante o seu denodo,
 foram prostrados pelas velozes setas dos filhos de Leto³⁶.”

³⁴ No livro III, Idas também reage com indignação às palavras de Mopso, que aconselha os Argonautas a usarem o estratagema da sedução, na Cólquida. Neste passo surge o mesmo epíteto, *ἄναλκεις*, “timorato” (3.563).

³⁵ Oto e Efialtes.

³⁶ A história é narrada em *Od.* 11.305-320. Idas travará uma disputa juntamente com o irmão Linceu contra os primos, Castor e Polideuces, por causa da divisão dos bois que traziam da Arcádia. Idas mata Castor e Polideuces destroça Linceu. Zeus fulmina Idas com o seu raio, fazendo arder também Polideuces. O deus leva este para o Olimpo, mas ele não quer ficar aí sem o seu irmão. Então os dois

485 Assim falou. Idas, filho de Afareu, não parava de rir
e, fazendo um esgar de troça, respondeu com o seguinte
remoque:

“Pois então, explica-me agora se, no teus vaticínios,
os deuses me garantem uma morte semelhante
àquela que o teu pai infligiu aos filhos de Aloeu.

490 Explica como escaparás, incólume, ao meu braço,
se fores apanhado, pois deves estar a profetizar frivolidades.”

E censurava-o³⁷ encolerizado. E o litígio teria ido mais
longe

se os companheiros não tivessem repreendido os que
contendiam

e o próprio Jasão não os tivesse refreado. Erguendo a cítara
495 na mão esquerda, Orfeu dedicou-se ao exercício do canto.

Canto de Orfeu

Cantava como a terra e o céu e o mar
unidos outrora entre si, numa só amálgama,
depois de um deletério litígio, foram separados;
como os astros e os caminhos da lua e do sol
500 têm, continuamente, no céu, limites inabaláveis;
como se ergueram as montanhas e os rios murmurantes,
com as suas ninfas, e todos os animais terrestres³⁸ surgiram.
Cantava como Ofíon e a Oceânide Eurínome

passam alternadamente, um dia em cada dois, com Zeus, no Olimpo
(Pi. N. 10.55-72).

³⁷ O verbo ἐνιπτάζω, “censurar”, surge uma vez mais apenas para
introduzir a admoestação de Héracles (1.864).

³⁸ O substantivo ἐρπετόν, “animal terrestre”, designa qualquer
animal rastejante ou de quatro patas. O termo aparece mais uma vez
na descrição do deserto da Líbia (4.1240).

foram os primeiros a dominar o nevado Olimpo;
 505 como, pela força dos braços, cederam o seu privilégio
 a Crono e a Reia, ao caírem nas vagas do Oceano; estes
 foram então os senhores dos Titás, deuses bem-aventurados,
 enquanto Zeus, ainda rapaz e com um coração de criança,
 habitava na caverna de Dicte. Os Ciclopes, nascidos da terra,
 510 ainda não haviam reforçado o seu poder pelo relâmpago,
 pelo trovão e pelo raio³⁹, que concedem fama a Zeus.

Disse e silenciou a fórminx e a voz divinal.
 Mal cessou, os heróis inclinaram sofregamente a cabeça,
 de ouvido à escuta, todos juntos, na imobilidade
 515 do sortilégio, de tal forma o canto os enfeitiçara.

Libações e partida

Não muito tempo depois fizeram libações em honra de Zeus,
 de pé, conforme a lei sagrada, verteram-nas sobre as línguas
 ardentes das vítimas e confiaram-se ao sono pelo crepúsculo.

Em seguida, enquanto a clara Aurora, com os seus olhos
 520 brilhantes, olhava para os altos píncaros do Pélion, e as cristas
 das ondas do mar sacudido pelo vento fluíam e refluíam,
 indiciando bom tempo, Tífis acordou. Instigou⁴⁰
 os companheiros a embarcarem rapidamente e a ajustarem
 os remos. Então o porto de Págasas e a própria nau do Pélion,
 525 Argo, clamaram de forma medonha, instando-o a partir.

³⁹ Armas fabricadas pelos Ciclopes para Zeus. A primeira cena da descrição do manto de Jasão apresenta precisamente a construção do relâmpago pelos Ciclopes para Zeus (1.730-4); cf. introdução p. 40, n. 54.

⁴⁰ A mesma ação lhe é atribuída em 1.1275.

Na nau havia sido instalada uma trave divina, que Atena tirara de um carvalho de Dodona para ajustar à estrutura da quilha⁴¹. Os heróis, instalados nos bancos, uns atrás dos outros, conforme haviam sido distribuídos para remarem, estavam

sentados

530 nos seus lugares, ordenadamente, com as armas junto deles. No meio sentavam-se Anceu e a enorme força de Hércules, que colocara perto de si a maça, e, debaixo dos seus pés, a quilha da nau mergulhava. Puxaram de imediato as amarras e verteram uma libação de vinho sobre o mar.

535 Então Jasão desviou os olhos chorosos da terra pátria.

Tal como os rapazes que, de pé, fazem uma dança em honra de Apolo, em Pito, em Ortígia ou junto das águas do Ismeno, todos juntos, em redor do altar, ao som da fórminx, batendo, em sincronia, com os pés céleres no solo;

540 assim também, ao som da cítara de Orfeu, os heróis percutiam com intensidade a água do mar, levantando ondulação.

De um lado e do outro as águas negras fervilhavam de espuma, rumorejando terrivelmente com o ímpeto destes robustos

homens.

Sob o sol as armas refulgiam semelhantes a uma chama, 545 na nau que avançava; o longo caminho ia embranquecendo continuamente, como o trilho que vemos numa planície verde.

Naquele dia todos os deuses olhavam do céu para a nau e para estes semideuses⁴², excelentes heróis

⁴¹ Sobre a repetição desta frase (dois pés e um verso inteiro) em 4.582-3, cf. introdução p. 24-5, n. 23.

⁴² O narrador designa os Argonautas “semideuses” uma vez mais apenas, na segunda metade do poema, no episódio de Talos (4.1642); cf. introdução p. 30. O escólio *ad* 1.547-8 explica que o adjetivo confirma que os deuses observavam e admiravam a navegação dos Argonautas, porque estes não eram simplesmente marinheiros, mas eram semideuses.

que navegavam pelo mar. Sobre os mais altos cumes
 550 as ninfas do Pélion contemplavam, estupefactas,
 a obra de Atena Itónia e os próprios heróis,
 que agitavam os remos nas suas mãos. Em seguida,
 do cimo da montanha veio para perto do mar Quíron,
 filho de Fílira. Molhou os pés onde as ondas cinzentas
 555 se quebravam e, incitando-os com gestos bem vigorosos,
 desejava aos que partiam que regressassem sãos e salvos.
 Com ele estava a sua esposa com Aquiles o Pelida
 nos braços, que mostrava ao seu pai amado.

Os heróis içam a vela da nau e transpõem o Promontório de Tiseu

Quando deixaram o porto e o golfo,
 560 graças ao saber e à habilidade⁴³ do sensato
 Tífis, filho de Hágnon, que segurava com perícia
 o leme bem polido, com vista a garantir a direção,
 içaram então o enorme mastro mesmo no vau do meio
 e prenderam-no com cabos⁴⁴, esticados em ambos os lados.
 565 A seguir largaram a vela de linho, puxando-a até ao topo;
 uma brisa estrídula caiu sobre ela. No convés prenderam
 as adriças nos cunhos polidos de cada um dos lados
 e transpuseram, tranquilos, o longo Promontório de Tiseu⁴⁵.
 Para eles, em harmonioso canto com a sua fórminx,

⁴³ Lembremos que Jasão usa o termo *μητις*, “habilidade”, na prece que dirige a Apolo no momento do embarque (1.423).

⁴⁴ Estes cabos, designados *πρότονοι*, fixavam o mastro à frente; os *ἐπίτονοι* fixá-lo-iam atrás. Na nomenclatura náutica atual fala-se dos estais para fixar o mastro longitudinalmente e dos brandais para o fixar transversalmente.

⁴⁵ Vian 2002a: 76, n. 4 coloca a hipótese de se tratar de Trikeri,

- 570 o filho de Eagro celebrava Ártemis Guardiã das Naus⁴⁶
de pai ilustre nascida, ela que cuidava de proteger
aqueles pontos de vigia do mar e a terra de Iolco. Os peixes
saltavam do mar profundo – aos pequenos juntavam-se os
grandes –
e seguiam a nau, ondeando pelos caminhos líquidos.
575 Tal como no rasto de um pastor do campo
miríades de ovelhas, absolutamente saciadas de erva,
reentram no redil, com o pastor à frente, a modelar
uma ária campestre na melodiosa siringe; assim também
os peixes acompanhavam a nau, que um vento contínuo
impelia.

**A viagem prossegue
com uma paragem breve em Áfetás**

- 580 Logo a seguir, a terra dos pelasgos, de abundantes searas,
evolou-se na bruma. Costeavam as falésias do Pélion,
vogando sempre mais além, e o Promontório Sepiáde
desapareceu.
No meio do mar aparecia Escíato e, ao longe, sob o céu límpido,
apareciam Pirésias, a costa da terra de Magnésia
585 e o túmulo de Dólops⁴⁷. Atracaram então, ao cair da tarde,
quando chegaram ventos contrários. Pelo crepúsculo
honraram Dólops oferecendo-lhe ovelhas como vítimas,
enquanto as ondas do mar se insurgiam. Por dois dias

uma quase ilha situada na extremidade ocidental do Golfo Pagasético, um pequeno golfo no Mar Egeu.

⁴⁶ O mesmo epíteto, *Νηοσσόος*, “Guardião das Naus”, é atribuído a Apolo (2.927).

⁴⁷ Dólops é epónimo de dólopes, povo que habitava no sopé do monte Ótris, referido em 2.514-5.

nada fizeram no litoral. Mas ao terceiro dia lançaram
 590 a nau ao mar, hasteando bem alto o extraordinário velame.
 Ainda chamam a esta costa Áfetas de Argos⁴⁸.
 Avançando dali um pouco mais, vogaram diante de Melibeia,
 cuja costa e praia batidas pelos ventos avistaram⁴⁹.
 Pela aurora avistaram sem delongas Hómole,⁵⁰
 595 inclinada sobre o mar, passando ao largo. Não muito
 depois haveriam de transpor a corrente do rio Âmiro.
 Dali viram Eurímenas e as escarpas batidas pelas ondas
 de Ossa e de Olimpo. A seguir passaram de noite pela encosta
 de Palene e transpuseram o Promontório de Canastro,
 600 navegando velozes, impelidos pela brisa do vento.
 De manhã, enquanto avançavam, surgia-lhes o monte
 trácio de Atos. E embora Lemnos estivesse à distância que
 uma nau de grande calado, bem equipada, conclui pelo meio-
 -dia,
 o mais alto cume de Atos estendia a sua sombra sobre ela, até
 Mirina⁵¹.
 605 Nesse dia, de forma contínua, até à hora do crepúsculo,
 um vento bem forte enfunou as velas desfraldadas da nau.
 Em seguida, com os últimos raios de sol, cessou o vento

⁴⁸ Áfetas significa “lugar de partida”, de ἀφίημι, “partir”.

⁴⁹ Vian 2002a: 256 propõe a supressão dos versos 592 e 593 e explica que o trajeto dos vv. 594-6 levanta problemas geográficos. Para Delage 1930: 81 há um erro no v. 596: “Comme l’Amyros se jette dans le lac Boibeis et que Lakéreia se trouve au débouché du fleuve dans le lac, il est visible qu’ Apollonios a commis une grave erreur géographique. Il s’imagine en effet que l’Amyros se jette dans le mer”.

⁵⁰ Delage 1930: 80 explica que Hómole provavelmente seria uma cidade e uma montanha.

⁵¹ Capital de Lemnos.

e, pela força dos remos, chegaram à rochosa Lemnos dos
síncios⁵².

Paragem em Lemnos

Aí, duma assentada, toda a população masculina fora
impiamente

610 morta pela arrogância das mulheres no ano anterior.
Os homens haviam repudiado as legítimas esposas,
porque as passaram a odiar, e sentiram um fogo amor
pelas cativas que eles próprios trouxeram do litoral em frente,
quando saquearam a Trácia: a terrível cólera de Cípris
perseguiu-os,
615 porque durante muito tempo não respeitaram os privilégios
da deusa.

Ó infortunadas vítimas do ciúme, lamentavelmente insaciáveis!
Elas chacinaram não apenas os esposos com as cativas no leito,
mas também, na mesma altura, todo o sexo masculino,
para no futuro não serem castigadas pelo deplorável assassinio.

620 De todas elas apenas Hipsípile, filha de Toas,
poupou o venerando pai, que era o soberano do povo.
Ela conseguiu fazê-lo ao mar num esquife côncavo,
a ver se escapava. Os pescadores levaram-no
para a antiga Énoe, mais tarde chamada ilha de
625 Sícino, a partir do nome Sícino, que fora aquele que
a ninfa Énoe, uma náíade, gerou ao unir-se a Toas.
Para estas mulheres, para todas elas, criar manadas de bois,
vestir armas de bronze, abrir sulcos nos campos de trigo
era mais fácil do que os trabalhos de Atena,

⁵² Primeiros habitantes de Lemnos.

630 que eram outrora a sua ocupação permanente.
Mas muitas vezes fitavam o vasto mar
com deplorável medo de que viessem os trácios.

Assim, ao verem que Argo se aproximava da ilha,
impulsionada pelos remos, logo todas transpuseram as portas
635 de Mirina⁵³ e, vestidas com as armas de guerra, correram para
o litoral,
semelhantes às omófagas Tíades⁵⁴. Diziam que haviam chegado
de certeza os trácios. Com elas estava Hipsípile, filha de Toas,
vestida com as armas do pai. Numa sensação de impotência
e privadas de voz⁵⁵ corriam, tal o medo sobre elas suspenso.
640 Entretanto, por sua vez, os heróis enviaram da nau
o veloz arauto Etálides, a quem confiavam o mester
das embaixadas e o cetro de Hermes, seu pai,
que o tinha presenteado com uma memória inexaurível.
Nem mesmo agora que ele partiu para os inefáveis turbilhões
645 do Aqueronte, o esquecimento invadia a sua alma.
Pelo contrário, a inabalável alternância fixada pelo destino
ora o colocava no número dos ctónicos ora o levava
para a luz do sol, para junto dos que estavam vivos⁵⁶.

⁵³ Nome de uma rainha das Amazonas (*Il.* 2.814).

⁵⁴ Também designadas Bacantes.

⁵⁵ A frase associa à ἀμηχανία, “sensação de impotência”, a incapacidade de articular qualquer som (ἄφθογγος), relação que voltamos a encontrar no livro III, quando se descreve a reação de Jasão às provas impostas por Eetes (3.422-3).

⁵⁶ Etálides haveria de receber, como Castor e Polideuces, o privilégio de viver em dois mundos, que, no seu caso, são o reino de Hades e a terra. Os Pitagóricos viram nos regressos desta figura à terra a exemplificação da metempsicose e explicavam que Pitágoras era um encarnação de Etálides; cf. Vian 2002a: 80-1, n. 3.

Mas por que tenho de expor em pormenor esta história de
Etáides?

650 Este, com brandura, disse a Hipsípila que recebesse os que
chegavam;
estava o dia a findar e a começar o crepúsculo. Pela aurora
não soltaram as amarras da nau devido às rajadas do Bóreas.

As mulheres de Lemnos foram para a cidade, para tomar
assento na ágora. A própria Hipsípila havia dito que o fizessem.

655 E no momento em que estavam todas reunidas em grupo,
logo ela, entre as demais, tomou a palavra e instigou-as:

“Vamos, amigas! Ofereçamos aos homens presentes
deleitosos,
pois convém que levem consigo, na nau, víveres e delicioso
vinho,

para que se mantenham garantidamente fora das muralhas
660 e não fiquem a conhecer com rigor, ao vir à nossa procura⁵⁷,
o que sucedeu, e depois chegue longe a funesta notícia,
pois desmedida foi a nossa empresa⁵⁸ – não lhes regozijaria
de maneira nenhuma o coração se viessem a conhecê-la.
Esta é a estratégia que me ocorre no momento presente;

⁵⁷ O verbo μεθέπω, que traduzimos por “vir à procura”, surge num símile do livro IV, num passo que evoca a imagem de um leão em busca da fêmea (4.1339). De facto, o episódio em Lemnos, em que os Argonautas acasalam com as mulheres da ilha, reproduz, em certa medida, o ato, referido no símile, de um leão à procura do coito. Note-se, todavia, a inversão de posições: são as mulheres de Lemnos, e não os Argonautas, ou seja, o leão, quem sente a premência da cópula. A fêmea é, neste caso, o elemento predador. Este papel ativo atribuído ao feminino no poema foi objeto de estudo em Sousa 2020. Apolónio com o símile do livro IV dá, portanto, uma conotação sexual ao verbo, especializando-o semanticamente.

⁵⁸ O sintagma μέγα ἔργον, “empresa desmedida”, repete-se para descrever o que Jasão pensa das provas impostas por Eetes (3.425).

665 mas se a alguma de vós ocorrer uma ideia melhor,
que se erga; foi também por causa disto que vos chamei aqui.”

Assim falou e sentou-se no assento de pedra do pai.

Depois dela a sua ama, Polixo, levantou-se logo,
vacilando com os pés descarnados pela velhice,
670 apoiada num bastão, e ansiava tomar a palavra.
Perto dela estavam quatro donzelas sentadas,
sem experiência de casamento, cobertas de cabelos brancos,
Colocou-se de pé no meio da assembleia e, mantendo o pescoço
ligeiramente levantado, a custo, entre os ombros arqueados,
disse:

675 “Envieiros aos estrangeiros presentes, como agrada
a Hipsípila, uma vez que o melhor é conceder-lhos.
Mas que estratégia⁵⁹ tendes para usufruídes da vida
no caso de o exército⁶⁰ trácio ou outro inimigo atacar?
Entre os homens há muitas situações deste género,
680 como agora com a chegada inopinada desta turba.
Mesmo que algum dos bem-aventurados afaste isto, no futuro
esperam-vos miríades de outros tormentos maiores do que
batalhas.

Quando as venerandas mulheres tiverem perecido e vós,
as jovens, tiverdes chegado sem filhos à odiosa velhice,
685 como é que nessa altura subsistireis, infelizes? Será que é
por sua própria iniciativa que os bois, unidos ao mesmo jugo,
nos campos de sulcos profundos, puxam o arado que rasga o
solo

⁵⁹ Polixo retoma algumas palavras do discurso de Hipsípila, como estratégia para persuadir as lémnias.

⁶⁰ O termo στρατός, “exército”, surge apenas mais uma vez, na segunda metade do poema, a propósito da segunda expedição de resgate que chega ao país dos feaces (4.1001). Em ambos os passos a guerra conjecturada não chega a acontecer.

pela jeira fora e logo que o ano fica completo ceifam as espigas?

Ainda que as Ceres⁶¹ se ericem de horror comigo⁶²,

690 penso que, antes de o novo ano chegar, a terra sem dúvida
me irá envolver. Terei o meu quinhão de honras, conforme
a lei sagrada, antes de esta desgraça se aproximar.

Exorto as mais novas a compreenderem bem o seguinte:
tendes agora à disposição, diante dos olhos⁶³, a saída⁶⁴,

695 se confiardes aos estrangeiros as vossas casas e todos
os despojos e o cuidado com a vossa gloriosa cidade.”

Assim falou. A ágora encheu-se de ruído, pois
agradou-lhes o projeto. Em seguida, logo depois desta,
levantou-se de novo Hipsípíle, que, em resposta, falou assim⁶⁵:

700 “Se a todas agrada este estratagema,
vou já instigar uma mensageira a ir até à nau.”

Assim disse e dirigiu-se à escrava que estava perto:

“Levanta-te, Ifínoe, e vai implorar a esse homem
que guia a equipagem que venha ter connosco, para eu lhe
705 transmitir a decisão do povo que regozijará o seu coração;
exorta também os outros, se quiserem, a vir, com ousadia

⁶¹ Divindades da morte, de novo referidas em 2.258; 4.1485, 1665.

⁶² Polixo fala com ironia: está tão deformada fisicamente que até as
deusas da morte se assustarão.

⁶³ “Aos vossos pés”, *παρὰ ποσσὶν*, é a expressão grega.

⁶⁴ O termo grego *ἀλεωρή*, “saída”, volta a surgir quando Medeia,
depois de ter fugido na nau Argo, se apercebe da segunda expedição de
resgate, enviada por seu pai, e pede a cada um dos Argonautas que a
protejam (4.1045); sobre a relevância deste episódio para a interpretação
do papel de Medeia no poema, cf. Sousa 2013a.

⁶⁵ O verso 1.699 é quase idêntico a 3.1078, que também introduz
uma fala de Jasão, no momento em que dialoga com Medeia, junto do
templo. Este paralelismo reflete a equivalência que existe entre os dois
episódios, Jasão e Hipsípíle, na primeira metade do poema, e Jasão e
Medeia, na segunda metade.

e bem intencionados, à nossa terra e à nossa cidade.”

Disse e dispersou a assembleia; depois apressou-se a ir para casa.

Ifínoe, entretanto, chegou junto dos Mínios. Estes

interrogaram-na

710 sobre a incumbência que a tornava pensativa. A todos os que lhe faziam perguntas, apressava-se a dizer o seguinte:

“Foi a filha de Toas, Hipsípíle, que me impôs que viesse convidar o líder da nau, quem quer que ele seja, para lhe transmitir a decisão do povo que regozijará o seu coração.

715 e exorta-vos também agora, neste momento, se quiserdes, a virdes, bem intencionados, à nossa terra e à nossa cidade⁶⁶.”

Assim falou. As auspiciosas palavras agradaram a todos:

afigurava-se-lhes que Hipsípíle, a diletta filha de Toas

governava por o seu pai ter morrido. Apressaram-se⁶⁷ a enviar

720 Jasão e eles próprios se prepararam para se dirigir para ali.

O manto de Jasão

Então Jasão ajustou aos ombros um manto purpúreo de dobra dupla, labor da deusa Palas Itónia⁶⁸, que lho oferecera

⁶⁶ Na sua qualidade de mensageira, Ifínoe repete quase *ipsis verbis* o que Hipsípíle dissera (1.703-7). Acrescenta *αὐτίκα νῦν*, “agora, neste momento”, de forma a tornar urgente a situação, e omite a ideia da ousadia, *θαρσαλέως*, presente no discurso da rainha, a qual remete para o caráter sexual do pacto. O recato da mensageira leva-a a esta omissão.

⁶⁷ O advérbio *ὥκα*, que originou a opção pelo verbo “apressar-se”, ajuda a estabelecer o paralelo entre as reações de Ifínoe e dos Argonautas: tal como Ifínoe reage com rápida resposta às perguntas dos Argonautas (1.710), também estes se apressam a enviar Jasão (1.719).

⁶⁸ Nome atribuído a Atena.

depois de dispor as estruturas de madeira⁶⁹ da nau Argo
e de o ensinar a medir as traves⁷⁰ com um esquadro.

725 Seria mais fácil olhares para o nascer do sol
do que contemplares o rubro deste manto:
a parte central era rubra e a cercadura era,
toda ela, purpúrea. Em cada orla estavam bordados
com pormenor extraordinário muitos motivos variegados.

730 Aí estavam os Ciclopes junto da sua inexaurível obra,
ocupados com o relâmpago para o soberano Zeus,
o qual estava quase construído com todo o seu brilho,
faltava-lhe apenas um raio, bafo fervilhante do fogo
devastador, que os retumbantes martelos de ferro percutiam.

735 Aí estavam os dois filhos de Antíope a Asópide,
Anfíon e Zeto. Tebas estava perto deles, ainda sem muralhas.
Eles acabavam de lhe lançar os alicerces, com exaltação.
Zeto levantava sobre os seus ombros o cimo
de uma íngreme montanha, parecendo esgotado;
740 Anfíon ia atrás dele, tangendo a sua fórminx de ouro,
e uma rocha duas vezes tão grande seguia no seu rasto.

A seguir estava representada Citereia de fartas tranças
a segurar o veloz escudo de Ares. Do seu ombro soltara-se
a prega da túnica que deslizara sobre o braço esquerdo,
745 um pouco abaixo do seio. Em frente dela, rigorosamente
refletida,
a sua imagem aparecia visível no escudo de bronze.

Aí estava uma luxuriante pastagem de bois, pelos quais

⁶⁹ Trata-se das traves (*δρῦοχοι*) que formam a estrutura da uma nau em construção.

⁷⁰ Estas traves de madeira ligam os dois lados de uma embarcação e nelas sentavam-se os remadores.

os teléboas e os filhos de Eléctrion⁷¹ haviam lutado:
estes defendiam-se e, por sua vez, aqueles, os piratas de Tafos⁷²,
750 queriam pilhá-los. O sangue empapava a pradaria orvalhada,
e eram muitos os que usavam a força contra os escassos
boieiros⁷³.

Aí dois carros ocupavam-se da competição.
Pélops, à frente, conduzia um deles, sacudindo as rédeas;
acompanhava-o Hipodamia como companheira. Mírtilo
755 instigara os seus cavalos a correr mesmo atrás dele;
acompanhava-o Enómao, que, com a espada em riste na mão,
caiu de lado quando o eixo da roda se quebrou ao meio,
ao lançar-se, pressuroso, para trespassar o dorso de Pélops.

Aí estava também bordado Febo Apolo a arremessar setas,
760 era ainda jovem, pouca idade tinha, e desferia contra aquele
que
com ousadia tirava o véu à sua mãe, o enorme Tício⁷⁴, que a
divina
Elara havia gerado e a Terra tinha alimentado e dado à luz⁷⁵.

Aí estava também o Mínias Frixo, como se deveras
escutasse o carneiro, que lhe parecia falar. Ao vê-los
765 ficarias em silêncio e iludir-se-ia o espírito,
esperando ouvir deles uma notícia densa de sentido,
e, nesta expectativa, ficarias muito tempo a contemplá-los.

Tal era o presente da divina Itónia Atena. Jasão,

⁷¹ Os irmãos de Alcmena. Eléctrion é o pai e rei de Micenas.

⁷² Nesta versão identificam-se os piratas de Tafos com os teléboas.

⁷³ Apolónio realça o maior número dos teléboas.

⁷⁴ Na *Odisseia* Tício está nos Infernos por ter violado Leto, mãe de Apolo. Aí dois abutres, que não conseguia afugentar, devoravam-lhe o fígado (*Od.* 11.576-581).

⁷⁵ Quando Elara estava a dar à luz, Zeus enterrou-a, para a proteger de Hera. Por isso, Tício nasceu da Terra.

770 com a mão direita, agarrou a lança que acerta ao longe⁷⁶, que,
um dia, no Ménalo, Atalanta, indo prontamente ao seu
encontro,
lhe entregara como presente de hospitalidade – ela ansiava
seguir o seu caminho. Mas de bom grado rejeitou a jovem,
pois tinha medo dos árduos diferendos que surgem por amor⁷⁷.

Entrada de Jasão na cidade e colóquio com a rainha

775 Dirigiu-se então à cidade, idêntico à estrela brilhante
que as jovens recém-casadas, recolhidas nos novos aposentos⁷⁸,
contemplam quando ela desponta sobre as suas casas;
enfeitiça-lhes os olhos o belo rubor que se evola
no ar de fim de tarde; fica radiante a donzela, enamorada
de um rapaz que vive entre homens de outras terras
780 e para quem os pais guardam a filha como noiva; semelhante
à estrela, o herói avançava pelo caminho da emissária.
E, logo que transpuseram as portas da cidadela,
as cidadãs lançavam-se para a rua, quando ele passava,
satisfeitas por o acolher. Ele, cravando os olhos no chão⁷⁹,
785 avançava sem hesitação, até que chegou ao glorioso palácio
de Hipsípile. Ao vê-lo, as servidoras abriram-lhe as portas

⁷⁶ A lança tem o mesmo epíteto de Apolo.

⁷⁷ Há versões contadas por autores posteriores a Apolónio que apresentam Atalanta como tripulante da nau Argo (DS 4.48.5; Apollod. *Bibliotheca* 1.68). É possível que esta versão circulasse na época helenística e Apolónio a conhecesse.

⁷⁸ Seguimos os escólios na interpretação do termo καλύβη como equivalente a παστός.

⁷⁹ Expressão semelhante é usada em 3.1022, passo em que serve para exprimir o embaraço de Medeia e Jasão quando sentem o fogo da paixão.

de duplo batente, apetrechadas de painéis bem trabalhados.
Então Ifínoe, pressurosa, depois de o conduzir
pelo belo vestíbulo, fê-lo sentar-se num trono coruscante,
790 em frente da senhora⁸⁰, que lançou os olhos para o chão⁸¹,
com as faces virginais enrubescidas. Em todo o caso,
não obstante o pudor, dirigiu-lhe palavras subteis⁸²:

“Estrangeiro, por que vos mantendes há tanto tempo
fora das muralhas, se a nossa cidade não é habitada por homens
795 (na qualidade de novos moradores da terra da Trácia
eles lavram aí os hectares dadores de trigo)? É inevitável que
vos conte toda a desgraça, para que também vós a conheçais.
Quando o meu pai Toas reinava sobre os habitantes,
nessa altura os homens do nosso povo, usando naus,
800 saqueavam as casas⁸³ dos que habitavam na Trácia,
situada em frente; e trouxeram para aqui imensos despojos,
em que vinham umas jovens. Isto lhes reservara o artifício⁸⁴

⁸⁰ Tal como nos Poemas Homéricos, em Apolónio o termo δέσποινα, “senhora”, designa rainhas. Assim, na *Argonáutica* volta a ocorrer num passo que remete para Arete (4.1113). E na *Odisseia* caracteriza a mulher de Nestor (3.403), Penélope (14.127), e a própria Arete (7.347); cf. Sousa 2020.

⁸¹ A expressão ἡ δ' ἐγκλιδὸν ὄσσε βαλοῦσα, “que lançou os olhos para o chão”, repete-se no livro terceiro para descrever o embaraço de Medeia quando Jasão a elogia (3.1008); cf. Sousa 2012. O paralelismo uma vez mais permite relacionar os dois episódios.

⁸² O qualificativo αἰμύλιος, “subtil”, tem uma única ocorrência nos Poemas Homéricos e serve para qualificar, na fala de Zeus, as palavras com que Calipso retinha Ulisses em Ogígia (*Od.* 1.56). Na *Argonáutica* o termo volta a aparecer para qualificar as palavras que Citereia dirige a Hera e Atena, que a visitam (3.51), e para descrever o que Medeia pensava das palavras de Jasão (3.1141).

⁸³ Seguimos a leitura dos escólios que consideram ἔπαυλος equivalente a οἰκία.

⁸⁴ Não obstante a intertextualidade com a *Iliada* sugerida pela lição μῆνις, pela qual optam Vian e Fränkel, favorecida pela presença do

deletério da deusa Cípris, que lançou sobre eles letal desvario:
passaram a odiar-nos, a nós, suas esposas legítimas
805 e, cedendo à insânia⁸⁵, expulsaram-nos dos seus tetos;
eles, por seu lado, dormiam com as cativas de guerra.
Desgraçados! Suportámo-lo por muito tempo,
a ver se mudariam de disposição. Mas o funesto tormento
duplicava e crescia sempre. Desprezavam os filhos
810 nascidos em casa, e uma tenebrosa descendência surgia⁸⁶.
As jovens sem experiência de casamento, e com elas as mães,
desamparadas, andavam errantes, em desalinho, pela cidade.
O pai não dava o mínimo de atenção à filha,
mesmo que estivesse a ser maltratada diante dos seus olhos
815 pelas mãos da pérfida madrastra; nem a mãe estava
protegida do ignóbil ultraje dos filhos como outrora;
nem os irmãos se ocupavam das irmãs no seu íntimo.
Só as jovens cativas eram objeto de cuidado nas casas,
nos lugares de dança, na ágora e nos festins, até ao dia
820 em que um deus lançou em nós arrogante ousadia:
não os recebermos mais nas muralhas quando regressassem
da Trácia, para que se comportassem conforme a lei sagrada
ou fossem para outras paragens, partindo com as cativas.
Eles imploraram que lhes déssemos os filhos, quantos meninos
825 havia na cidade, e foram de novo para onde ainda agora
habitam, foram para as nevadas terras aráveis da Trácia.
Assim sendo, vinde vós residir com o nosso povo.

particípio οὐλομένη, optámos pela lição μητις, por nos parecer mais favorável ao sentido da frase.

⁸⁵ O termo ματία, “insânia”, surge na segunda metade do poema, numa fala de Medeia, em que esta considera que foi graças à “insânia” dela própria que Jasão arrebatou o velo (4.367). Em ambos os passos trata-se da insânia desencadeada pelo amor.

⁸⁶ Os filhos bastardos.

E tu, se quiseses e te aprouver habitar aqui, receberás
o privilégio que era de Toas, meu pai. Penso que não
830 desdenharás desta terra, pois tem colheitas mais fartas
do que as outras ilhas que povoam o mar Egeu.
Vai agora para a nau, transmite aos teus companheiros
as nossas palavras e não continues no exterior da cidade.”

Assim disse, dissimulando o assassinio dos homens;
835 e Jasão, por sua vez, disse-lhe em resposta:

“Hipsípile, iremos ao encontro da vossa vontade,
que nos regozija o coração, a nós que de ti precisamos.
Eu virei de novo para a cidade, depois de transmitir
cada palavra, como convém. Ocupa-te tu própria
840 da soberania e da tua ilha. Não será por te subestimar
que me afastarei; provas aflitivas instam-me a partir.”

Disse e tocou-lhe na mão direita. Depois partiu logo.
Miríades de jovens, umas de um lado, outras do outro,
enovelavam-se em torno dele, deleitadas, até que transpôs
845 as portas. A seguir elas dirigiram-se nos carros de boas rodas
para o litoral, levando muitos presentes de hospitalidade,
enquanto Jasão expunha em pormenor todo o projeto
que Hipsípile lhe transmitira, quando o mandara chamar.

Acasalamento e intervenção de Héracles

As jovens levavam-nos facilmente para as suas casas
850 como hóspedes; Cípris fizera surgir-lhes um doce desejo,
favor do artificioso Hefesto⁸⁷, para que Lemnos, restaurada
na sua pureza, voltasse, mais tarde, a ser de novo habitada

⁸⁷ Deus de Lemnos. Os síncios trataram-no quando caiu do Olimpo (Il. 1.594).

por homens. Então o Esónida apressou-se a ir para a morada
real

de Hipsípile; e os outros foram aonde calhasse ir, afastando-se
855 de Hércules, que, de bom grado, se deixara ficar à parte,
junto da nau, com um pequeno número de companheiros.
Nesse mesmo momento, as danças e os festins eram a satisfação
da cidade, que se enchia do fumo das carnes assadas.

Mais do que outros imortais, era o ínclito filho de Hera
860 e a própria Cípris que apaziguavam com cânticos e sacrifícios.

Adiavam de dia para dia, continuamente, a navegação,
e por muito tempo teriam ficado ali sem fazer nada
se Hércules os não tivesse reunido à parte,
sem as mulheres, censurando-os da seguinte maneira:

865 “Homens surpreendentes, afasta-nos da pátria o assassínio
de um parente? Ou viemos de lá para aqui necessitados
de casamento por desdenharmos das nossas cidadãs? Agrada-vos
habitar aqui para desflorar as fecundas terras aráveis de
Lemnos⁸⁸?

Ora mulheres forasteiras não nos farão granjear glória,
870 há tanto tempo aqui isolados; nem o velo virá por sua própria
iniciativa, como dádiva de algum deus que o vá arrebatrar
pelas nossas preces. Vamos, cada um para a sua casa; e, a ele,
deixai-o passar o dia inteiro no leito de Hipsípile, até que povoe
Lemnos com meninos e a grande notícia chegue a todo o lado.”

⁸⁸ A pergunta que Hércules ironicamente coloca tem um sentido metafórico, que procurámos manter na tradução com o uso do verbo “desflorar”, com que traduzimos τέμνω. O termo ἄροσις, “terra arável”, mantém a conotação erótica com que Hipsípile o usara (1.826).

Partida de Lemnos.**Despedida de Jasão e Hipsípile**

875 Assim admoestou o grupo. Ninguém ousou fazer-lhe
frente,
nem levantar os olhos, nem pronunciar quaisquer palavras.
E, saindo da reunião com afã, prepararam-se para partir.
As mulheres apressaram-se até junto deles quando souberam.
E, tal como as abelhas zumbem em redor dos belos lírios,
880 saindo das colmeias cavadas nas rochas – em volta está uma
pradaria
radiante, coberta de orvalho, e elas esvoaçam de flor em flor
para colher o doce fruto –; assim também as mulheres,
lamuriando, espalharam-se, solícitas, em volta dos homens
e despediram-se de cada um com mãos e palavras, pedindo
885 aos deuses bem-aventurados que lhes concedessem um regresso
seguro. Hipsípile fazia a mesma prece, tomando as mãos
do Esónida; escorriam-lhe lágrimas, porque ia ficar sem ele:
“Vai e que os deuses permitam que voltes são e salvo
com os teus companheiros, levando ao rei o velo de ouro,
890 conforme tu queres e te apraz . Esta ilha e o cetro
de meu pai estarão disponíveis, se, no futuro,
um dia, quando regressares, aqui quiseses voltar⁸⁹.
Reunirás facilmente sob o teu poder imensos povos
de outras cidades. Mas tu não hás de ter este desígnio;
895 eu mesma não prevejo que isto se leve assim a cabo.
Ao menos lembra-te de Hipsípile na partida e também no
regresso.
E deixa-me uma instrução, que prontamente cumprirei,

⁸⁹ Esta é a segunda vez que Hipsípile oferece a Jasão o cetro de Lemnos (1.827-29).

se os deuses consentirem que eu dê à luz.”

O filho de Éson, emocionado, respondeu-lhe o seguinte:

900 “Hipsípile, sejam todas as tuas palavras auspiciosas,
pela graça dos deuses; mas contém-te de tanto me desejares,
pois, a mim, basta-me habitar a pátria com a permissão
de Pélias⁹⁰. Pudessem somente os deuses libertar-me
das provas! Se não me está destinado, a mim que navego
905 para bem longe, voltar à Hélade, e se tu fores mãe
de um menino, manda-o na flor da idade para a pelasga Iolco,
para consolar o meu pai e a minha mãe do seu sofrimento,
se os encontrar ainda vivos, para que, longe do soberano Pélias,
sejam carinhosamente tratados no lar da sua morada.”

910 Disse e embarcou antes de todos; os outros heróis
embarcaram também. Agarraram os remos com ambas as mãos,
sentando-se uns atrás dos outros. Argo soltou as amarras
presas sob a rocha banhada pelo mar. Batiam então
na água vigorosamente com os longos remos de pinheiro.

Paragem na ilha da Atlântide Electra

915 Ao cair da tarde, sob as ordens de Orfeu, atracaram
na ilha da Atlântide Electra⁹¹, para que ficassem a conhecer,
pelos apazíveis mistérios, as impronunciáveis leis sagradas
que os fariam navegar, incólumes, pelo gélido mar fora.
Disto nada mais contarei, mas sejam felicitadas tanto

⁹⁰ Na versão que Apolónio apresenta, Jasão não quer conquistar o trono de Iolco. Deseja apenas viver tranquilamente sob o domínio de Pélias.

⁹¹ Ilha da Samotrácia.

920 esta ilha como as divindades que aí habitam, às quais
cabem ritos secretos que é contra a lei sagrada cantar.

A viagem prossegue

Dali, pela força dos remos, atravessaram as profundezas
do Mar Negro⁹², tendo, de um lado, a terra da Trácia e,
do outro lado, um pouco acima, o Imbro. Acabara o sol
925 de mergulhar quando chegaram à extremidade do Quersoneso.
Ali o Noto começou a soprar forte; desfraldaram as velas
ao vento e lançaram-se nas correntes profundas da filha
de Átamas⁹³. De manhã um pélago haviam deixado para trás,
um pouco acima, de noite outro mar percorriam, pelo interior
930 do Promontório do Reteu⁹⁴, tendo à sua direita
a terra de Ideia. Depois de deixarem a Dardânia
rumaram direitos a Abido. A seguir, costearam Percote
e a costa arenosa de Abárnide⁹⁵, e a sagrada Pitieia.
Durante a noite atravessaram o tumultuoso Helesponto,
935 cujos redemoinhos a nau fendia em dois ao avançar.

Há no interior da Propôntide⁹⁶ uma ilha clivosa
inclinada sobre o mar, a uma leve distância da terra da Frígia,
de abundantes searas, à qual se liga por um istmo banhado

⁹² Mar Negro recebe o nome, no poema, de Golfo Negro ou Golfo de Saros, que fica entre a Trácia e o Quersoneso. O Ponto Euxino, atualmente designado Mar Negro, tem no poema o nome de Mar Oriental (2.744-5; 4.289).

⁹³ Hele é a filha de Átamas. Os Argonautas chegam, portanto, ao Helesponto.

⁹⁴ Este promontório fica situado na Tróade.

⁹⁵ Cidade e promontório perto de Lâmpsaco, na Mísia.

⁹⁶ Mar de Mármara.

pelas ondas, inclinando-se a pique sobre o solo firme do
continente.

- 940 As suas margens têm duplo porto; fica para lá das águas do
Esepo.
Os habitantes em volta dão-lhe o nome de Monte dos Ursos.
De facto, habitavam-no seres insolentes e indómitos,
os Filhos da Terra, um assombro para os povos dos arredores;
cada um agitava no ar seis braços colossais:
945 dois a partir dos resistentes ombros e os outros quatro,
mais abaixo, ajustados aos terribilíssimos flancos.

Paragem no país dos dolíones

- Na zona do Istmo e na planície viviam os dolíones;
o seu soberano era o filho de Eneu, o herói Cízico,
que a filha do divino Eussoro, Enete, havia gerado.
950 Os Filhos da Terra, embora fossem aterradores,
não os fizeram perecer porque Posídon protegia-os:
de facto, os primeiros dolíones eram seus filhos.
Argo avançava pressurosa com os ventos trácios.
Porto Belo recebeu-a na sua corrida. Ali
955 largaram as pequenas pedras da ancoragem⁹⁷
sob as instruções de Tífis, deixando a nau debaixo da fonte,
a fonte Artácie. Em seguida agarraram noutra pedra, pesada,
conforme convinha. A primeira, seguindo o vaticínio do deus
que acerta ao longe, os jónios Nelidas viriam mais tarde
960 consagrá-la, conforme a lei sagrada, no templo da Jasónia
Atena.

⁹⁷ Procedimento que já não se verificava no tempo de Apolónio; pertence ao imaginário épico; cf.e.g. *Il.* 1.436.

Os dolíones e o próprio Cízico foram ao encontro deles em sinal de amizade. Ao ouvi-los falar da sua equipagem e raça, perceberam quem eram e acolheram-nos hospitaleiramente. Convidaram-nos a fazer avançar a nau pela força dos remos
 965 e a prendê-la com amarras no porto da cidade.

Erigiram então um altar a Apolo, deus do Desembarque, colocando-o junto da duna, e ocuparam-se dos sacrifícios. O soberano deu-lhes delicioso vinho, bem como ovelhas, em resposta às suas necessidades. Uma profecia dissera-lhe
 970 que, quando chegasse a divina equipagem dos heróis, se lhes dirigisse com brandura, sem pensar em guerra. Tal como a Jasão, uma ligeira penugem começava a
 despontar-lhe.

O destino não lhe havia dado a felicidade de ter filhos e na sua morada a esposa permanecia ainda intocada
 975 pelas dores de parto, a filha de Mérope⁹⁸ de Percote, Clite de belas tranças. Fora com presentes divinos que ainda há pouco a levava de casa do pai, no litoral em frente. Depois de deixar o quarto e a cama da jovem recém-casada, deu atenção ao festim e expulsou do seu coração
 980 o medo. Interrogavam-se uns aos outros alternadamente: este informou-se do propósito da navegação e das ordens de
 Pélias;

aqueles informaram-se das cidades dos arredores e de todo o golfo da vasta Propôntide. Ele não podia explicar mais, não obstante a ânsia que tinham de ficar a conhecer tudo.

⁹⁸ Na *Ilíada* Mérope é um adivinho que, em vão, tentou evitar que os filhos, que se tornam aliados de Príamo, partissem para a guerra (*Il.* 2.828-34).

Subida ao Díndimo e confronto com os Filhos da Terra

- 985 Pela aurora uns subiram ao enorme Díndimo,
para contemplarem os caminhos daquele mar. Entretanto
outros
fizeram avançar a nau do primeiro ancoradouro, em Porto
Fechado⁹⁹.
Este caminho que percorreram é chamado Caminho de Jasão.
Mas os Filhos da Terra, vindos do outro lado da montanha,
990 bloquearam a entrada de Porto Fechado, arremessando
imensas pedras,
como se emboscassem um animal marinho que tivesse entrado.
Héracles tinha ficado ali com os homens mais novos;
o herói retesava o arco que fletia para trás¹⁰⁰ e prostrava-os,
um após outro, sobre a terra. E eles próprios
995 levantavam pedras irregulares e arremessavam-nas.
Hera, a esposa de Zeus, havia criado estes monstros
terríveis para serem um dos trabalhos de Héracles.
Neste momento os outros heróis foram ao encontro destes,
antes de subirem para o ponto de vigia, encarregando-se do
massacre
1000 dos Filhos da Terra. Os heróis de Ares recebiam-nos com setas
e com lanças, até que, frente a frente, os trespassaram
a todos, não obstante as suas ininterruptas investidas.
Tal como os lenhadores¹⁰¹ acabam de cortar com os machados

⁹⁹ Porto artificial, rodeado de diques.

¹⁰⁰ Epíteto homérico aplicado ao arco; cf. e.g. *Il.* 8.266; 10.459; *Od.* 21.11.

¹⁰¹ O termo ὑλοτόμοι “lenhadores”, reaparece no poema quando Talos desaba, vencido pelos encantamentos de Medeia (4.1684). No livro IV também ocorre num símile e está na mesma posição no verso

grandes traves e as colocam em linha na orla do mar,
 1005 para que, molhadas, suportem as possantes cavilhas;
 assim também aqueles, na entrada do porto coberto
 de espuma, jaziam em filas sucessivas. Uns, em massa,
 mergulhavam a cabeça e o peito na água salgada,
 com as pernas amontoadas em terra firme; outros tinham a
 cabeça
 1010 sobre a areia da praia e os pés tombados no mar profundo.
 Todos seriam presa para aves e, ao mesmo tempo, para peixes.

Partida e regresso inopinado

Os heróis, quando a viagem¹⁰² deixou de ser arriscada,
 soltaram as amarras da nau à brisa do vento, avançando
 um pouco mais pelas ondas do mar. A embarcação
 1015 corria veloz, a todo o pano, durante o dia. Mas, ao sobrevir
 a noite, as rajadas já não a mantinham inabalável, e tempestades
 contrárias agarraram Argo e levaram-na para trás, a ponto de
 chegarem
 de novo à terra dos hospitaleiros dolíones. Desembarcaram
 em plena noite. Ainda hoje se dá o nome de Rocha Sagrada
 1020 àquela em volta da qual, pressurosos, lançaram as amarras da
 nau.
 Não houve quem tivesse tido a cautela de perceber que a ilha
 era a mesma. E a noite impediu os dolíones de concluir que

(constitui o primeiro pé dátilo do verso e inicia o segundo pé) e no mesmo caso (nominativo do plural). O uso desta imagem permite criar um paralelo entre este episódio e o de Talos, as tribulações da viagem de ida e as da viagem de regresso. São sempre seres fisicamente aterradores que arremessam pedras.

¹⁰² Optámos pela lição de Fränkel *κέλευθος* em vez de *ἄεθλος*, escolhida por Vian.

era inevitável que os heróis regressassem. Pensavam que chegara Ares Pelasgo vindo de junto dos que habitavam algures em Mácris.

1025 Vestiram as armas e travaram combate contra eles.

Combate com os dolíones

Embateram uns contra os outros com lanças de freixo e escudos, semelhantes à célere rajada do fogo, que se inflama ao cair sobre arbustos secos. O estrépito da batalha¹⁰³, terrífico e fortíssimo, abateu-se sobre o povo dos dolíones.

1030 O próprio Cízico não contrariaria o destino conseguindo regressar da batalha, de volta a casa, ao seu quarto e ao leito nupcial.

O Esónida, quando o viu voltar-se e vir direito a si, num salto atingiu-o em pleno peito; em volta da lança os ossos quebraram-se-lhe e, rolando na areia, cumpriu
1035 o seu destino. É contra a lei sagrada os mortais escaparem ao que lhes cabe; uma enorme teia estende-se por todo o lado. Pensava que se desviaria da amarga ruína trazida pelos heróis, mas nessa mesma noite ficou enredado numa luta contra eles. E muitos outros foram mortos enquanto o ajudavam.

1040 Héracles chacinou Télecles e Megabrontes;
Acasto matou em batalha Esfódrias; Peleu arrebatou a vida a Zélis e ao veloz guerreiro Gefiro;
Télamon de boa lança de freixo prostrou Basileu;
Idas matou Promeu; Clício, Jacinto; os dois Tindáridas,
1045 Megalóssaques e Flógio; junto destes o filho de Eneu

¹⁰³ O termo κυδοιμός, “estrépito da batalha”, que tem esta única ocorrência no poema, é um termo que provém da *Iliada* (Il. 5.593; 10.523; 11.52, 164, 538; 18.218, 535).

arrebatou a vida ao audacioso Itimoneu e também
a Artaceu, líder de homens – a todos estes
os habitantes ainda distinguem com honras de heróis.

Os outros, trémulos de medo, retiraram-se como um bando
1050 de pombas, trémulas de medo, diante dos milhafres de asas
rápidas.

Para as portas, precipitaram-se em massa. A cidade encheu-se
logo de brados, ao regressarem da guerra fecunda em gemidos.

O reconhecimento do equívoco

Pela aurora ambos os lados reconheceram o erro deletério
e desconcertante. Uma odiosa angústia arrebatou os heróis

1055 Mínias, quando viram à sua frente o filho de Eneu,
Cízico, caído na poeira, numa poça de sangue.
Durante três dias inteiros gemeram e arrancaram cabelos,
tanto eles, como o povo dos dolíones. Em seguida, depois de
dar

três voltas em torno do cadáver com as armas de bronze¹⁰⁴,
1060 sepultaram-no e competiram entre si, realizando provas,
conforme a lei sagrada, na Pradaria, onde ainda agora
esta campa se ergue bem visível para os vindouros.
A esposa Clite não sobreviveu à morte do esposo;
a este flagelo ela juntou um outro mais danado ainda,
1065 porque atou uma corda em volta do pescoço.

As próprias ninfas dos bosques prantearam a morte desta;
e, com todas as lágrimas que derramaram das suas pálpebras

¹⁰⁴ Na segunda parte do poema os heróis também procedem assim antes de sepultar Mopso (4.1535-6).

para a terra¹⁰⁵, as deusas fizeram uma fonte, a que chamam Clite, glorificando o nome da desventurada jovem recém-casada.

- 1070 Aquele foi o dia mais terrível que chegou da parte de Zeus, para as mulheres e para os homens dolíones: ninguém ousou ingerir alimento algum. E, por muito tempo, a angústia fê-los esquecer o trabalho da moagem; sobreviviam, apesar de tudo, comendo alimentos crus.
- 1075 Ainda agora os jónios habitantes de Cízico, sempre que vertem libações anuais pelos mortos, continuam a moer, inabaláveis, no moinho público, o trigo dos bolinhos sagrados.

A profecia da alcíone e as honras a Reia

Levantaram-se então fogosos torvelinhos de vento, por doze dias e outras tantas noites, que os dissuadiram de navegar.

- 1080 Na noite seguinte, a maior parte dos heróis adormecidos entrava há muito tempo no último terço do sono¹⁰⁶, com Acasto e Mopso, filho de Âmpice, a guardar o seu descanso profundo. Sobre a loura cabeleira do Esónida voou
- 1085 a alcíone¹⁰⁷, profetizando, com um grito agudo,

¹⁰⁵ No livro IV, quando se conta a queda de Faetonte, também se diz que as Heliades derramaram lágrimas para a terra (1.603-6); a alusão às “pálpebras” permite ao leitor visualizar as filhas de Hélios de olhos semicerrados, pranteando.

¹⁰⁶ Vian 2002a: 101, n. 1 explica que este momento do sono se associa aos sonhos premonitórios ou aos presságios.

¹⁰⁷ Esta ave aparece aqui como profética e volta a ser mencionada por Medeia na segunda metade do poema (4.363).

o fim da insurreição dos ventos. Ouvindo-a, Mopso compreendeu a auspiciosa profecia da ave do litoral. Nesse preciso momento uma divindade afastou-a e ela, irrequieta, pelos ares, veio sentar-se sobre o aplustre da nau.

1090 Mopso sacudiu Jasão, que estava reclinado num velo macio de carneiro, acordou-o de imediato e falou-lhe assim:

“Esónida, debes ir ao cume¹⁰⁸ do rochoso Díndimo, para aplacares a deusa de belo trono, a Mãe de todos os bem-aventurados¹⁰⁹. Cessarão assim os violentos

1095 torvelinhos de vento. Tal profecia acabo de ouvir da alcíone, ave marinha que explica cada pormenor e que sobre ti voou em círculos enquanto dormias.

Quer os ventos quer o mar quer a superfície ífera da terra quer toda a morada nevada do Olimpo se lhe subordinam.

1100 E, quando das montanhas se levanta em direção ao enorme céu, o próprio Zeus Crónida recua perante ela e também os outros imortais bem-aventurados reverenciam esta deusa terrífica.”

Assim falou. E Jasão ouviu com alegria estas palavras. Levantou-se do leito, pleno de gáudio, e instou os

companheiros

1105 a porem-se todos de pé; e mal eles se levantaram expôs-lhes os vaticínios de Mopso, filho de Âmpice. Sem demora os mais novos tiraram os bois dos estábulos e levaram-nos até ao alto cume da montanha.

Os outros soltaram as amarras da Rocha Sagrada

1110 e remaram para Porto Trácio. A seguir desembarcaram, ficando na nau um pequeno número de companheiros. Os cumes de Mácris e toda a terra da Trácia, do outro lado,

¹⁰⁸ Escolhemos a lição *πίov*, de Fränkel, em vez de *ιερόν*, que é a opção de Vian.

¹⁰⁹ Reia-Cíbele, habitualmente representada num trono.

surgiam-lhes bem visíveis, como que ao alcance das mãos;
apareciam envoltas em negrume a foz do Bósforo
1115 e as montanhas da Mísia; do outro lado, a corrente
do rio Esepo, a cidade e a planície de Nepe de Adrasteia.

Estava ali um tronco maciço de videira, surgido na floresta,
um velho cepo ancestral. Cortaram-no para fazer
a estátua sagrada da divindade da montanha, Argo esculpiu-a
1120 com primor. E foi na montanha rochosa que a colocaram,
debaixo dos cimos dos carvalhos que, dentre todas
as árvores, são as que ganham raízes mais profundas.
E ainda amontoaram cascalho de forma a erigir um altar.
Coroados com folhas de carvalho, ocupavam-se do sacrifício,
1125 invocando a habitante da Frígia, a venerabilíssima
Mãe do Díndimo e, ao mesmo tempo, Tício e Sileno,
que são os únicos que recebem o nome de condutores
do destino e adjuvantes da Mãe do Ida, entre os muitos
dáctilos cretenses do Ida, que, um dia, a ninfa Anquíale
1130 pariu na caverna de Dicte, tomando a terra de Oaxo
em ambas as mãos. O Esónida implorava, com muitas
súplicas, ajoelhado, que desviasse o vendaval¹¹⁰,
e derramava libações sobre as oferendas do sacrifício,
que ardiam. Ao mesmo tempo os jovens, por instigação de
Orfeu,
1135 dançavam, armados, evoluindo em movimentos ondeantes,
e batiam nos escudos com as espadas, para que no ar
se evolassem os gemidos de mau agouro proferidos
pelo povo, ainda em luto pelo seu rei. Desde então

¹¹⁰ O termo ἐριώλη, “vendaval”, volta a aparecer, na segunda metade do poema, quando o narrador explica que terminou o seu canto, porque nenhum percalço mais aconteceu aos heróis até chegarem ao seu destino (4.1178).

os frígios aplacam Reia com timbales e tamborins.

1140 A divindade a quem imploravam acolheu no seu íntimo
os sacrifícios piedosos e manifestou-se por sinais precisos.
As árvores espalhavam infindos frutos e, em volta dos pés
dos heróis, a terra fazia brotar, por si mesma, flores de erva
tenra.

Os animais indómitos deixavam os covis e os matagais
1145 e chegavam agitando a cauda. Mas a deusa provocou ainda
um outro prodígio: a água, que antes não banhava
o Díndimo, manou incessante do árido cume em honra deles.
Desde esta altura que os homens que habitam
nas redondezas chamam a esta nascente Fonte de Jasão.
1150 Os heróis fizeram um festim no Monte dos Ursos, em redor
da deusa, celebrando a venerabilíssima Reia. Pela aurora,
logo que os ventos cessaram, deixaram a ilha pela força dos
remos.

A viagem prossegue

O despique instigava cada homem entre os heróis:
quem seria o último a desistir, interrogavam-se. Em volta deles,
1155 o ar sem vento havia dissipado os redemoinhos e adormecido
o alto mar. Confiando na calmaria, faziam avançar a nau
com força; esta saltava pelo mar fora, não a alcançando
os cavalos de Posídon, velozes como torvelinhos de vento.
Porém, quando o bulício das águas foi despertado por violentos
1160 ventos, que, à tardinha, se puseram a agitar alguns rios,
os heróis, esgotados, afrouxaram o esforço. Mas a todos
eles, que se esfalfavam, Héracles puxava com a força
dos seus braços, sacudindo a embarcação bem ajustada.
E quando, na expectativa de alcançar a terra da Mísia,
1165 os heróis viram, passando ao largo, a foz de Ríndaco

e o enorme tûmulo de Egéon, levemente abaixo da Frígia,
Héracles, enquanto rasgava sulcos nas águas que deixava
revoltas,
partiu o remo ao meio. Ficou então a segurar uma parte
com ambas as mãos e caiu de lado; o mar levava o outro
1170 pedaço no fluxo e refluxo das águas. Sentou-se em silêncio,
de olhos fitos. As suas mãos não estavam habituadas à inação¹¹¹.

Paragem em Cio.

Receção dos mísios

À hora em que o jardineiro, ou o lavrador, deixa o campo,
regressando à sua cabana com alegria, desejoso da refeição da
noite

1175 – ali mesmo na entrada dobra os joelhos extenuados,
coberto de poeira, e, ao ver as mãos desgastadas,
lança muitas imprecações ao estômago –, a essa hora
chegaram eles aos povoados de Cio¹¹², perto do Monte

¹¹¹ O verbo ἀηθέσσω, “estar habituado”, volta a ser usado na segunda metade do poema, para exprimir a dor sentida pela donzela cativa (4.38). O paralelo que, deste modo, fica implícito entre Héracles e uma donzela, deve ser interpretado como irónico, dado o tipo de herói que Héracles representa e a posição crítica que assume em Lemnos.

¹¹² Cio é o nome de uma cidade grega nas margens de Propôntide (mar de Mármara) e do rio que a banha. Foi primeiro habitada pelos mísios, depois pelos cários e a seguir pelos milésios. Quando foi colonizada pelos milésios tornou-se um centro de grande importância comercial. Durante a Segunda Guerra da Macedónia (200-197 aC), Filipe V da Macedónia destruiu-a e foi depois reconstruída por Prúsias I da Bitínia (222-182 aC) e renomeada como Prusa. Bursa é a cidade atual que se desenvolveu na parte oeste da antiga urbe, da qual poucos vestígios sobrevivem. Com a imposição de troca de população, em 1923, os refugiados gregos que habitavam em Cio fundaram no Peloponeso, na região da Argólide, a Nova Cio.

Argantónio e da foz de Cio. Com sinais de amizade à chegada,
os mísios que habitavam naquela região receberam-nos
1180 hospitaleiramente e entregaram-lhes uma boa quantidade
de víveres, ovelhas e vinho, em resposta às suas necessidades,
Depois alguns heróis carregaram madeira seca; outros
estenderam
a folhagem da pradaria que tinham cortado para os leitos;
outros espalharam gravetos no fogo; e outros misturaram
1185 vinho nas crateras, ocupados com o festim, depois de terem
feito,
pelo crepúsculo, sacrifícios a Apolo, deus do Desembarque.

Héracles entra na floresta.

Hilas afasta-se

Incentivando os companheiros a banquetear-se,
o filho de Zeus dirigiu-se à floresta para tratar de se munir
de um remo que se ajustasse bem à sua mão.
1190 Enquanto andava errante, encontrou um pinheiro que não
tinha
nem demasiados ramos, nem era excessivamente frondoso;
tal como um rebento de um esguio choupo,
assim era ele em altura e em largura, visivelmente.
Com rapidez pousou sobre a terra a aljava cheia de setas,
1195 juntamente com o próprio arco, e despojou-se da pele de leão.
Com a pesada maça de bronze sacudiu o pinheiro
das profundezas do solo e rodeou o tronco com os braços,
confiante na sua pujança viril; apoiou nele o largo ombro
de pés bem fincados¹¹³ e, embora ele tivesse raízes profundas,

¹¹³ As pernas estão afastadas para que consiga fincar bem os pés.

- 1200 agarrando-o por baixo, ergueu-o, arrancando a própria terra.
Tal como o mastro da nau, sobretudo na altura do declínio
invernoso do deletério Oríon, é inesperadamente derrubado
por uma veloz rajada de vento, vinda das alturas, e é arrancado
dos cabos, levando consigo as próprias cavilhas;
- 1205 assim o herói ergueu o pinheiro. E, de novo pegando
no arco, nas setas, na pele e na maçã, apressou-se a partir.

Entretanto Hilas, à parte do grupo, com um cântaro de
bronze,

- foi à procura da corrente sagrada de uma fonte, para tratar
de recolher água para a refeição e preparar tudo o mais,
de imediato e como convém, para o regresso do herói.
- 1210 Fora precisamente com tais costumes que Hércules o criara,
logo que o havia arrebatado, ainda pequenino, de casa do pai,
o divino Teódamas, que matara na terra dos dríopes,
de forma ímpia, num confronto por um boi de lavoura.
- 1215 Teódamas, com o seu arado, rasgava os hectares da jeira,
atingido pela tristeza, e logo Hércules o exortou
a entregar um boi de lavoura, malgrado a vontade dele.
Procurava um deplorável pretexto para levar guerra
aos dríopes, que viviam sem dar atenção à justiça.
- 1220 Mas isto não me há de levar para longe do meu canto.

- Sem demora Hilas chegou à fonte a que os habitantes
das redondezas dão o nome de Nascentes. As danças
das ninfas acabavam de se formar: todas as ninfas
que viviam ali, no amável cume da montanha,
1225 cuidavam de celebrar Ártemis, de noite, com o seu canto.
Enquanto as dos cumes das montanhas e as dos ribeiros,

Jasão adota a mesma posição quando enfrenta os touros, (3.1294); cf. Tyrt. frg. 10.30; 11.20 West.

- bem como as das florestas chegavam em filas, vindas de longe,
a ninfa da fonte de bela corrente acabava de surgir
à superfície da água. Apercebera-se dele perto dela,
1230 com uma doce beleza e graça a enrubescê-lo, iluminado
pela luz da lua cheia, que, do céu, se projetava sobre ele.
Cípris pôs-lhe o coração a palpitar, e ela, com uma sensação
de impotência, foi a custo que recobrou o fôlego.
Em seguida, assim que ele mergulhou o cântaro na corrente,
1235 apoiando-se de lado sobre o cotovelo – a água, em quantidade,
fazia ressoar o bronze, que retinia –, logo ela pousou
o braço esquerdo por cima, sobre o seu pescoço,
desejando beijar-lhe a boca delicada; e com a mão direita
afastou-lhe o cotovelo, fazendo-o imergir no meio do turbilhão.
1240 Apenas um dos companheiros ouviu os clamores do herói,
Polifemo o Elácida, que tinha ido mais adiante, no caminho,
para receber o gigantesco Héracles, quando ele regressasse.
Dirigiu-se com um salto para perto das Nascentes, como um
animal
indómito que, desvairado de fome, ao ouvir o longínquo balido
1245 das ovelhas, continua a andar, mas nunca se apodera do
rebanho
(os pastores tinham fechado os animais nos redes antes de ele
chegar),
restando-lhe gemer e lançar gritos infundos até ficar esfalfado;
assim o Elácida gemia enormemente e percorria o lugar em
volta,
clamando, mas infortunado era o seu brado. De repente
desembainhou
1250 a enorme espada e apressou a busca, com receio de que Hílas
tivesse sido presa de animais ou que os homens o houvessem
emboscado, já que estava sozinho, e o tivessem levado como
despojo certo. Fazendo saltar a espada nua na mão, encontrou

no caminho o próprio Héracles. Reconheceu-o facilmente,
1255 a ele que se apressava em direção à nau no crepúsculo¹¹⁴.

Falou-lhe

logo do deplorável desaire¹¹⁵, com o coração pesaroso e sem
fôlego:

“Homem surpreendente, serei eu o primeiro a deixar-te
em odiosa angústia. Hilas partiu para a fonte, mas já não
regressou.

Terão sido os piratas que se acercaram dele e o levaram
1260 ou os animais que o fizeram perecer. Eu ouvi os seus clamores.”

Assim falou. E das têmporas de Héracles escorria suor
e o negro sangue fervilhava-lhe nas entranhas, enquanto o
ouvia.

Encolerizado, atirou para o chão o remo de pinheiro e pôs-se
a correr por onde os pés, por si mesmos, o levavam, irrequieto.
1265 Tal como um touro picado por um moscardo se lança,
deixando prados e pântanos, e nem com os pastores
nem com o gado se importa, ora fazendo o caminho
sem parar ora detendo-se e erguendo o largo pescoço,
e solta um mugido quando é atingido pelo funesto aguilhão;
1270 assim o herói, impaciente, ora ininterruptamente
movia os ágeis joelhos ora, interrompendo a tribulação,
lançava para longe enormes brados lancinantes.

¹¹⁴ O brilho da lua, que fez a ninfa ver com clareza a beleza de Hilas, facilita o reconhecimento de Héracles por Polifemo.

¹¹⁵ A expressão ἄτη λευγαλέη, “deplorável desaire”, designa, no poema, o castigo de Fineu (2.439) e o naufrágio dos filhos de Frixo (3.263).

**Os heróis fazem-se ao mar.
Altercação por causa
do desaparecimento de Héracles**

- Mal a estrela da manhã ultrapassou os elevados
píncaros, chegaram as brisas. E Tífis instigou a que
1275 embarcassem rapidamente e usufríssem do vento.
Eles embarcaram de imediato, cheios de expectativa, e,
recolhendo as pedras de ancoragem da nau¹¹⁶, içaram as adriças.
O vento enfunou a vela de linho no meio, e, longe da costa,
satisfeitos, contornaram o Promontório de Posídon.
- 1280 À hora em que a Aurora resplandece luminosa no céu,
enquanto se ergue do horizonte, e os caminhos reluzem,
e as planícies orvalhadas brilham com esplendurosos raios,
nesse
momento aperceberam-se de os terem deixado para trás por
descuido.
Abateu-se sobre eles um brutal litígio, uma algazarra infinda:
1285 será que, quando partiram, teriam ou não abandonado, lá
longe,
o melhor dos companheiros? O Esónida, desnorteadado
e numa sensação de impotência, não falou nem num sentido
nem noutra; estava sentado, com o desvairo pesado a
morder-lhe
fundo o coração. E Télamon disse-lhe, arrebatado de cólera:
- 1290 “Estás assim calmo porque organizaste o abandono
de Héracles. A habilidade partiu de ti, para que
a fama daquele na Hélade não encobrisse a tua,
se os deuses nos concederem o regresso a casa.

¹¹⁶ A expressão repete-se *ipsis verbis* em 3.573-4; em 2.1282 surge com ligeira variante morfológica.

Mas que satisfação há em falar mais?¹¹⁷ Procurá-lo-ei,
1295 apesar de os companheiros terem urdido este dolo contigo.”

Disse e deu um salto sobre Tífis, filho de Hágneas;
os seus olhos pareciam espirais de fogo devastador.
E teriam voltado logo para trás, para a terra dos mísios, usando
a sua força contra o abismo das águas e contra o incessante
1300 gemido do vento, se os dois filhos de Bóreas da Trácia
não tivessem refreado o Eácida com execráveis palavras¹¹⁸.
Desgraçados! Haveriam de ter, no futuro, um odioso castigo
às mãos de Héracles, por terem dissuadido o grupo de o
procurar.

No regresso dos jogos fúnebres em honra do falecido Pélias,
1305 ele matá-los-ia em Tenos, rodeada pelo mar;
amontoaria terra sobre eles e por cima ergueria duas colunas,
das quais, maravilha extraordinária para os homens verem,
uma se move com as rajadas do fragoroso Bóreas.
Isto estava destinado a ser levado a cabo a seguir.

Aparição de Glauco.

Resolução do conflito entre os Argonautas

1310 Das profundezas do mar emergiu para eles Glauco,
o muito eloquente intérprete do divino Nereu;
fazendo sair das profundezas a cabeça e o peito hirsutos,
de fora até aos flancos, com a resistente mão segurava

¹¹⁷ Eetes diz o mesmo em 3.314.

¹¹⁸ O poeta explica a seguir por que razão as palavras que os dois irmãos pronunciaram foram “execráveis”. O adjetivo χαλεπός, “execrável”, tem, no poema, apenas quatro ocorrências (3.1177 e 4.39, 1006 e 1498).

a popa da nau e clamava aos heróis impacientes:

- 1315 “Por que é que, ao arrepio do grande Zeus,
ansiais levar o audacioso Héracles à cidade de Eetes?
O destino que lhe cabe é cumprir em Argo,
para o pérfido Euristeu, os doze esgotantes trabalhos
e habitar na casa dos imortais, quando acabar
1320 o pouco que lhe falta. Dele não tendes saudades.
Do mesmo modo está também destinado que Polifemo
funde uma gloriosa cidade na foz de Quio para os mísios e,
a seguir, cumpra o seu destino na imensa terra dos cálibes.
Quanto a Hilas, uma deusa, uma ninfa, por amor fez dele seu
1325 por sua causa aqueles foram deixados para trás quando se
afastaram.”

Disse e mergulhou fundo no inesgotável torvelinho.
Em redor a água purpúrea revolvía-se em redemoinhos de
espuma¹¹⁹

- e levava a nau pelo mar côncavo fora, no seu fluxo e refluxo.
Os heróis ficaram satisfeitos. Pressuroso, o Eácida Télamon
1330 foi para junto de Jasão; colocou a extremidade dos dedos
sobre a mão dele e dirigiu-se-lhe ternamente dizendo:
“Esónida, não te encolerizes comigo, se por descuido
agí ruinosamente. Foi a angústia que me fez proferir

¹¹⁹ A expressão κυκώμενον ὕδωρ, “a água que se revolve”, repete-se na descrição da viagem de regresso quando os heróis chegam à corrente do Ródano (4.629). O sintagma parece ser de inspiração homérica, embora na *Odisseia*, no único passo em que ocorrem o participio e o termo “água”, não haja concordância entre eles, apesar de próximos (*Od.* 12.240-1).

um discurso arrogante e insustentável¹²⁰. Entreguem os

ventos

1335 este erro e voltemos a ser bem intencionados¹²¹, como outrora.”

De seguida, o filho de Éson respondeu-lhe cautelosamente:

“Meu caro, injuriaste-me com um discurso funesto,
quando disseste perante todos que eu ofendi um homem
bondoso. Mas sinceramente não te guardo cólera amarga,
1340 embora tenha sido vexado, pois sentiste ânsia de me irritar,
não por rebanhos de ovelhas, nem por riquezas,
fizeste-o por um companheiro. Espero que também
por mim contendesses com outro, se fosse caso disso.”

Disse e sentaram-se, unidos como dantes. Dos outros dois,

1345 um, por vontade de Zeus, estava destinado a fundar,
entre os mísios, uma cidade designada com o nome do rio,
era Polifemo o Elácida; o outro ocupar-se-ia mais tarde
das provas de Euristeu. Ameaçou sublevar sem delongas
a terra dos mísios, caso não descobrissem se o destino
1350 de Hilas tinha sido o de viver ou de morrer.

Escolheram, para o compensar, os melhores filhos varões
da povoação e concederam-lhos; ao mesmo tempo
juraram jamais cessar o seu trabalho de busca.

Por isso ainda agora os cianos perguntam por Hilas,

1355 filho de Teódamas, e cuidam da bem construída Tráquin.

¹²⁰ O adjetivo ἄσχετος “insustentável”, tem uma ocorrência na *Iliada* e cinco na *Odisseia*. No poema de Apolónio associa-se, essencialmente, às provas de Jasão e a várias etapas do regresso dos Argonautas. Sairá em breve um estudo nosso sobre a conotação política do epíteto.

¹²¹ O verbo εὐμένεω, “ser bem intencionado”, caracteriza o comportamento dos Argonautas. É assim que os filhos de Friso lhes pedem que se mostrem quando os encontram, depois de terem sofrido um naufrágio (2.1124).

Fora ali precisamente que Héracles instalara os rapazes,
que lhe haviam sido mandados para o compensar.

Paragem na Bebrícia

A nau o dia inteiro e toda a noite fora levada por um vento
que soprava intensamente. Mas, ao despontar da aurora,
1360 não havia a mais leve brisa. Observaram uma língua de terra
que, vista do golfo, sobressaía numa imensa vastidão,
e com os remos atracaram enquanto o sol surgia.
Não muito tempo depois a aurora apareceu, como ansiavam¹²².

¹²² Vian propõe a supressão deste verso, que, de facto, não faz sentido depois do anterior.

LIVRO II

Paragem no país dos bébrices

Ali estavam os estábulos dos bois e o redil de Âmico, o petulante rei dos bébrices, que um dia uma ninfa gerou depois de se unir a Posídon, progenitor da sua raça¹²³; ela era Mélia, da Bitínia; o seu filho, o mais soberbo dos homens. Aos estrangeiros impôs uma lei ignóbil: ninguém podia partir sem antes ter sido posto à prova no pugilato; e tinha arrasado muitos povos dos arredores.

Âmico desafia os Argonautas

Chegando então junto da nau, por arrogância não respeitou o dever de perguntar o motivo da navegação e quem eles eram, mas logo, no meio de todos, tomou a palavra da seguinte forma:

“Ouvi, vós que andais no mar, o que vos convém saber. É lei sagrada que nenhum forasteiro que se aproxime dos bébrices parta de regresso antes de, em combate, ter erguido os seus punhos contra os meus punhos. Escolhei do vosso grupo o melhor e ponde-o aqui mesmo em competição comigo no pugilato. Se calcardes sem hesitação a minha lei sagrada,

¹²³ Seguimos a interpretação de Vian 2002a: 207 sobre o sentido do epíteto *Γενέθλιος*: o fundador da raça dos bébrices.

uma fatalidade brutal odiosamente vos constrangerá.”

Combate entre Âmico e Polideuces

Disse o de altivos pensamentos. Quando ouviram isto,
20 uma cólera indómita se apoderou deles; a ameaça atingiu
sobretudo
Polideuces, que se pôs de pé, na dianteira dos companheiros,
e disse:

“Já chega! Não nos mostres esse ímpeto funesto,
quem quer que te vanglories de ser. Cederemos às tuas leis,
como exortas. Eu aceito de bom grado enfrentar-te.”

25 Assim falou sem rodeios. Ele olhou-o, revirando os olhos
como um leão atingido por um dardo, em volta do qual
os homens se afadigam nas montanhas; cercado por um grupo
de gente, este a mais nenhum dá atenção, repara num só
homem,
naquele que antes de todos o atingiu sem o ter matado.

30 Então o Tindárida pousou a delicada capa bem pisoada¹²⁴,
que lhe havia oferecido como presente de hospitalidade
uma das mulheres de Lemnos. Âmico lançou ao chão
a dúplice capa escura com as pregadeiras e o cajado
irregular que levava, feito de oliveira da montanha.

35 Logo divisaram perto um lugar agradável e fizeram sentar
na areia, em duas filas, todos os companheiros.
Via-se bem como a sua compleição física era dissemelhante.
Um parecia ser um filho monstruoso do deletério Tífis
ou um daqueles seres que a própria Terra gerara,

¹²⁴ O ato de pisar o tecido conferia-lhe maior dureza.

- 40 encolerizada com Zeus¹²⁵; o outro, o Tindárida,
era igual à estrela celeste que aparece com um brilho
intensíssimo no crepúsculo noturno, ao cair da tarde.
Era assim o filho de Zeus: começava a despontar-lhe
a primeira penugem e os olhos ainda eram luminosos;
45 mas o seu vigor e ímpeto cresciam como os de uma fera.
Exercitou os braços a ver se rodavam como dantes,
não estivessem mais pesados pelo esforço dos remos.
Âmico, por sua vez, não fez exercícios. Em silêncio,
de pé, longe de Polideuces, pôs os olhos sobre ele e ofegava,
50 ansioso no seu íntimo por ver jorrar-lhe o sangue do peito.
No meio deles Licoreu, servidor de Âmico,
colocou, junto dos pés de cada um, um par de correias
endurecidas, de couro bruto; estavam bem curtidas.
De seguida falou-lhe com palavras arrogantes:
55 “Destas, dar-te-ei de bom grado o par que quiseses,
sem tirar à sorte, para que não me censures mais tarde.
Põe-no em volta do teu braço; vais poder explicar
aos outros que me distingo a cortar tiras de couro endurecidas
e a inundar de sangue as faces dos homens¹²⁶.”
60 Assim falou. Polideuces, por sua vez, não ripostou.
Com um ligeiro esgar, num impulso agarrou as correias
que estavam a seus pés. Ao seu encontro vieram Castor
e o enorme Tálao, filho de Bias; rapidamente lhe ataram
as correias de couro, encorajando-o a mostrar todo o seu vigor.

¹²⁵ A Terra gerara os Gigantes como vingança por Zeus ter derrotado os Titãs.

¹²⁶ Âmico ameaça o Argonauta, tal como Eetes ao dialogar com Jasão (3.437-8). O adjetivo ἀπηνής, “cruel”, reforça o paralelo entre Âmico e Eetes: no livro II qualifica a forma como o rei dos bébrices soca (2.76); nas palavras ditas por Jasão, no livro III, caracteriza o coração do rei da Cólquida (3.492).

65 Areto e Órnito fizeram o mesmo a Âmico, sem saber, ingênuos, que lhas atavam pela última vez, em vista do destino funesto.

Logo que ajustaram as correias de couro, ergueram os pesados braços, colocando-os em frente do rosto, e foram na direção um do outro com todo o ímpeto.

70 Então o soberano dos bébrices, tal como uma vaga do mar se encapela, fogosa, contra uma veloz nau que por um triz se esgueira, graças à ciência do ardiloso piloto, enquanto a ondulação exaltada tenta perfurar o casco da nau; assim ele aterrorizava o Tindárida e perseguia-o sem lhe dar
75 tréguas. Mas este, com a sua habilidade, esquivava-se, incólume, dos contínuos assaltos. Logo que identificou, pela dureza do golpe, o punho mais forte e o mais fraco, colocou-se à sua frente e com sofreguidão retribuiu soco com
soco.

Tal como os carpinteiros juntam as traves de uma nau,
80 cravando-lhes com afinco cavilhas pontiagudas, e o som dos martelos, percutindo, ressoa sem parar, um após o outro; assim as faces e os maxilares de ambos vibravam e um bruxismo¹²⁷ infindo saía-lhes da boca. Não cessavam de se socar um a seguir ao outro,
85 até que o deletério esforço os prostrou a ambos. Afastaram-se um pouco e enxugaram o suor abundante do rosto, arquejando penosamente, já sem fôlego. E logo deram de novo um salto, confrontando-se como dois touros furiosos que contendem por uma novilha de pasto.
90 Entretanto, a seguir, Âmico esticou-se, erguendo-se na ponta dos pés, como um matador de touros¹²⁸, e fez descer

¹²⁷ Movimento involuntário que consiste em fazer ranger os dentes.

¹²⁸ A postura de Âmico lembra a de um toureiro espanhol em bicos de pés antes da estocada final. O termo βουτύπος, “aquele que mata

o pesado braço sobre o adversário. Este aguentou a arremetida, desviando a cabeça, e recebeu levemente no ombro o cotovelo de Âmico. Atacando-o de lado, um passo de cada vez¹²⁹,

Polideuces,

- 95 de perto, atingiu-o subitamente acima da orelha e quebrou-lhe os ossos da cabeça; este, com a dor, tombou de joelhos. Os heróis Mínios clamaram e de repente evolou-se-lhe a vida.

O combate generaliza-se

Os bébrices não foram descuidados com o rei: brandiram todos ao mesmo tempo as suas sólidas maças e lanças
100 e avançaram em linha reta em direção a Polideuces.

Os companheiros postaram-se diante deste desembainhando as espadas bem afiadas¹³⁰. Em primeiro lugar, Castor feriu a cabeça de um que, pressuroso, o atacava: fendida de um lado e do outro, ficou desfeita sobre os dois ombros.

- 105 Polideuces, por sua vez, atingiu o gigantesco Itimoneu e Mínias, no qual acertou com um veloz pontapé no peito,

o touro”, tem uma nova ocorrência no poema, no episódio em que Jasão mata os touros que sopram fogo (4.468). Neste caso, além de se estabelecer uma relação com os dois últimos cantos do poema, pela criteriosa escolha lexical, cria-se um paralelo entre este episódio, que coloca Polideuces e Âmico em confronto, com aquele que coloca Jasão diante dos touros. Âmico é, desta forma, tão monstruoso e perigoso quanto os assombrosos animais das provas impostas por Eetes.

¹²⁹ A expressão γόνυ γουνὸς ἀμείβων, “um passo de cada vez”, provém da *Iliada* 11.547, onde se encontra também em posição final de verso.

¹³⁰ As espadas dos Argonautas recebem de novo o epíteto εὐήκης, “bem afiadas”, no momento em que estes as desembainham para garantir a Medeia que a protegerão da expedição que a quer resgatar (4.1055).

prostrando-o na poeira; a outro que se aproximava,
feriu-o abaixo da sobancelha esquerda com a mão direita
e arrancou-lhe a pálpebra, deixando-lhe o olho a descoberto.

110 Orides, parceiro de armas de Âmico, soberbo
pela sua força, atingiu os flancos de Tálao, filho de Bias,
mas não o matou; o bronze roçou-lhe apenas a pele
e entrou abaixo da cintura sem tocar no baixo ventre.
De igual modo, Areto atacou e feriu com a cruel maça
115 o filho de Êurito, Ífito, firme no campo de batalha,
que ainda não estava destinado à funesta sorte;
era pela espada de Clício que em breve haveria de morrer.

Então, nesse momento, Anceu, o audacioso filho de

Licurgo,

levantou no ar, sem demora, o enorme machado e, segurando
120 à sua frente a negra pele de um urso, deu um salto para o meio
dos bébrices, impaciente; ao mesmo tempo os Eácidas
surgiram a correr, e com eles veio Jasão, herói de Ares.
Tal como num dia de inverno lobos cinzentos afugentam
as numerosas ovelhas, nos redis, sobre as quais haviam

investido,

125 às ocultas dos cães de bom faro e dos próprios pastores,
procuram impacientes sobre qual hão de saltar primeiro,
cobiçando muitas ao mesmo tempo, e elas amontoam-se
por todo o lado, caindo umas a seguir às outras; assim os heróis
afugentavam deploravelmente os arrogantes bébrices.

130 Tal como os pastores ou os apicultores lançam fumaças
sobre colmeias enormes em rochedos e as abelhas
acossadas se apinham no cortiço, zumbindo, e, asfixiadas
pelo fumo fuliginoso¹³¹, se lançam para bem longe

¹³¹ A sublinhar o paralelismo já mencionado entre este episódio e o da prova dos touros, a expressão λιγνυόεντι καπνῷ, “pelo fumo

- das rochas; assim os guerreiros não aguentaram
 135 garantidamente mais tempo e dispersaram-se
 pelo interior de Bebrícia, anunciando a morte de Âmico.
 Ingênuos! Não se aperceberam de que se aproximava
 um outro tormento imprevisto. Nesse momento
 as suas eiras e as suas aldeias estavam a ser saqueadas
 140 pela lança inimiga de Lico e dos mariandinos, pois
 o soberano estava ausente; é que eles lutavam sempre
 por terras ricas em ferro E os heróis saqueavam já
 estábulos e redis e circundavam e degolavam já
 infindos rebanhos quando um deles disse o seguinte:
 145 “Imaginaí o que estes, frouxos como são, fariam,
 se por acaso um deus tivesse trazido até aqui Hércules.
 Eu tenho a convicção de que, se ele estivesse presente,
 o pugilato nem sequer teria ocorrido; quando o rei veio
 explicar as leis sagradas, precisamente no momento em que
 150 as expunha, haveria de engolir a maçã com a petulância.
 Sim, ao deixarmos este herói em terra, fizemo-nos
 ao mar, livres de cuidados; mas, longe dele, cada um
 de nós terá a fatalidade de conhecer a deletéria ruína.”

Os Argonautas retemperam forças

- Assim falou. E tudo foi arquitetado pela vontade de Zeus.
 155 À hora do crepúsculo ficaram ali a curar as feridas dos homens
 que tinham sido atingidos e, depois de fazerem sacrifícios aos
 imortais,

fuliginoso”, reaparece para descrever o momento em que os touros surgem a Jasão (3.1291).

prepararam uma enorme refeição. Não houve ninguém que o
sono
não arrebatasse junto da cratera ou junto das oferendas que
ardiam.

Partida da Bebrícia

- Depois de coroarem os loiros cabelos com as folhas do loureiro
160 que estava à beira do mar, em cujo tronco prenderam as amarras,
cantaram um hino em sincronia, ao som da fórminx de Orfeu.
O litoral, sem vento à sua volta, encantava-se com os cantos
que celebravam em honra do filho de Zeus, de Terapnas.
- À hora em que o sol se ergue do horizonte e, fazendo
165 resplandecer as montanhas orvalhadas, acorda os pastores,
soltaram as amarras presas na base do tronco do loureiro
e, depois de colocarem no barco os despojos que deviam levar,
foram avançando com a brisa pelos redemoinhos do Bósforo.
Então uma vaga semelhante a uma montanha íngreme
170 surge diante deles parecendo dar um salto, de tal modo
se ergue acima das nuvens. E ninguém acreditaria escapar
à maldita sorte, pois é bem no meio da nau
que ela se suspende, ameaçadora, como uma nuvem;
dissipa-se, porém, quando depara com um piloto notável.
- 175 Assim foi, graças à perícia de Tífis, que prosseguiram,
sãos e salvos, ainda que aterrorizados. No dia seguinte
prenderam as amarras na terra de Tínia, à sua frente¹³².

¹³² Durante muito tempo pensou-se que este local seria a Bitínia, teoria defendida por Delage 1930: 123-4. Mas a opinião prevalecente hoje, depois dos trabalhos de Wendel e Fränkel, como explica Vian 2002a: 130-1, é que o poeta helenístico distingue a Tínia europeia (2.177, 460, 485, 529, 548), da Bitínia asiática (2.4, 347, 619, 730, 788),

Paragem em Tínia

Ali, no litoral, ficava a morada de Fineu o Agenórida,
que suportara, dentre todos os homens, os mais deletérios
tormentos

180 por causa da ciência profética que outrora o filho de Leto lhe
concedera. Não sentira qualquer pejo¹³³ em levar aos homens,
com rigor, o pensamento sagrado do próprio Zeus.
Assim o deus mandara-lhe uma velhice duradoura
e arrebatara-lhe dos olhos a doce luz; e não o deixava
185 deliciar-se com as iguarias sem fim que os habitantes
das redondezas acumulavam em sua casa, sempre que
conheciam as suas profecias. As Harpias, atravessando as
nuvens,

davam um salto súbito para perto dele e arrebanhavam-nas
da sua boca e das suas mãos com os bicos. Às vezes
190 deixavam-lhe uma migalha; outras, um quase nada,
para que vivesse angustiado. Derramavam um odor bolorento
sobre a comida; e ninguém ousaria engoli-la ou ficar perto,
tão nauseabundo cheiro exalavam os restos do seu festim.

Logo que ouviu a vozearia do grupo, Fineu sentiu que
195 passavam por ali aqueles cuja chegada lhe permitiria,
segundo a profecia de Zeus, voltar a desfrutar de alimentos.
Levantando-se do leito, como uma assombração em que a
morte

conhecendo ainda a ilha de Tínia, situada nos costas da Bitínia (2.350, 673).

¹³³ O verbo ὀπίζομαι, “sentir pejo”, traduz o respeito e o receio em relação a Zeus. No poema volta a ser usado a propósito de Circe quando esta compreende o crime que Medeia e Jasão haviam cometido contra Absirto e os purifica (4.700). Nos Poemas Homéricos caracteriza uma forma de sentir dos próprios deuses em relação a Zeus (*Od.*13.148).

não toca, apoiado num bastão, com os pés descarnados¹³⁴,
chegou à porta, tateando as paredes. À medida que andava
200 estremeciam-lhe os membros¹³⁵ de debilidade e de velhice.
Tinha
o corpo imundo e ressequido; a pele cobria-lhe apenas os ossos.
Saiu de casa e, ao sentir os joelhos pesarem-lhe, sentou-se
na soleira do pátio. Envolvia-o uma sombria prostração;
parecia-lhe que debaixo dele a terra girava
205 e inclinou-se em lânguido letargo, sem abrir a boca.
Quando o viram, os heróis reuniram-se em seu redor,
atónitos. Em seguida, aquele, arrancando a custo
um sopro do peito, falou-lhes com profecias:
“Ouvi-me, vós que excedeis todos os Helenos,
210 se deveras sois os que, sob a ordem fria¹³⁶ de um rei,
Jasão conduz na nau Argo em busca do velo – sim, em rigor
sois vós, pois a minha mente conhece cada pormenor,
graças à ciência profética; agradeço-te, a ti soberano,
filho de Leto, mesmo nas minhas árduas tribulações –
215 por Zeus Protetor dos Suplicantes, que é para infratores
o mais arrepiante dos deuses, por Febo e pela própria Hera,
que é entre os deuses a que mais cuida de vós, viajantes,
suplico-vos: auxiliai-me, salvai um infeliz do ultraje;
não partais deixando-me para trás com indiferença.

¹³⁴ Fineu tem semelhanças físicas com a anciã Polixo, que também se apoia num bastão devido à sua debilidade física (1.670). O adjetivo *πίκνός*, “descarnado”, também qualifica os pés de Polixo (1.669).

¹³⁵ Estudámos a possibilidade de interpretar as duas únicas ocorrências do termo *ἄψος* (2.119 e 3.676) como forma de criar um paralelismo entre Fineu, debilitado pela maldição de que se liberta, e Medeia, debilitada pelo amor, que lhe trará uma maldição (Sousa 2021).

¹³⁶ A ordem de Pélias volta a receber o epíteto de *κρυερός*, “frio” (3.390). O qualificativo provém dos Poemas Homéricos (*Il.* 13.48; 24.524; *Od.* 4.103; 11.212).

- 220 E não foi só a Erínia que pontapeou os meus olhos,
também obtive uma velhice que não acaba nunca¹³⁷;
e um flagelo ainda mais amargo paira sobre este.
As Harpias arrebanham-me os alimentos da boca,
surgindo num salto, vindas dalgures, da morte invisível¹³⁸.
- 225 Não há estratégia que me socorra; seria mais fácil
levar o meu pensamento a esquecer-se da refeição
do que se esquecerem aquelas, tão céleres voam pelos ares.
Quando porventura me deixam um quase nada de alimento,
expelem impetuosamente um odor bolorento e insuportável.
- 230 Nenhum mortal suportaria aproximar-se nem um instante,
mesmo que tivesse um coração forjado de aço. A mim,
todavia, retém-me uma necessidade amarga e insaciável
de ficar e de, ficando, pôr algo no meu maldito estômago.
Diz a profecia que os filhos do Bóreas as rechaçarão;
235 não será como forasteiros que me socorrerão.
De facto, eu sou Fineu, ínclito outrora entre os homens
pela minha riqueza e ciência profética. O pai que me gerou
foi Agenor; e, quando governava os Trácios, com os meus
presentes desposi Cleópatra, irmã daqueles.”
- 240 Assim disse o Agenórída. A consternação arrebatou
profundamente os heróis, sobretudo os dois filhos de Bóreas.
Enxugando as lágrimas, vieram para perto dele. E Zetes,
com a mão do ancião desamparado na sua, falou assim:

¹³⁷ O texto grego apresenta o adjetivo *ἀμήνυτος*, “impossível de tecer”, porque a vida dos homens dura enquanto as Moiras tecem o fio que representa a sua vida; a morte sobrevém quando esse fio deixa de ser entretecido e é cortado. Fineu estava condenado a uma velhice eterna; logo, o fio da sua vida nunca se deixaria de ser tecido.

¹³⁸ Consideramos que a referência à “morte invisível” tem um valor concreto de “lugar de morte”; o adjetivo *ἄφραστος*, “invisível”, também qualifica a gruta donde saem os touros que Jasão enfrenta (3.1289).

245 “Oh! Desditoso! Garanto que ninguém há mais digno
de lamento do que tu. Por que estás preso a tamanha
inquietude?

Sem dúvida que ofendeste os deuses com deletérios
descuidos¹³⁹,
perito na ciência profética. Como eles se encolerizaram contra
ti!

Não obstante desejarmos auxiliar-te, desnorteia-nos pensar
que a divindade nos tenha outorgado a ambos tamanho
privilégio.

250 Bem manifestas são as intimações dos imortais aos habitantes
da terra; não rechaçaremos as Harpias quando vierem,
apesar da nossa expectativa, sem jurares que, por causa
disso, os deuses não nos hão de afastar do seu coração.”

Assim falou. E o venerável homem projetou, certo,
255 as órbitas oculares esgazeadas e respondeu-lhes o seguinte:

“Cala-te. Não ponhas, filho, essas ideias na tua mente.
Juro pelo filho de Leto, que me ensinou a ciência profética;
juro por esta sorte infausta que me coube e por esta nuvem
que me cega os olhos e pelas divindades infernais

260 – mesmo que eu morresse estas não me seriam benevolentes –,
juro que os deuses não se encolerizarão por causa da vossa
ajuda.”

Depois destes juramentos, os dois ansiavam socorrê-lo.
Os mais novos ocuparam-se do festim para o ancião,
derradeira presa das Harpias. Os Boréadas colocaram-se

¹³⁹ Se o termo *ἀφραδία*, “descuido”, for apanágio da conduta de um jovem, como propomos na nota 9, o seu uso neste passo constitui uma forma de Zetes desculpar Fineu, ainda demasiado jovem para perceber os riscos que corria, quando cometeu a sua falta.

que é para todos os deuses a mais arrepiante e respeitada
libação¹⁴¹,

e jurou que aquelas não se aproximariam de novo da morada
de Fineu, pois era isso o que estava estabelecido pelo destino.

295 Então eles, cedendo ao juramento, voltaram logo para a nau,
incólumes. Por causa disto, os homens designam estas ilhas
Estrófades¹⁴², depois de lhes terem chamado Plotas¹⁴³.

Então as Harpias e Íris separaram-se: aquelas entraram
numa gruta da Creta de Minos; Íris, indo pelos ares
300 com as velozes asas, subiu ao Olimpo.

Entretanto os heróis limpam bem a pele sebosa
do ancião e sacrificaram ovelhas que escolheram
do saque que haviam trazido da derrota de Âmico.

Depois de colocarem na sala uma grande refeição,
305 sentaram-se e banquetearam-se. Fineu banqueteara-se
com eles sofregamente, como em sonhos, encantado
no seu íntimo. Uma vez saciados de alimento e de bebida,
ficaram toda a noite à espera dos filhos de Bóreas.

O venerável homem estava sentado no meio deles, junto da
lareira,
310 e explicava-lhes os caminhos da navegação e o propósito da
viagem.

“Ouvi-me agora. É contra a lei sagrada conhecerdes tudo

¹⁴¹ Hesíodo explica em *Teogonia* 400 que a Oceânide Estige recebeu de Zeus o dom de ser o grande juramento dos deuses; em 780 e ss acrescenta que o pai dos deuses enviava Íris em busca da famosa água do Estige sempre que um deus mentia ou entrava em querela com outro.

¹⁴² O adjetivo στροφάς qualifica o que se move girando ou o que é circular; é frequente para os astros e as tempestades (Chantraine 1999: 1063). O verbo στρέφω, “dar voltas”, apresenta o mesmo radical.

¹⁴³ Plotas significa “flutuantes” (πλωτός, flutuante, donde o verbo πλώω).

com rigor. Mas não esconderei o que apraz aos deuses
que vos conte. Outrora arruinei-me por descuido, ao revelar
com minudência, até ao fim, o pensamento de Zeus¹⁴⁴.

315 Este quer mostrar aos homens profecias incompletas,
para que eles necessitem dos deuses no seu pensamento.

“Antes de mais, depois de partirdes de junto de mim,
vereis à entrada do mar as duas Rochas Ciâneas;
afirmo-vos que ninguém conseguiu escapar ao atravessá-las.

320 É que elas não estão assentes em raízes fundas e embatem
muitas vezes, indo uma contra a outra; acima delas
soergue-se com abundância a água borbulhante do mar
e, em volta, o litoral acidentado ressoa estrondosamente.
Deixai-vos agora persuadir pelas minhas recomendações:
325 se fazeis deveras esta travessia com uma disposição séria
e dando atenção aos deuses, não desbarateis a sorte,
cedendo na vossa ansiedade ao descuido juvenil.

Aconselho-vos a experimentar a passagem usando uma pomba
como presságio, enviando-a para bem longe da nau.

330 Se ela atravessar estas rochas, incólume no seu voo
para o Ponto, não proteleis a viagem por mais tempo.
Mas apertai bem os remos nas vossas mãos
e sulcai a passagem estreita do mar, a salvação estará
menos nas preces do que na força das vossas mãos.

335 Ponde proficuamente o resto de lado, agindo com ousadia.
Entretanto não vos dissuado de suplicardes aos deuses.
Se a ave, ao voar na direção das rochas, morrer
no meio delas, vinde para trás, pois mais vale ceder

¹⁴⁴ Fineu retoma os termos usados pelo narrador ao falar desta personagem: “Não sentira qualquer pejo em levar aos homens, / com rigor, o pensamento sagrado do próprio Zeus” (2.181-2).

- aos imortais. Não escaparíeis ao maldito destino
340 das rochas, nem que Argo fosse de ferro.
Infelizes! Não ouseis ir contra as minhas profecias,
mesmo que penseis que para os descendentes de Úrano
sou três vezes mais hostil ou objeto de mais ódio ainda.
Não ouseis fazer a travessia com a nau contra o meu presságio.
345 “E será conforme tiver de ser. Se escapardes
ao choque das rochas entrando, sãos e salvos, no Ponto,
logo vereis do vosso lado direito a terra dos bitínios.
Navegai precavendo-vos das formações rochosas
e, depois de dobrardes o rio Reba de curso rápido
350 e o Promontório de Melena¹⁴⁵, chegareis ao ancoradouro
da ilha de Tínia. A não muita distância dali atracareis
na terra dos mariandinos, situada na costa em frente.
Ali existe uma descida até ao Hades e o Promontório
do Aqueronte, que avança pelo mar, levanta-se
355 bem alto; os redemoinhos do Aqueronte fendem o próprio
promontório e jorram fluxos de água das escarpas profundas.
Passareis próximo das inúmeras montanhas dos paflagónios,
sobre os quais o primeiro a reinar foi Pélops o Véneto,
de cujo sangue aqueles se vangloriam de descender.
360 Há um promontório em frente da Ursa Hélice,
íngreme de todos os lados, a que dão o nome de Carâmbis.
Por cima dele os torvelinhos do Bóreas separam-se em duas
direções,
e ele, voltando-se para o pélago, vai ao encontro do céu.
Depois de se dobrar este, estende-se ao longe o Grande Egíalo.
365 A seguir a um promontório que avança pelo mar, nos confins
do Grande Egíalo, as correntes do rio Hális descarregam

¹⁴⁵ Melena significa “negro”.

terrificamente. Depois, próximo, flui Íris, menos importante, que se enovela em níveis redemoinhos até ao mar.

Dali projeta-se da terra o grande e altaneiro Âncon¹⁴⁶.

370 A foz do Termodonte faz fluir as suas águas
na tranquilidade do golfo sob o Promontório do Temiscírio,
depois de atravessar a terra numa vasta extensão. Ali fica
a planície de Diante; perto, as três cidades das Amazonas;
a seguir estão os cálibes, os mais lamentáveis
375 dos homens, que vivem numa terra irregular e dura,
artífices que se ocupam do trabalho do ferro.

Próximo, para além do Promontório Genetas¹⁴⁷, de Zeus
Hospitaleiro, habitam os tibarenos, ricos em carneiros.

A seguir a estes, os mossinecos limítrofes¹⁴⁸ distribuem-se
380 pela região arborizada e pelas faldas das montanhas;
edificam casas de madeira sobre estacas em socacos
381a e muralhas bem construídas, às quais chamam “mossinas”,
381b e é daqui que provém a designação que eles têm.

“Depois de passardes por estes, atracareis numa ilha plana
e com toda a espécie de estratégias rechaçareis as aves
impudentes que, em número sem fim, infestam esta ilha
385 erma, onde um templo de pedra em honra de Ares
foi erigido pelas rainhas das Amazonas, Otrere e Antíope,
durante as suas campanhas. Ali tirareis do mar
amargo uma vantagem que não posso explicar.
Por benquerença, exorto-vos a que façais escala

¹⁴⁶ O topónimo significa “cotovelo”.

¹⁴⁷ Zeus recebe o epíteto de Genetas quando os Argonautas passam ao largo da terra dos tibarenos (2.1009); corresponde em latim a Júpiter Genitor.

¹⁴⁸ O adjetivo ὁμόυπιος, “limítrofe”, não é homérico, nem usado no século V aC; no poema serve de novo para localizar geograficamente os povos quando Jasão dialoga com Medeia (3.1095).

390 aí. Mas por que devo voltar a transgredir,
explicando pela ciência profética cada pormenor?

“Mais adiante, depois desta ilha e da terra em frente,
vivem os fílires; e acima dos fílires estão os mácrones,
depois as extraordinárias tribos dos bequires.

395 A seguir a estes, nas imediações, habitam os sapires,
depois destes, nas terras vizinhas, os bizeres; depois destes,
estão já os próprios colcos, homens de Ares. Prosseguir
a travessia na nau até chegardes a um mar recôndito.

Ali, atravessando a terra dos citas, vindo dos longínquos
400 Montes Amaranotos e da planície de Circe, o Fásis,
redemoinhando, lança no mar a sua vasta corrente.

Ao conduzirdes a nau para as águas deste rio,
vereis as muralhas de Eetes Citeu e o bosque
sombrio de Ares; ali, no cimo de um carvalho, o velo
405 é vigiado por um dragão, ser prodigioso, terrível de se ver,
que espreita de todos os lados. E o doce sono nem de dia
nem pelo crepúsculo vence o seu olhar impudente.”

Assim falou. O medo apoderou-se deles ao ouvi-lo.
Ficaram sem fala por muito tempo. Mais tarde falou o herói
410 filho de Éson, com uma sensação de impotência em tal apuro.

“Ó ancião, já revelaste os caminhos destas provas
e os sinais a que temos de obedecer para fazermos esta travessia
pelo Ponto, passando pelas rochas odiosas; mas será que,
ao escapar-lhes, conseguiremos regressar à Hélade
415 na viagem de volta? É com alegria que o ficarei a saber de ti.
Como faço? Como empreenderei eu tal viagem pelo mar,
se sou íncio e estou com companheiros íncios? É que Ea
da Cólquida está situada nos confins da terra e do mar¹⁴⁹.”

¹⁴⁹ Jasão apresenta a concepção mítica que coloca Ea no fim do mundo; note-se, todavia, que existem vários passos no poema em que

Assim falou. O venerável homem disse-lhe, em resposta:

- 420 “Filho, depois de escapares às deletérias rochas,
coragem! Uma divindade guiar-vos-á por uma via diferente,
no regresso de Ea; depois de Ea não te faltará quem vos escolte.
Mas, amigos, tende em mente a dolosa ajuda de Cípris.
Dela dependem os ínclitos caminhos das vossas provas¹⁵⁰.
425 E agora não me dirijais mais perguntas de antecipação.”

- Assim falou o Agenórída. Perto dele os dois filhos
de Bóreas da Trácia saltaram do céu e lançaram
os pés céleres sobre a soleira¹⁵¹; os heróis levantaram-se
dos seus assentos quando os viram aparecer. Zetes,
430 sem fôlego, a arquejar por causa do esforço, explicou
aos companheiros exaltados quão longe tinham rechaçado as
Harpías
e como Íris os dissuadira de as trespassarem; que juramentos
a benevolente deusa prestara e como aquelas tinham entrado¹⁵²,
com medo, na extraordinária gruta da falésia de Dicte.
435 Todos os companheiros que estavam na casa de Fineu
e o próprio Fineu ficaram satisfeitos com a notícia.

se diz que haveria, para lá de Ea, outras terras; cf. sobretudo 4.131-5.

¹⁵⁰ Fineu responde a Jasão com a expressão *πείρατα ἀέθλων*, “caminhos das provas”, que este acabara de usar (2.411).

¹⁵¹ Como explicámos em Sousa 2021: 200, neste episódio os Boréadas descem do céu em direção provavelmente à abertura do pórtico, encontrando-se num lugar de transição entre superior e inferior, símbolo da conciliação dos planos divino e humano, que se atinge com o fim da maldição.

¹⁵² O texto recorda o episódio das Harpías, fazendo eco de alguns termos que nele ocorrem e substituindo outros por formas verbais semanticamente equivalentes. Assim, *ἐλαύνω*, “rechaçar”, havia sido usado com a aceção de “dissuadir” (2.265); *δαίζω*, “trespassar”, corresponde a *ἐλαύνω*, “golpear” (2.288); e, por fim, *ὑποδύω*, “entrar”, é um composto do verbo simples usado anteriormente no episódio das Harpías (2.298).

Rapidamente o Esónida disse, bem intencionado:

“Foi sem dúvida um deus que, preocupado com o teu deplorável desaire, Fineu, nos fez aproximar daqui,
440 vindos de longe, para que os filhos de Bóreas te socorressem. Se ele levasse também luz aos teus olhos, penso que ficaria tão satisfeito como se me fosse concedido regressar a casa.”

Assim falou. Em seguida aquele, baixando a cabeça, disse:

“Esónida, o mal é irreparável e irremediável no futuro.
445 Os meus olhos consumiram-se a pouco e pouco e estão vazios. Em vez de ver, que um deus me conceda morrer já, e depois de morto estarei completamente em glória.”

E eram assim as palavras que trocavam uns com os outros. E logo, não muito tempo depois, estando eles a conversar,
450 Erígone¹⁵³despontou. Reuniam-se em volta de Fineu os homens dos arredores, que dantes vinham ali, dia após dia continuamente, para lhe trazer um quinhão de alimentos. O ancião a todos, mesmo aos mais humildes que chegassem, predizia com altruísmo e libertava muitos de tormentos, graças
455 à ciência profética. Por isso, ao visitá-lo, cuidavam dele. Com eles chegou Parébio, que lhe era muito caro¹⁵⁴. Este sentiu alegria ao aperceber-se da presença dos jovens, pois outrora Fineu contara-lhe que uma equipagem de heróis, vinda da Hélade e com destino à cidade de Eetes,
460 prenderia as amarras na terra de Tínia e,

¹⁵³ A Aurora. Etimologicamente o adjetivo significa “a que cedo desponta”, expressão que usamos para traduzir o termo quando surge como epíteto de Aurora (3.1224 e 4.981), frequente nos poemas homéricos cf. *Il.* 1.477; 8.508; 24.788; *Od.* 2.1; 3.404 *et alia*.

¹⁵⁴ De acordo com o escólio *ad* 2.456-7, havia quem considerasse que Parébio era um escravo fiel a Fineu. Vian 2002a: 198, n. 4 coloca a hipótese de se tratar de uma personagem proveniente da tragédia.

a mando de Zeus, travaria os ataques das Harpias.
 O ancião deixou todos satisfeitos com as suas palavras
 densas de sentido¹⁵⁵ e exortou Parébio a que ficasse
 ali, juntamente com os heróis. Sem demora o instigou
 465 a trazer-lhe, dentre as suas ovelhas, a que sobressaísse.
 E, assim que este saiu da grande sala,
 dirigiu-se com brandura aos remadores reunidos:

“Amigos, nem todos os homens são arrogantes
 e se esquecem do bem que se lhes faz; não o é por certo
 470 este homem que veio aqui para ficar a saber o seu destino.
 De facto, quanto mais se esfalfava, tanto mais penava
 e mais o consumia uma vontade cada vez maior de continuar
 a viver. Dia após dia o mal surgia-lhe mais danado
 e não havia nenhum alívio para ele, já exausto.
 475 Ele pagava o preço maldito pelo erro de seu pai.
 É que este, sozinho, a cortar árvores nas montanhas,
 subestimou as súplicas de uma ninfa Hamadríade¹⁵⁶, que
 pranteava e lhe pedia com brandura, em palavras emocionadas,
 que não cortasse o tronco do carvalho que tinha a sua idade,

¹⁵⁵ O sintagma ἔπος πύκινον, “palavras densas de sentido”, caracteriza a forma de falar de Fineu (2.461), de Jasão (3.945), de Arete (4.1110) e de Alcínoo (4.1199). Estas palavras, quando proferidas por Fineu, devem ser bem compreendidas pelos Argonautas, para que estes realizem com confiança a sua missão; quando pronunciadas por Jasão, a conselho de Mopso, no encontro com Medeia no templo, visam a persuasão da colca; quando ditas pelos reis de Drépene, da sua correta descodificação resulta a atuação política a adotar. O sintagma ganha, assim, um sentido político, transcendendo a dimensão diegética, como analisámos em Sousa 2020, a propósito da sua utilização por Arete e Alcínoo.

¹⁵⁶ As ninfas Hamadríades estavam de tal forma ligadas a uma árvore que morriam com a morte desta. Podem ser confundidas com as próprias árvores.

480 pois nele ela passara desde sempre a sua longa existência.
Mas ele, com o arrojo descuidado da juventude, golpeou-a.
Depois disso, a ninfa presenteou-o com uma sorte calamitosa,
a ele e aos seus filhos. E quando este chegou junto de mim,
eu já conhecia o erro. Incitei-o então a afadigar-se
485 na construção de um altar em honra da ninfa de Tínia e a fazer
ofertas expiatórias, pedindo que escapasse ao destino do pai.
Depois que conseguiu fugir da sorte enviada pela divindade,
jamais me esqueceu ou subestimou. A custo e contra a sua
vontade
mandei-o para casa, a ele que me queria assistir no meu
desamparo.”

490 Assim falou o Agenórída. E nesse instante chegou
Parébio com duas ovelhas do seu rebanho. Jasão levantou-se
e com ele os dois filhos de Bóreas sob as ordens do ancião.
Invocando Apolo, deus dos Oráculos, apressaram-se a fazer
um sacrifício sobre o altar, já que o dia estava a findar.
495 Os companheiros mais novos prepararam um deleitoso festim.
Depois de se terem banqueteados, uns junto das amarras da nau,
outros ali na casa de Fineu, adormeceram duma assentada.

De manhã vieram os ventos etésios, que sopram
em toda a terra igualmente por intervenção de Zeus.
500 Conta-se que uma tal de Cirene apascentava ovelhas
perto do pântano do Peneu, no tempo dos primeiros homens.
Agradava-lhe ser donzela e manter imaculado o leito.
Mas Apolo raptou-a, enquanto ela guardava o rebanho
junto do rio, e longe de Hemónia¹⁵⁷ confiou-a às ninfas

¹⁵⁷ Tessália.

505 que habitavam na Líbia perto do Monte Mirto¹⁵⁸.
 Ali gerou de Febo Aristeu, a quem os Hemónios,
 ricos em searas, dão o nome de Agreu e Nómio.
 Por amor, o deus fez de Cirene uma ninfa caçadora
 destinada a uma longa existência. Levou o filho
 510 pequenino para a gruta de Quíron, para este o criar.
 Já adulto, as divinas Musas casaram-no¹⁵⁹
 e ensinaram-lhe a arte de curar e de vaticinar;
 tornaram-no guardião dos rebanhos que pastavam
 na planície de Átamas, em Ftia, perto do monte Ótris
 515 e do curso sagrado do rio Apídano. À hora em que,
 do céu, Sírío inflamava as ilhas de Minos, sem que,
 por muito tempo, os habitantes encontrassem remédio,
 a essa hora, por ordem do que acerta ao longe,
 chamaram Aristeu para os afastar da praga. Este,
 520 sob os avisos do pai, deixou Ftia e instalou-se em Ceos,
 depois de ter reunido o povo de Parrásia, da raça de Licáon.
 Construiu o enorme altar de Zeus pluvioso
 e fez ofertas expiatórias em honra da estrela Sírío
 e do próprio Zeus Crónida. Por causa disto os ventos
 525 etésios, enviados por Zeus, refrescaram a terra
 durante quarenta dias, e ainda agora, em Ceos,
 os sacerdotes fazem sacrifícios antes de surgir o Cão.
 Tal é o que se conta. Os heróis ficaram retidos ali mesmo.
 Todos os dias, por gratidão para com Fineu, os tinos
 530 mandavam infindos presentes de hospitalidade.

¹⁵⁸ Em Cirene.

¹⁵⁹ Autónoe fora a mulher de Aristeu, segundo Hesíodo (*Th.* 977).

Partida e passagem pelas Simplégades

Na sequência disto, depois de terem edificado um altar
aos doze bem-aventurados, na orla do mar em frente,
e de terem depositado ali ofertas expiatórias, embarcaram
na veloz nau para remar. Não se esqueceram de levar consigo
535 uma pomba tímida¹⁶⁰, que Eufemo segurava na mão,
abismada de medo. Soltaram da terra as duplas amarras
e, ao partirem, não passaram despercebidos a Atena.
Logo ela, pressurosa, colocou os pés numa nuvem ligeira,
que rapidamente a conseguia transportar, apesar do seu peso,
540 e lançou-se para o Ponto com pensamentos de benquerença
pelos remadores. Tal como quando longe da pátria
se anda errante¹⁶¹ – nós, homens, vagueamos muitas vezes
com ousadia; nenhuma terra é demasiado longínqua
e todos os caminhos são visíveis – e se pensa na casa
545 (o caminho do mar e o da terra seca aparecem ao mesmo
tempo e há que ponderar rapidamente num e noutro,
seguindo-os com os olhos); assim a filha de Zeus, num lesto
salto, colocou os pés no litoral do Axino, em Tínia.

¹⁶⁰ O adjetivo τήρων, “tímida”, é no poema epíteto apenas atribuído a pombas (πέλεια), qualificando também aquela que cai no regaço de Jasão antes do vaticínio de Mopso (3.541). Nesta especificidade Apolônio segue o modelo homérico (*Il.* 5.778; 22.140; 23.853,855,874; *Od.* 12.63; 20.243).

¹⁶¹ Neste verso o verbo ἀλάομαι, “andar errante”, encontra-se em particípio, singular, masculino. Uma vez que o verbo volta a surgir no livro IV, tendo Medeia como sujeito (4.51, 1041), cria-se uma linha de leitura que permite associar Medeia ao viajante. Defendemos em Sousa 2013a que a colca tem de conquistar precisamente o mesmo estatuto que os homens errantes deste poema, ou seja, os Argonautas.

Quando chegaram à passagem estreita do sinuoso caminho,
 550 encerrado de ambos os lados por rochas irregulares,
 a corrente fluía e refluía em redemoinhos sob a nau
 que avançava; eles prosseguiram com muito medo; o som
 das rochas que se entrechocavam com dureza ressoava-lhes
 nos ouvidos e os promontórios banhados pelo mar ecoavam.
 555 Então Eufemo, segurando a pomba na mão,
 levantou-se para subir à proa. Sob a instigação
 de Tífis, filho de Hágnias, os heróis remaram
 de modo a conduzirem a nau por entre as rochas,
 confiantes na sua força. E logo que dobraram o último
 560 cotovelo do estreito, viram que as rochas se abriam:
 o coração deles liquefez-se¹⁶². Eufemo largou
 a pomba para que levantasse voo e todos ergueram
 a cabeça ao mesmo tempo, para a verem a voar por entre
 as rochas, que de novo avançaram uma contra a outra,
 565 embatendo. Levantou-se um vagalhão borbulhante
 como uma nuvem. O mar bradou, medonho.
 Por todo o lado, em volta, o imenso céu ressoou.
 As côncavas grutas faziam um ruído ensurdecedor com o fluir
 e refluir do mar sob as rochas irregulares, e a névea espuma
 570 da vaga, borbulhando, inundava os mais altos cimos.
 Em seguida, a corrente arrebatou a nau em círculos.
 As rochas cortaram as penas da cauda da pomba,
 que voltou sã e salva, e os remadores clamaram fortemente.
 Tífis bradou que fossem possantes com os remos.
 575 E as duas rochas voltaram a abrir-se. Trémulos remavam,

¹⁶² Sobre o uso desta expressão no episódio do encontro com Jasão (3.1009), cf. Sousa 2012.

até que o próprio refluxo os puxou para o meio das rochas.

Então um terrível medo apoderou-se de todos. A morte pendia sobre as suas cabeças, causando uma sensação de impotência.

De um lado e de outro via-se já o Ponto em toda a sua largura.

580 Inesperadamente uma enorme vaga, bojuda, surgiu à sua frente, semelhante a um cume abrupto. Ao verem-na os heróis

baixaram-se, desviando a cabeça; afigurava-se-lhes que

envolveria toda a nau e se abateria sobre ela. Mas Tífis

585 antecipou-se a aligeirar a nau pesada com o movimento dos remos; o escarcéu rolou então por debaixo da quilha.

Levantou a nau pela popa afastando-a das rochas

e levou-a nos ares, na crista das vagas por muito tempo.

A cada companheiro Eufemo bradava que se atirasse aos remos com quanta força tinha, e eles com um grito de

guerra

590 batiam nas águas. A nau foi arremessada para duas vezes

mais longe do que teria avançado com o esforço dos remadores.

Os remos dobravam como arcos recurvos ao ímpeto dos heróis.

E logo uma vaga se lançou em sentido inverso.

E a nau, como uma esfera, deslizou rapidamente

595 pela vaga ameaçadora, precipitando-se no mar côncavo.

No meio das Simplégades a corrente, redemoinhando,

retinha-a.

As rochas moveram-se dos dois lados com um bramido

e a embarcação ficou presa. Então Atena apoiou a mão esquerda

na resistente rocha e com a direita impulsionou-a sem hesitar.

600 A nau, semelhante a uma seta alada, lançou-se nos ares.

A extremidade do aplustre¹⁶³ foi ceifada quando as rochas

¹⁶³ O ornato da popa.

colidiram com dureza uma contra a outra. Atena subiu ao
Olimpo,

depois de eles terem escapado sãos e salvos. Nesse instante
as rochas, no mesmo lugar uma e outra, ganharam raízes

605 com firmeza. Era o que os deuses bem-aventurados haviam
destinado

logo que, vendo-as, um mortal fizesse a travessia por entre elas.

Mal tinham acabado de recuperar do medo arrepiante,
fitaram o céu e o pélagos ao mesmo tempo, enquanto o mar
se desdobrava à sua frente. Diziam os heróis que do Hades
610 se tinham salvado. Tífis começou a falar antes de todos:

“Creio que escapámos, garantidamente graças à nau;
Ninguém está na origem disto tanto quanto Atena,
que insuflou um ímpeto divino na nau, quando Argo a ajustou
com cavilhas. Seria contra a lei sagrada que se desfizesse.

615 Se um deus nos concedeu escapar por entre as rochas,
não tenhas medo da ordem do teu rei, Esónida,
já que as provas que mais tarde terão lugar serão facilmente
levadas a cabo, conforme explicou Fineu o Agenórída.”

Assim disse e, ao mesmo tempo, fazia avançar a nau
620 ao longo da terra da Bitínia, atravessando o pélagos.

Jasão, por sua vez, respondeu-lhe com palavras brandas:

“Tífis, por que te pões a arengar comigo,
que me angustio? Cometi um erro, um desvario funesto
e sem saída. Deveria ter defendido logo esta equipagem
625 contra o que Pélias impôs incondicionalmente, mesmo que
houvesse de morrer impiamente despedaçado, membro a
membro.

Agora um medo extraordinário e inquietações
insustentáveis tolhem-me, a mim que me desagrade navegar
pelos caminhos gélidos do mar e me desagrade desembarcar
630 na terra firme, pois por todo o lado os homens são hostis.

Dia após dia, continuamente, vigio a noite fecunda em
gemidos,

desde que, por gratidão para comigo, vos reunistes,
e conjeturo cada pormenor. É fácil pores-te a arengar,
pois só dás atenção à tua vida. Eu, por meu lado, comigo
635 não me incomodo nem um pouco; mas é por este, por aquele,
por ti e por todos os companheiros que eu tenho medo,
não aconteça que eu não vos leve em segurança para a Hélade.”

Assim falou para experimentar os heróis. E estes
alvorocaram-se,
proferindo palavras ousadas. Jasão, encantado no seu íntimo
640 por eles o exortarem, de novo se lhes dirigiu com clareza:

“Amigos, a vossa excelência fará crescer a ousadia.
Assim, mesmo que vos conduza por entre os abismos
do Hades, nenhum sobressalto me tolherá, já que enfrentais,
inabaláveis, o árduo medo. Mas, visto que transpusemos
645 as Rochas Simplégades, penso que no futuro jamais
tereis outro terror tamanho, se deveras seguirmos
o saber de Fineu ao prosseguirmos a nossa viagem.”

Viagem ao longo da costa

Assim falou. E, pondo termo aos discursos,
entregaram-se à inesgotável tarefa de remar. Então
650 passaram, ao largo, o rio Reba de curso rápido e o rochedo
de Colone e, não muito depois, o Promontório Melena,
e a seguir a foz de Fílis¹⁶⁴, onde outrora Dípsaco havia
recebido, na sua morada, o filho de Átamas,

¹⁶⁴ Rio da Bitínia, segundo os escólios.

- que fugia com o carneiro da cidade de Orcómeno.
- 655 Uma ninfa da pradaria gerara-o; a insolência não lhe agradava, por isso habitava de bom grado com a mãe, junto das águas de seu pai, criando rebanhos no litoral. A seguir avistaram, passando ao largo, o seu santuário, as vastas costas e a planície do rio e Calpe
- 660 de curso profundo. Depois do dia, também na noite sem vento, remaram vigorosa¹⁶⁵ e incansavelmente. Tal como uma parelha de bois fende a terra húmida¹⁶⁶, esfalfando-se a lavrá-la – um suor infindo escorre-lhes dos flancos e do cachaço, sob o jugo, os seus olhos
- 665 desviam-se, de través, enquanto um bafo seco ressoa, sôfrego, das suas bocas –, e os dois¹⁶⁷ cravam na terra firmemente os cascos, ocupados com esta tarefa o dia inteiro; semelhantes a estes, os heróis batiam com os remos no mar.

Aparição de Apolo na ilha de Tínia

- À hora em que ainda não há a luz divina nem já
- 670 total negrume, quando uma ténue claridade percorre a noite – os homens dão-lhe o nome de lusque-fusque matinal –, a essa hora entraram no porto da erma ilha de Tínia e desembarcaram, atormentados pela extenuante tribulação. À sua frente apareceu o filho de Leto, que regressava

¹⁶⁵ Também na viagem de regresso se encontra a expressão ἐπερρώοντ' ἐλάτησιν, “remar vigorosamente” (4.504, 1633).

¹⁶⁶ Seguimos a interpretação proposta pelos escoliastas, que apresentam como sinónimo de πλαδόωσαν o qualificativo ἐνυγρον.

¹⁶⁷ O símile evoca a prova dos touros, paralelismo reforçado pela segunda (e única) ocorrência do termo χηλή, “casco”, no poema (3.1339).

675 da longínqua Lícia, onde habita o povo imenso
dos Hiperbóreos. De dois lados do rosto, esvoaçavam-lhe
cachos de caracóis doirados, à medida que andava.
Na mão esquerda levava o arco de prata e nas costas,
suspensa dos ombros, a aljava. Com o seu andar toda a ilha
680 estremecia e as vagas fluíam e refluíam em solo firme.
Os heróis ficaram atónitos e desconcertados ao vê-lo,
e ninguém ousou encarar os belos olhos do deus.
Detiveram-se olhando para baixo, para o chão.
Mas ele já ia longe, em direção ao mar, pelos ares.
685 Mais tarde Orfeu tomou a palavra, sugerindo aos heróis:
“Vamos! Nomeemos esta ilha Apolo Matinal,
consagrando-lha, pois o deus apareceu-nos a todos esta manhã
quando por aqui passava; sacrifiquemos-lhe o que é possível
e ergamos-lhe um altar no litoral. Se no futuro nos
690 conceder regressar à terra de Hemónia são e salvos,
depositaremos aqui, para ele, coxas de cabras com cornos.
Agora exorto-vos a apaziguá-lo com fumo e libações.
Sê-nos propício, soberano, sê-nos propício, tu que nos
apareceste.”

Assim falou. E logo uns puseram-se a construir um altar
695 com seixos, enquanto outros andavam de um lado para o outro,
a ver se encontravam uma corça ou uma cabra selvagem,
das muitas que pastam nas profundezas das florestas.
O filho de Leto presenteou-os com uma boa caça. Desta
retiraram duas coxas e queimaram-nas piedosamente
700 sobre o altar sagrado, invocando o nome de Apolo Matinal.
Enquanto estas ardiam, eles formaram uma ampla roda
de dança e celebraram o belo Iepéon¹⁶⁸,

¹⁶⁸ Epíteto de Apolo que deriva do grito *ἰὴ παῖνον* (cf. *h.Ap.* 272, 500, 517).

Febo Iepéon. Com eles o nobre filho de Eagro,
na sua fórminx da Bistónia, começou o melodioso canto:
705 como um dia, na encosta rochosa do Parnaso,
matará com as suas setas o gigantesco Delfines¹⁶⁹,
quando ainda era um rapaz nu¹⁷⁰ e orgulhoso dos caracóis
– sê propício! Jamais, soberano, os teus cabelos serão cortados,
jamais serão lacerados: esta é uma lei sagrada; somente
710 Leto, a filha de Ceos, os acariciará com as suas mãos –;
muitas vezes as ninfas Corícias, filhas de Plisto,
o animavam com as suas palavras ao clamar: “Ieh! Ieh!”;
daqui advém este belo hino em honra de Febo.
Depois que celebraram o deus com canto e dança,
715 juraram, vertendo piedosas libações, que se ajudariam
uns aos outros para sempre, em sintonia de pensamento,
e tocaram na vítima do sacrifício ao mesmo tempo. Ainda agora
existe neste lugar o santuário da benfeitoria Concórdia, que eles
se afadigaram a construir, em honra da gloriosa divindade.

Navegação ao longo da costa e paragem no país dos mariandinos

720 No momento em que chegou o terceiro dia, nessa precisa
altura,
graças a um forte Zéfiro, deixaram para trás a ilha escarpada.

¹⁶⁹ A serpente Píton de Delfos tem também o nome de Delfines (masculino) ou Delfine (feminino). O escólio *ad* 2.705-711a explica que uns a consideram do género masculino e outros do género feminino.

¹⁷⁰ Vian 2002a: 210, n. 1 explica que o adjetivo γυμνός, “nu”, tem diversas variantes na transmissão do poema, devido à dificuldade em o interpretar (τυννός, τυτθός). O escólio *ad* 2.705-711c explica-o como sinónimo de ἄνηβος, “imberbe”. Vian vê na expressão a evocação da figura masculina nua e de cabelos fartos da estatuária.

Do outro lado, no litoral em frente, avistaram, passando ao
largo,

a foz do rio Sangário e a luxuriante terra dos mariandinos,
as correntes de Lico e o lago Antemoísis¹⁷¹. Com as rajadas,

725 as adriças, a mastreação e toda a nau foram sacudidas

enquanto avançavam. Tendo o vento adormecido
ainda durante o crepúsculo, chegaram com alegria

ao ancoradouro do Promontório do Aqueronte,

ao raiar da aurora. Este ergue-se numa íngreme arriba,

730 de olhos postos no mar da Bitínia. Nele estão enraizadas

duas rochas lisas, banhadas pelo mar; em volta delas

as vagas rolam ressoando fortemente. Sobre ele,

no ponto mais alto, crescem colossais plátanos.

Descendo do promontório em direção ao solo firme,

735 para o interior, desenha-se um côncavo e profundo vale,

onde está a caverna de Hades, tapada por uma floresta e rochas;

o seu bafo glacial, exalado sem interrupção de recônditos

aterradores, forma em volta contínuos cristais

de gelo que só se derretem com o sol do meio-dia.

740 Nunca o silêncio domina este promontório ameaçador¹⁷²,

sujeito ao gemido do marulhante mar, juntamente

com o das folhas sacudidas por rajadas recônditas.

Ali está também a foz do rio Aqueronte, que atravessa

¹⁷¹ Segundo Delage 1930: 145, este lago, ou pântano, seria atravessado pelo rio Lico, que teria uma foz muito pantanosa e atravessaria um pequeno lago antes de entrar no rio. Herodoro explica que Lico, o rei dos mariandinos, é filho de Dásilo (cf. também AR. 2.676), filho de Tântalo, e de Antemoísis, a filha do rio Lico (Λύκον τὸν τῶν Μαριανδυνῶν βασιλέα) υἱὸν εἶναι Δασκύλου τοῦ Ταντάλου, καὶ Ἀνθεμοεισίας τῆς Λύκου τοῦ ποταμοῦ, fr. 49 Müller).

¹⁷² O promontório é βλοσυρός, “ameaçador”, tal como rosto de Héracles (4.1437).

o promontório para ir desaguar no Mar Oriental¹⁷³,
 745 e uma escarpa cavada fá-lo descer desde o topo.
 Os megarenses de Nisa, entre os vindouros, nomearam-no
 Salvador de Marinheiros, quando estavam prestes a instalar-se
 na terra dos mariandinos, pois ele os havia salvado
 ao acercaram-se das suas naus funestos torvelinhos de vento.
 750 Entraram¹⁷⁴, passando com a nau pelo promontório
 do Aqueronte, e atracaram logo que o vento cessou.

Os Argonautas são acolhidos por Lico, rei dos mariandinos

Nem Lico, líder desta terra, nem os mariandinos
 demoraram muito tempo a aperceber-se dos homens ancorados,
 de cuja glória como assassinos de Âmico já tinham ouvido falar.
 755 Foi por isto que estabeleceram uma aliança com os heróis;
 e, vindos de todos os lados, reuniram-se para receber Polideuces
 como um deus, pois há já bastante tempo
 que estavam em guerra com os arrogantes bébrices.
 Dirigindo-se todos sem demora à cidade, passaram
 760 este dia em convívio, na grande sala de Lico;
 entregaram-se ao festim e comprazeram-se a conversar.
 O Esónida contou a Lico a raça e o nome de cada um
 dos seus companheiros, as ordens de Pélias e como foram
 recebidos hospitaleiramente pelas mulheres de Lemnos,
 765 quanto haviam levado a cabo com Cízico na terra dos dolíones,

¹⁷³ O Ponto Euxino, referido também em 4.289.

¹⁷⁴ O adjetivo εἰσῶποι indica que os Argonautas entraram no rio Aqueronte. O escólio *ad* 2.750-1b dá como sinónimo do *hápax* homérico (Il. 15.653) ἐσώτεροι. Vian 2002a: 212, n. 2 é claro na sua explicação: “ici le poète veut dire que les héros pénètrent à l’intérieur du fleuve (cf. v. 901)”.

como chegaram ao rio Cio da Mísia, onde sem querer
deixaram o herói Héracles; falou ainda do oráculo
de Glauco e como haviam aniquilado os bébrices e Âmico;
referiu os vaticínios de Fineu e o seu sofrimento,
770 como escaparam das rochas Ciâneas e encontraram o filho de
Leto

numa ilha. Lico ouviu esta sucessão de histórias, enfeitiçado
no seu íntimo. A angústia só o tomou por causa do abandono
de Héracles, e dirigiu a todos as seguintes palavras:

“Amigos, afastastes-vos da ajuda de um grande mortal,
775 vós que fazeis uma travessia destas para irdes ao país de Eetes!
Eu conheço-o bem porque o vi aqui no palácio do meu pai,
de nome Dásilo, quando, ao atravessar a terra da Ásia,
chegou a pé, em busca do boldrié da aguerrida Hipólita.
Encontrou-me, acabava de me despontar uma penugem
780 nas faces. Por altura dos jogos em honra do meu irmão
Priolau, morto pelos mísios, que o povo pranteia
desde aquele tempo em cânticos confrangedores,
Eetes venceu no pugilato o possante Tício,
que se distinguia sobre todos os rapazes em figura
785 e em força, e fez-lhe saltar os dentes para o chão.
Quando pôs os mísios sob o domínio de meu pai,
fez o mesmo aos mígdones, que habitam nas terras vizinhas;
conquistou as tribos dos bitínios e a sua terra
até à foz de Rebas e ao rochedo de Colone; depois destes,
790 entregaram-se sem resistência os paflagónios, descendentes
de Pélops, que a negra água do Bileu¹⁷⁵ circunda.
Mas os bébrices e Âmico, com a sua arrogância,

¹⁷⁵ Rio que separa a Bitínia da Paflagónia. É atualmente o rio Filyos, que se situa no norte da Turquia. Apesar da sua importância, Estrabão não o menciona. Só depois de Apolónio os autores dos pérípros

têm-me pilhado, agora que Héracles habita longe;
durante muito tempo retalharam-me a terra até
795 estabelecerem as suas fronteiras nas pradarias húmidas
do Hípio de corrente profunda. Mas foram castigados por vós.
Afirmo que não foi contra a vontade dos deuses que levei
a guerra aos bébrices no mesmo dia em que tu, Tindárida,
mataste aquele homem. Pagarei de bom grado a dívida de
gratidão
800 que me couber agora; esta é uma lei sagrada para homens
menos vigorosos quando outros mais fortes os ajudam
primeiro.

Vou instigar o meu filho Dásilo a acompanhar
todos vós nessa expedição¹⁷⁶. Com ele por companheiro,
encontrareis homens hospitaleiros quando pelo mar fora
805 fordes até à foz do próprio Termodonte¹⁷⁷. Em honra
dos Tindáridas, estabecerei no clivoso promontório
do Aqueronte um alto santuário, que todos os marinheiros
avistarão de longe, de qualquer ponto do pélago, e honrarão.
A seguir, diante da cidade, consagrar-lhes-ei, como a deuses,
810 hectares de sulcos férteis de uma planície bem lavrada.”

Assim se entretiveram durante o festim, o dia inteiro.

Os Argonautas preparam-se para partir. Morte de Ídmon

De manhã apressaram-se a embarcar. Com os heróis

o referem (e.g. Flávio Arriano, Marciano); sobre este rio, cf. Delage 1930: 158-9.

¹⁷⁶ Dásilo acompanhará os Argonautas, que o deixam na viagem de regresso na Paflagónia, junto da foz do rio Hális (4.298).

¹⁷⁷ Neste percurso os Argonautas encontram os filhos de Deímaco, perto de Sinope.

ia o próprio Lico, que lhes oferecera miríades de presentes para levarem e mandou o filho deixar a casa para ir com eles.

- 815 Então um destino fatal coube ao filho da Abas, Ídmon, que sobressaía pela ciência profética, muito embora esta não o tenha salvado, já que o dever o levou a sujeitar-se¹⁷⁸. Nos sapais de um rio, entre um canavial, estava estirado, refrescando o flanco e o ventre infindo na lama,
- 820 um javali de alvas navalhas, deletério prodígio, que causava medo às próprias ninfas dos pântanos; nenhum homem o tinha avistado, pois vivia sozinho num largo sapal. O filho de Abas avançava pelas elevações de terra do rio lamacento, quando o animal, saindo do canavial
- 825 sem ser visto, impulsivamente saltou bem alto e o atingiu, atravessando-lhe os nervos e ceifando-lhe os ossos. Soltou um grito lancinante ao cair por terra. Os heróis clamaram, em grupo, quando ele recebeu o golpe. Logo Peleu arremessou um dardo contra o deletério javali, que fugia
- 830 para o pântano. O animal fez meia volta na sua direção. Idas atingiu-o e ele, grunhindo, ficou empalado na veloz lança. Deixaram-no no ali, no chão, onde tinha caído. Levaram para a nau o companheiro em estertor, angustiados, e foi nos braços dos companheiros que morreu.
- 835 Desviaram-se então do cuidado com a navegação e ficaram em luto pelo morto, sentindo-se desamparados. Lamentaram-se durante três dias inteiros. No dia seguinte

¹⁷⁸ Mopso é o outro Argonauta com poderes divinatórios que morre: Ídmon na viagem de ida e Mopso na de regresso (4.1502-4). Recorde-se que Idas partiu sabendo do seu destino, para evitar que os homens lhe denegrissem a glória (1.141).

enterraram-no com magnificência¹⁷⁹. Participaram das honras
o povo e o rei Lico. Perto do cadáver degolaram¹⁸⁰ infandas
840 ovelhas votivas, conforme a lei sagrada em honra dos mortos.
Ainda hoje, naquela terra, se ergue o túmulo deste homem.
Os vindouros podem até vê-lo assinalado com o barrote
cilíndrico da nau¹⁸¹, em oliveira selvagem, coberto de folhas,
levemente mais abaixo do promontório do Aqueronte. Se,
845 guiado pelas Musas, também devo cantar isto sem hesitação,
Febo recomendou aos beócios e aos niseus que invocassem
Ídmon explicitamente como protetor da sua cidade
e lançassem os seus fundamentos em volta da barra cilíndrica,
feita de oliveira selvagem há muito nascida¹⁸². Mas ainda agora
850 honram Agamestor em vez de Ídmon, o Eólida temente aos
deuses.

E qual é o outro mortal que morreu? De facto, os heróis
levantaram um outro túmulo a um companheiro morto.

¹⁷⁹ O advérbio μεγαλωστί, “com magnificência”, tem três ocorrências nos Poemas Homéricos, sempre associadas à imagem do corpo morto que jaz por terra (*Il.* 16.776; 18.26; *Od.* 24.40). Na *Argonáutica* o termo tem duas ocorrências: neste caso fala-se da magnificência das honras fúnebres; no passo em que Absirto é assassinado, há magnificência na sua queda (4.557).

¹⁸⁰ Na viagem de regresso volta a ser usado o verbo λαιμοτομέω, “rasgar o pescoço”, para descrever um sacrifício feito pelos Argonautas (4.1601). Este verbo tem em Apolónio a mais antiga ocorrência do termo.

¹⁸¹ Colocam a assinalar a sepultura um barrote, dos que servem para lançar a nau à água; cf. 1.375, 388.

¹⁸² O adjetivo “há muito nascido”, παλαιγενής, é o primeiro epíteto que surge no poema e qualifica os Argonautas (1.1). Usá-lo como epíteto da madeira dos barrotes em que rolava a nau Argo até ao mar, é uma forma de lembrar que esta é tão importante como a sua tripulação.

Pertencem a estes homens dois monumentos
que ainda são visíveis. Conta-se que morreu Tífis, o filho
855 de Hágneas: o seu destino não era navegar para longe.
Aqui, longe da pátria, uma súbita doença o fez adormecer,
no dia em que o grupo prestava honras fúnebres ao filho de
Abas.

Uma insustentável consternação arrebatou-os em deletério
tormento.

Logo que lhe prestaram honras fúnebres, uma sensação
860 de impotência prostrou-os ali, em frente do mar, enrolados
nos mantos que lhes moldavam os corpos imóveis;
não se lembravam nem de comer nem de beber, angustiados
no seu íntimo por perderem a esperança de regressar.
E teriam ficado ainda mais tempo, paralisados no seu pesar,
865 se Hera não tivesse incutido uma extraordinária ousadia
em Anceu, que, junto das águas do Ímbraso, Astipaleia
gerou de Posídon, e que sobressaía especialmente no leme.
Aproximando-se pressuroso de Peleu, disse-lhe o seguinte:

“Eácida, achas bem que descuremos as provas
870 e fiquemos tanto tempo em terra estrangeira? Jasão
trouxe-me para longe de Parténia, em demanda do velo,
pela minha experiência não da guerra, mas das naus.
Assim não tenhas o mais leve medo em relação à nau.
Há, aliás, aqui outros homens conhecedores desta arte;
875 destes, qualquer que escolhamos para subir à popa,
nenhum porá em risco a navegação. Transmite tudo isto
rapidamente e instiga-os a lembrar com ousadia a prova.”

Assim falou. E o ânimo de Peleu cresceu de satisfação.
Não muito depois, tomou a palavra no meio deles:
880 “Homens surpreendentes, porquê este vão padecimento?
Aqueles morreram precisamente com a sorte que lhes cabia.
Nós até temos no nosso grupo numerosos pilotos.

Por isso, não adiemos pô-los à prova. Vamos! De pé,
para o trabalho! Releguemos para longe a tristeza!”

885 Então o filho de Éson, desconcertado, respondeu:

“Eácida, onde estão esses pilotos?

Os que outrora enaltecíamos como conhecedores desta arte,
baixam a cabeça e sentem-se mais desamparados do que eu.

Prevejo para nós a mesma ruína funesta dos que morreram,

890 sem que cheguemos à cidade do deletério Eetes,

nem transponhamos as rochas para regressar à Hélade.

Uma sorte funesta nos encobrirá aqui mesmo,

ingloriamente, depois de termos envelhecido em vão¹⁸³.”

Assim falou. Anceu, pressuroso, prometeu conduzir

895 a veloz nau – um deus, numa arremetida, causara a reviravolta.

Depois dele levantaram-se também Ergino, Náuplio

e Eufemo, na expectativa de a pilotarem. Mas travaram-nos,

pois a maioria dos companheiros aprovou Anceu.

Navegação ao longo da costa.

Aparição de Esténelo e breve paragem

Embarcaram então no décimo segundo dia, pela manhã,
900 pois o forte vento do Zéfiro soprava em benefício dos heróis.

Depressa atravessaram o Aqueronte pela força dos remos,
depois içaram a vela, confiantes no vento. De velas desfraldadas,
navegaram na tranquilidade do mar, cada vez mais distantes.

Chegaram rapidamente à foz do rio Calícoro, onde se conta

905 que Niseu¹⁸⁴, filho de Zeus, quando se instalou em Tebas

depois de deixar os povos da Índia, celebrou orgias

¹⁸³ Jasão retoma o termo οἶτος, “sorte”, do discurso de Peleu (2.881).

¹⁸⁴ Dioniso, assim nomeado a partir do monte Nisa, situado na Índia.

e instituiu danças diante de uma gruta, onde passava as noites em rituais sagrados secretos; daqui resulta que os habitantes das redondezas tenham dado ao rio o epónimo de Calícoro¹⁸⁵ e à gruta o de Aulo¹⁸⁶.

910 Ali viram a sepultura de Esténelo o Actórida, que, no regresso da ousadíssima guerra contra as Amazonas – tinha ido acompanhar Héracles –, fora ferido por uma seta, desferida dali, e morrera no promontório vizinho do mar.

915 Os heróis não avançaram mais, pois a própria Perséfone enviara a alma do Actórida, que, em lágrimas, lhes suplicava que, por uns instantes, pudesse ver os seus conterrâneos. De pé, sobre a coroa da sepultura, observava a nau, tal qual como quando foi para a guerra: o belo elmo

920 de quatro bossas¹⁸⁷ resplandecia ao longe com o penacho purpúreo.

Quando o viram mergulhar de novo na negra penumbra, ficaram atónitos. Mopso o vaticinador, filho de Âmpice, instigou-os a atacarem e a apaziguarem-no com libações. Céleres, amainaram o velame e atiraram as amarras.

925 Afadigarem-se na praia em volta da sepultura de Esténelo, verteram libações e consagraram-lhe ovelhas como vítimas. Além destas libações, sobre o altar que haviam construído, queimaram as coxas daquelas em honra de Apolo Guardião das Naus; Orfeu depôs aí a lira, daí este lugar chamar-se Lira.

¹⁸⁵ O nome do rio significa etimologicamente “de belas danças”.

¹⁸⁶ O nome da gruta designa o αὐλός, um instrumento musical de sopro, parecido com uma flauta, que acompanhava a dança.

¹⁸⁷ Este tipo de elmo τετραφάλῃρος, “de quatro bossas”, é também o que Eetes coloca para assistir às provas de Jasão (3.1228). É um tipo de armadura referido nos Poemas Homéricos (*Il.*5.743; 12.384; 22.315).

De regresso ao mar

- 930 Com o vento a soprar de feição, embarcaram logo,
desfraldando as velas, que puxaram em ambas as escotas.
A nau foi levada com força para o pélagos,
como um gavião que, num voo rápido,
bem alto pelos ares, se deixa ir com a brisa
935 e plana de asas imóveis num céu límpido.
Passaram ao largo da corrente do rio Parténio,
que desemboca no mar mui docemente;
nas suas águas sedutoras a filha de Leto refresca
o seu corpo, sempre que, no regresso da caça, sobe ao céu.
940 Na noite seguinte prosseguiram velozes, avançando
sem parar, e passaram, ao largo, Sésamo, os altos Eritinos,
Crobíalo, Cromna e o arborizado Citoro. De seguida,
com os primeiros raios de sol, dobraram Carâmbis;
depois conduziram a nau, pela força dos remos, ao largo
945 do Grande Egíalo durante o dia e, após o dia, durante a noite.

Desembarque em Sinope

- Logo depois desembarcaram na terra de Esopo,
onde o próprio Zeus estabeleceu Sinope, filha de Esopo, e lhe
concedeu a virgindade, ludibriado pelas suas promessas.
De facto, na sua ânsia de amor, garantiu que lhe daria
950 o que ela mais desejasse no seu coração¹⁸⁸.
Astutamente, ela pediu-lhe a virgindade.

¹⁸⁸ Também no sonho de Medeia esta expressão *κεν ἥσι μετὰ φρεσὶν ἰθύσειεν*, “o que mais desejasse no seu coração”, caracteriza o comportamento feminino (3.629).

Foi assim também que embusteu Apolo, desejoso
de se deitar com ela, e, depois destes, o rio Hális.
Homem nenhum a possuiu nos seus braços sedutores.

- 955 Ali habitavam Deílio, Autólico e Flógio,
filhos do glorioso Deímaco de Trica¹⁸⁹,
desde que se tinham afastado de Héracles¹⁹⁰.
Estes, quando se aperceberam da equipagem dos heróis,
foram ao seu encontro e inevitavelmente deram-se
960 a conhecer; era garantido que não queriam ficar ali
para sempre; embarcaram assim que Argestes começou a soprar.

Continuação da viagem e escala perto da foz do rio Termodonte

- Levados pelos ventos com nova companhia,
deixaram para trás o rio Hális, deixaram Íris que flui
próximo e os aluviões da terra assíria¹⁹¹. Nesse dia dobraram,
965 de longe, o promontório das Amazonas¹⁹², com um porto¹⁹³.
Ali andava Melanipe, filha de Ares, quando o herói

¹⁸⁹ Cidade da Tessália.

¹⁹⁰ Os três haviam acompanhado Héracles na campanha contra as Amazonas.

¹⁹¹ Segundo Apolónio, esta terra, também designada Síria, Leucósia ou Capadócia, estende-se de Sinope a Âncon (v.369), sendo banhada pelos rios Hális e Íris.

¹⁹² Também chamado Promontório de Héracles, por nele terem ocorrido algumas das mais importantes façanhas do herói no combate contra as Amazonas, conforme a seguir se enumerará (2.966-9).

¹⁹³ Segundo o escólio *ad* 2.963-5c, não há outro porto entre Sinope e Trapezunte.

Héracles lhe armou uma emboscada; Hipólita entregou-lhe um boldrié cinzelado para resgatar a irmã e Héracles enviou-a de volta sem lhe ter feito mal.

- 970 No golfo do promontório, perto da foz do Termodonte, atracaram, porque o mar se insurgia à medida que avançavam. Nenhum rio se lhe assemelha nem espalha tantas correntes sobre a terra, ao lançar-se em várias direcções; para as cem correntes faltam apenas quatro, se contarmos
- 975 cada uma delas. A verdade é que elas têm uma só nascente, que desce em direcção ao solo firme, a partir dos clivosos montes que, dizem, são chamados Amazónios; dali o rio espraia-se penetrando nas altas terras à sua frente. Daí os seus braços são sinuosos: uns vão por um caminho,
- 980 outros por outro, continuamente e conforme as depressões que encontram, enovelam-se ora longe ora perto; e muitos cursos de água sem nome são escoados pelas areias aqui e ali. Em clara mistura, o Termodonte descarrega no Ponto Axino, sob o promontório bojudo.
- 985 Se se tivessem atrasado, os heróis teriam travado combate com as Amazonas e o diferendo não seria pouco sangrento. De facto, as Amazonas não eram muito gentis nem respeitavam as leis sagradas, elas que viviam na planície de Diante. Dotadas de uma insolência fecunda em gemidos,
- 990 ocupavam-se dos trabalhos de Ares: elas eram da raça de Ares e da ninfa Harmonia, que, ao unir-se a Ares, gerara filhas aguerridas nas dobras do bosque de Ácmon. As rajadas de Argestes enviadas por Zeus voltaram de novo e com o vento a soprar de feição deixaram
- 995 para trás o golfo onde as Amazonas de Temiscira se armavam. Mas elas não se aglomeravam numa só cidade; tendo-se dispersado pela terra, habitavam

em três tribos: numa¹⁹⁴ estavam as que Hipólita governava; numa outra, as que viviam em Licástia¹⁹⁵; e na terceira as arqueiras de Cadésia¹⁹⁶. No dia seguinte e na noite que sobreveio, passaram a terra dos cálibes.

Os cálibes

Estes não se ocupam da lavoura nem do cultivo das vinhas de frutos doces ao coração; e também não apascentam rebanhos nos prados cobertos de orvalho. Extraem ferro da terra acidentada, que usam como artigo de troca para sobreviver¹⁹⁷. Jamais para eles a aurora desponta sem estarem a trabalhar: no fumo negro das chamas suportam pesada tribulação.

Os tibarenos

Logo depois destes, ao dobrarem o promontório de Zeus Genetas, os heróis passaram incólumes ao largo da terra dos tibarenos. Aqui, quando as mulheres geram filhos com os maridos, são eles que gemem, prostrados nos leitos, com uma fita na cabeça; e elas cuidam da alimentação deles e afadigam-se a preparar-lhes os banhos das parturientes.

¹⁹⁴ Temiscira.

¹⁹⁵ Situa-se nas proximidades do rio Licasto; cf. Delage 1930: 173.

¹⁹⁶ Também designada Cadísia. Do nome desta localidade provém a designação das Amazonas como Cadesianas, que Hecateu refere, segundo o escólio *ad* 2.998-1000. O nome evoca o do rio Cadísio, mencionado nos périplos; cf. Delage 1930: 173.

¹⁹⁷ Exploram minas a céu aberto ou subterrâneas; cf. Vian 2002a: 224, n. 2.

Os mossinecos

- 1015 A seguir passaram o Monte Sagrado e a terra
em que habitam os mossinecos, nos Montes Mossinos,
dos quais provém o epónimo que aqueles recebem¹⁹⁸.
Têm uma justiça e leis sagradas diferentes dos outros.
Planeiam em casa tudo o que, pela lei sagrada, se faz
1020 às claras, entre os habitantes ou nas assembleias¹⁹⁹;
e fora de portas, em plena rua, sem merecer reprovação,
fazem aquilo de que nos ocupamos nas nossas moradas.
Não sentem pudor de se unirem em público. Mas, como porcos
de pasto, não se incomodam nem um pouco com os presentes,
1025 unem-se às mulheres promiscuamente, deitando-as no chão.
Por sua vez, o rei está sentado na mais alta “mossina”
e faz justiça certa sobre o seu numeroso povo:
se por acaso comete uma falta quando pronuncia sentenças,
– desgraçado! – mantêm-no fechado, sem comer, nesse dia.

Paragem na ilha de Ares e encontro com os filhos de Frixo

- 1030 Depois de lhes passarem ao largo, aproximaram-se
da ilha de Ares, no litoral em frente, navegando pela força
dos remos, de dia, pois o vento tépido abandonara-os
à hora do crepúsculo. Viram então surgir no céu uma ave
de Ares, habitante da ilha, que, batendo as asas por cima deles

¹⁹⁸ Cf. AR 2.381b.

¹⁹⁹ A expressão $\eta \epsilon \nu \iota \delta \eta \mu \omega / \eta \alpha \gamma \omicron \rho \eta$ tem sido objeto de várias interpretações: a oposição entre campo e cidade ou a opção por tornar o primeiro sintagma equivalente a uma expressão adverbial, “em público” (Vian 2002a: 225, n. 2). Em nossa opinião, pode tratar-se da oposição entre o privado e o público, na própria cidade.

- 1035 para os acompanhar, lançou sobre a nau que corria veloz
uma pena pontiaguda. Esta caiu sobre o ombro esquerdo
do divino Ilean, que, ferido, largou das mãos o remo.
Os heróis, ao verem a seta alada, ficaram atônitos.
Eribotes, que estava sentado ao lado daquele, puxou-lha
1040 e garrotou a ferida com o boldrié que libertou da bainha
da espada nele suspensa. Apareceu outro pássaro a voar
a seguir ao primeiro; mas o herói Clício, filho de Êurito
– ele havia retesado o arco recurvo²⁰⁰ e desferido
sobre a ave uma seta rápida –, acertou-lhe imediatamente.
1045 E esta, volteando, veio cair perto da veloz nau.
Anfidamas, filho de Áleo, contou-lhes o seguinte:
“Esta ilha perto de nós é a ilha de Ares: vós próprios
o sabeis por verdes estas aves. Eu não creio que as flechas
bastem para podermos desembarcar. Preparemos antes
1050 uma estratégia que nos socorra, se tencionais atracar,
recordando-vos das palavras de Fineu. Nem mesmo
Hércules, quando veio para a Arcádia, conseguiu
afugentar com as suas setas as aves que nadavam
no Lago Estinfalo: eu próprio o vi. Foi sacudindo
1055 na sua mão uma matraca de bronze e berrando
estrondosamente no altíssimo cume que as afugentou,
enquanto grasnavam, dominadas por medo horrendo.
Imaginemos agora uma estratégia deste género,
e contar-vos-ei primeiro aquilo que eu próprio imaginei:
1060 colocando nas cabeças os elmos de altos penachos,
metade de vós remarará e a outra metade equipará a nau

²⁰⁰ O epíteto ἀγκύλος, “recurvo”, serve no poema apenas para qualificar o arco, voltando a surgir quando Eros desferiu a seta que inflammará Medeia de amor por Jasão (3.157). Este uso provém dos Poemas Homéricos (*Il.* 5.209; 6.322; *Od.* 21.264).

- com lanças polidas e escudos; em seguida, levantai todos juntos, sem demora, um brado extraordinário, para que as aves fujam, atarantadas com a algazarra,
- 1065 com os penachos ondeantes e com as lanças em riste. Se chegarmos a aportar a esta ilha, levantai logo um gigantesco estrupido²⁰¹ com a atroada dos escudos.”
- Assim falou. E a estratégia de socorro agradou a todos.
- Sobre as cabeças colocaram os elmos de bronze,
- 1070 terrificamente resplandecentes, com penachos purpúreos ondeantes. Metade fazia avançar a nau e a outra metade, servindo-se de lanças e escudos, encobria-a.
- Tal como um homem reveste a casa de um teto de telhas que a enfeitam e a salvaguardam da chuva,
- 1075 e as telhas se ajustam exatamente umas às outras; assim eles coroaram a nau com um teto de escudos alinhados.
- Qual o clamor que surge de uma hoste inimiga de homens em marcha, quando as falanges embatem; tal o brado que da nau se espalhou, bem alto pelos ares.
- 1080 E nenhuma ave mais avistaram. De facto, assim que chegaram à ilha e percutiram os escudos, voaram para aqui e para ali miríades de pássaros assustados.
- Tal como o Crónida envia das nuvens um granizo cerrado que cai sobre as casas da cidade, e os habitantes
- 1085 ao ouvirem a saraiva ficam em silêncio sob os seus tetos, pois a estação do inverno não os apanha inesperadamente, por haverem reforçado as traves do teto; assim os pássaros

²⁰¹ Com a viagem de ida a chegar ao fim, temos, neste episódio da ilha de Ares, uma expressão muito semelhante à que encontramos no final da viagem de regresso, quando Talos cai, prostrado por Medeia. No livro II fala-se em *πελώριος δοῦπος*, “um gigantesco estrupido” (2.1067), e no livro IV em *δοῦπος ἀπείρων*, “um imenso estrupido” (4.1688).

lhes lançaram torrente de penas, levantando voo bem alto,
pélago acima, para as montanhas dos confins da terra.

1090 A pensar em quê mandara Fineu atracar neste lugar
a divina equipagem dos heróis? E que vantagem
estava prestes a chegar em resposta aos seus anseios?

Os filhos de Frixo iam à cidade de Orcómeno,
tendo partido de Ea, da casa de Eetes Citeu. Embarcaram
1095 numa nau colca para tomarem posse da infinda riqueza
do pai, que ao morrer os havia incentivado a esta viagem.
E naquele dia estavam já muito perto da ilha
quando Zeus soltou o ímpeto do vento Bóreas
e sinalizou com chuva a chegada húmida de Arcturo.

1100 Durante o dia, um vento ligeiro havia sacudido levemente
as folhas nas montanhas, nos ramos mais altos. De noite,
abateu-se gigantesco sobre o mar e com as suas rajadas
levantou vagas, silvando. Uma negra neblina cobriu o céu.
Em parte nenhuma os astros brilhavam esplendentes

1105 por entre as nuvens; uma escuridão tenebrosa
pairava. Ensopados, com medo da odiosa morte,
os filhos de Frixo eram levados ao sabor das vagas.
O ímpeto do vento arrancou as velas e, a seguir, desfez a nau
em duas, sacudindo-a na ondulação. Então, por influência

1110 dos deuses, os rapazes, que eram quatro, agarraram uma
das numerosas traves da gigantesca embarcação, as quais,
dantes ajustadas com cavilhas pontiagudas, se dispersaram
no naufrágio. As vagas e as rajadas de vento levaram-nos
desamparados à ilha, escapando por pouco à morte,

1115 e, nesse momento, desabou um temporal prodigioso:
chovia no mar, na ilha e em toda a região situada
em frente da ilha, onde habitavam os colossais mossinecos.
A arremetida de uma vaga lançou no litoral da ilha,
duma assentada, os filhos de Frixo agarrados à possante

1120 trave, na noite sombria. O dilúvio enviado por Zeus cessou
ao nascer do sol. Aproximando-se, foram logo ao encontro
uns dos outros²⁰². Argo, antes de todos, tomou a palavra:

“Por Zeus Vigilante, suplicamos-vos, a vós, homens,
que sejais bem intencionados e satisfaçais quem necessita.
1125 No mar sobrevieram fogosas tempestades que dispersaram
todas as traves da deplorável nau em que embarcáramos,
na premência de atravessar as ondas. Por isso abraçamos
os vossos joelhos. Quem dera que acedais a dar-nos algo
que nos cubra o corpo e nos leveis convosco,

compadecendo-vos

1130 de homens com a vossa idade e em apuros. Respeitai
os hóspedes suplicantes, por Zeus Protetor dos Hóspedes
e dos Suplicantes, pois ambos, suplicantes e hóspedes,
pertencem a Zeus, que também é assim vigilante connosco.”

O filho de Éson interrogou-o cautelosamente,
11350 pensando que se cumpriam as profecias de Fineu:

“Bem intencionados, conceder-vos-emos já tudo isso.
Mas agora explica-me com verdade em que terra
habitais, que premência vos impele a navegar pelo mar fora,
qual o vosso íncrito nome e a vossa raça.”

1140 Argo, sentindo-se impotente em tal apuro, respondeu-lhe:

“Um Eólida de nome Frixo foi da Hélade para Ea;
falo com rigor e vós próprios tê-lo-eis ouvido algures.
Este Frixo chegou à cidade de Eetes montado num carneiro
que Hermes tornou de ouro – ainda agora podeis ver
1145 o velo estendido nos luxuriantes ramos de um carvalho.
Depois sacrificou o animal, segundo os conselhos recebidos²⁰³,

²⁰² Os quatro filhos de Frixo e os Argonautas.

²⁰³ O possessivo neste verso tem sido objeto de discussão, podendo ser tomado como referente o carneiro, Zeus ou Hermes; cf. Vian 2002a:

a Zeus Crónida, entre os deuses o Protetor dos Fugitivos. Eetes recebeu-o no palácio e entregou-lhe a filha Calcíope em casamento, sem dote, tamanho era o contentamento
1150 do coração dele. É de ambos que somos filhos. Entretanto o venerável Frixo já morreu na morada de Eetes, e nós, dando imediata atenção às ordens de nosso pai, íamos a Orcómeno, por causa dos pertences de Átamas²⁰⁴. Se também desejas saber o nosso nome, este aqui
1155 tem o nome de Citissoro, aquele ali de Frôntis e aquele outro de Melas; quanto a mim, chamai-me Argo.”

Assim falou. E os heróis ficaram deleitados com o encontro e colocaram-se em redor deles, profundamente atónitos²⁰⁵. Por sua vez, Jasão respondeu-lhe como convinha:

1160 “Ao virdes ter connosco como parentes do lado paterno, estais a suplicar a pessoas bem intencionadas que vos assistam nos vossos apuros. Na verdade, Creteu e Átamas eram irmãos e eu, que sou neto de Creteu, venho precisamente da Hélade para a cidade de Eetes com estes companheiros.
1165 Mas haveremos de contar isto mais vezes uns aos outros; agora vesti-vos. Foi por influência dos imortais, penso, que vós chegastes às minhas mãos necessitados de ajuda.”

Disse e da nau tirou as roupas para se vestirem. Em seguida foram todos, sem demora, ao templo de Ares,
1170 para sacrificar ovelhas. Colocaram-se pressurosos em volta do altar, feito de seixos: este ficava no exterior do templo

283. Em 4.120-1, o sacrifício do carneiro resulta claramente de uma ordem de Zeus. Sobre esta polémica, cf. introdução p. 44, n. 67.

²⁰⁴ Quando Calcíope revê os filhos e recapitula a causa da sua partida, recorre a esta expressão κτεάνων Ἀθάμαντος ἔκητι, “por causa dos pertences de Átamas” (3.266).

²⁰⁵ Na segunda parte do poema é a morte de Mopso que deixa os heróis περιθῆμβεις, “profundamente atónitos” (4.1528).

sem teto; no interior encontrava-se uma pedra negra sagrada,
à qual outrora todas as Amazonas faziam preces. Não tinham
como lei sagrada queimar, ao chegarem do litoral em frente,
1175 ovelhas ou bois como ofertas expiatórias sobre este altar,
mas trinchavam os cavalos de que cuidavam durante o ano.
Depois do sacrifício, terminado o festim que haviam preparado,
o Esónida começou, nessa precisa altura, a falar-lhes assim:

“Zeus vê cada pormenor; é garantido que nada conseguimos
1180 esconder-lhe, sejamos tementes aos deuses ou injustos²⁰⁶.

Assim como evitou que o vosso pai fosse assassinado
pela madrasta e lhe ofereceu uma riqueza sem fim,
também vos manteve em segurança, salvando-vos
de uma deletéria tempestade. Com esta nau
1185 é possível ir aqui ou ali, onde nos aprouver,
seja a Ea seja à opulenta cidade do divino Orcómeno.
Atena projetou esta nau e para ela cortou brônzeas
traves, vindas dos cumes do Pélion; Argo construiu-a
com a deusa. A vossa, funestas vagas a dispersaram,
1190 mesmo antes de chegar às rochas que, no estreito
do Ponto, se lançam uma contra a outra sem cessar.
Vamos! Sede vós próprios os que nos vão socorrer,
a nós, impacientes por levar para a Hélade o velo de ouro,
e sede nossos guias de navegação, uma vez que vou remir
1195 o sacrifício de Frixo que encolerizou Zeus contra os Eólicas²⁰⁷.”

Disse, encorajando-os. Mas desagradou-lhes o que ouviram.
Explicaram que Eetes não seria bondoso para com gente

²⁰⁶ Este contraste entre ser-se temente aos deuses ou injusto provém de dois versos formulares da *Odisseia* (6.121; 9.176; 13.202).

²⁰⁷ Zeus estabeleceu que só depois de recuperarem o velo de ouro os Eólicas remiriam a mancha de Átamas, que estava disposto a sacrificar o filho Frixo, por influência de Ino, a sua segunda mulher (3.191, 336-9).

impaciente por levar o velo do carneiro. Argo falou assim, censurando-os por se afadigarem em tal empresa:

- 1200 “Amigos, na medida das nossas forças, podereis contar com a nossa ajuda, por pequena que seja, quando tiver de ser. Mas Eetes é terrivelmente dotado de deletéria crueldade; por isso sinto um medo incomensurável pela expedição. Ele declara ser descendente de Hélío e em seu redor
- 1205 habitam os imensos povos dos colcos; na voz medonha e na enorme força igualará por certo Ares. Arrebatá-lo sem que Eetes se aperceba, não será mais fácil; um dragão imortal e insone guarda-o, olhando em redor e dando voltas, um ser que a própria Terra
- 1210 gerara nas encostas do Cáucaso, sob a Rocha Trifónia, onde dizem que Tífon, ferido pelo relâmpago de Zeus Crónida, por ter atingido o deus com as resistentes mãos²⁰⁸, derramou da cabeça gotas de sangue quente. E assim chegou às montanhas e à planície de Nisa, onde
- 1215 ainda agora jaz debaixo das águas do lago Serbónide.”

Assim falou. Muitas foram as faces que ficaram lívidas ao ouvir mencionar uma tal prova. A seguir Peleu reagiu com palavras ousadas, dizendo: “Caríssimo²⁰⁹, não nos assustes tanto com o discurso.

²⁰⁸ Tífon tinha vários braços e atingiu Zeus com eles. A expressão *στιβαρὰς ἐπορέξατο χεῖρας* é igual, nos termos, à que se encontra em 1.1313 (*στιβαρῇ ἐπορέξατο χεῖρῖ*), embora não consigamos manter a mesma opção para verter o verbo. Fränkel 1961: 109 propõe a conjectura em dativo para o verso 1212, mas Vian 2002a: 234, n. 1 considera o acusativo bem confirmado.

²⁰⁹ O vocativo *ἡθεῖε*, “caríssimo”, está a ser usado ironicamente por Peleu e volta a surgir na fala de Cípris, quando Hera e Atena a visitam (3.52). Nos Poemas Homéricos é usado por Páris quando pede desculpa a Heitor pelo seu atraso (*Il.* 6.518) e por Menelau quando se dirige ao irmão (*Il.* 10.37).

- 1220 Não somos assim tão falhos de vigor que sejamos piores
do que Eetes na prova das armas. De facto, penso que nós,
que para aí nos dirigimos, somos bons conhecedores da guerra,
pois nascemos quase todos do sangue dos bem-aventurados.
Por isso, se aquele não nos conceder o velo de ouro
1225 por amizade, espero que os povos colcos não o auxiliem.”
E assim conversavam uns com os outros até que,
saciados com a refeição da noite, adormeceram de novo.

Continuação da viagem e chegada à Cólquida

- De manhã, quando acordaram, soprava uma brisa suave²¹⁰;
hastearam as velas que enfunavam com as rajadas de vento.
1230 Deixaram para trás rapidamente a ilha de Ares.
Sobrevindo a noite, passaram ao largo da ilha de Fílira.
Ali, quando Titono era soberano no Olimpo e Zeus
ainda estava a ser criado numa gruta de Creta, entre os curetes
do Ida, Crono Urânida enganou Reia e deitou-se com Fílira.
1235 Estavam eles em plena cópula quando a deusa
os surpreendeu; Crono levantou-se do leito
e pôs-se a correr, semelhante, na compleição, a um cavalo;
Fílira a Oceânide deixou os povoados daquela região,
por pudor, e foi para os vastos Montes Pelagos,
1240 onde deu à luz o gigantesco Quíron, metade cavalo,
metade deus, por causa da metamorfose do pai no leito.
Dali passaram ao largo dos mácronas, a terra sem fim
dos bequires, os arrogantes sapires e, depois destes,
os bizeres. Sulcavam continuamente as águas,

²¹⁰ Apolónio usa como epíteto próprio do vento o termo *ευκραής*, “suave” (4.891). Este uso não é homérico.

1245 pressurosos, levados por ventos tépidos para bem distante.

Ao avançarem apareciam os confins do Ponto,
surgiam as íngremes falésias das montanhas do Cáucaso,
onde, de membros atados com infrangíveis correntes
de bronze às acidentadas rochas, Prometeu alimentava
1250 com o seu fígado uma águia que, incansável, ressurgia.
Ao cair da tarde, viram-na a voar por cima do ponto mais alto
da nau, emitindo um silvo agudo – estava perto das nuvens,
mas, ainda assim, sacudia todo o velame com o bater das asas.
De facto, não tinha a compleição de uma ave dos ares
1255 e movia as suas asas²¹¹ como se fossem remos bem polidos.
Não muito tempo depois ouviram a voz fecunda em gemidos
de Prometeu, a quem aquela arrancava o fígado. O ar vibrava
com os seus lamentos, até que eles perceberam que a águia
carníface surgia de novo da montanha, pelo mesmo caminho.

1260 Graças à perícia de Argo, chegaram durante a noite
à vasta corrente do Fásis e aos distantes confins do Ponto.
De imediato arriaram as velas e a verga, dispondo-as
no seu cavalete cavado²¹²; em seguida desprenderam o próprio
mastro que deitaram. E rapidamente, pela força dos remos,
1265 transpuseram a forte corrente do rio, que ia cedendo,
borbulhando por todo o lado. Tinham à sua direita
o Cáucaso escarpado e a cidade citeia de Ea;
do outro lado, a planície de Ares e os bosques sagrados
do deus, onde um dragão, à espreita, guardava o velo
1270 estendido nos luxuriantes ramos de um carvalho.

²¹¹ A estas penas de voo situadas nas asas dá-se precisamente a designação de rémiges.

²¹² A *ιστοδόκη*, que traduzimos por “cavalete”, seria uma peça de madeira própria para a função descrita no momento de arriar as velas, nela se colocando também o mastro. Nos Poemas Homéricos é referida apenas em *Iliada* 1.434.

O próprio Esónida, com a sua taça de ouro, derramou
no rio doces libações de vinho puro, em honra da Terra,
dos deuses da região e das almas dos heróis mortos.

Ajoelhado, implorou que de bom grado os protegessem
1275 e que auspiciosamente recebessem as amarras da nau.
Depois de tais súplicas, Anceu disse, de imediato, o seguinte:

“Eis que chegámos à terra da Cólquida
e à corrente do Fásis. É o momento de congeminar
entre nós se sondaremos Eetes com brandura ou se a saída
1280 estará à nossa disposição numa arremetida diferente.”

Assim falou. E, seguindo os encorajamentos de Argo,
Jasão incitou a manter a nau na água com as pedras de
ancoragem,
depois de a ter conduzido para um pântano de sombra densa,
perto do local aonde haviam chegado. Aí passaram a noite
estrelada²¹³.

1285 Não muito tempo depois, despontou a Aurora, como ansiavam.

²¹³ Como forma de sublinhar o paralelismo entre a viagem de ida e a de regresso, esta expressão κνέφας ηὐλίζοντο, “passar a noite estrelada”, também se encontra quando os heróis chegam a Creta (4.1689).

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES* *GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS*

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Péricles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais - Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais - Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH /CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais - Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibiades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).
21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).

22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquílides. Odes e Fragmentos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecfrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Planudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfoses (Μεταμορφώσεων Συνάγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).

47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfecundação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
56. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epitáfios (livro VII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).
57. Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão: *Plutarco. Vidas Paralelas – Alexandre e César*. Tradução do grego, introdução

e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).

58. Aldo Dinucci: *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
59. Karen Amaral Sacconi: *Fragmentos de Aristófanes (Aristophanis fragmenta)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
60. Reina Marisol Troca Pereira: *Eratóstenes. Constelações do Zodíaco*. Introdução, tradução do grego, notas e índices (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
61. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Vidas Paralelas: Aristides-Catão Censor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).
62. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Epigramas de Banquete e Burlescos: (Livro XI)*. Introdução, tradução e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).
63. Carlos A. Martins de Jesus: *História Augusta. Vol. II. Vidas de Hêlvio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nigro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalo*. (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).